



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Estudos da Linguagem

INÊS ETULAIN

FÚRIA FEMINISTA: ANÁLISE DO ESTILO LINGUÍSTICO-DISCURSIVO DE UMA
COLABORADORA DO BLOG QG FEMINISTA

CAMPINAS
2021

INÊS ETULAIN

FÚRIA FEMINISTA: ANÁLISE DO ESTILO LINGUÍSTICO-DISCURSIVO DE UMA
COLABORADORA DO BLOG QG FEMINISTA

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Português.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Anna Christina Bentes da Silva

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Tiago Pereira Nocera - CRB 8/10468

Et83 Etulain, Inês, 1999-
Fúria feminista : análise do estilo linguístico-discursivo de uma colaboradora do blog QG Feminista / Inês Etulain. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Anna Christina Bentes da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Feminismo. 2. Radicalismo. 3. Sociolinguística. 4. Linguagem e línguas - Estilo. 5. Feministas - Brasil - Blogs. I. Silva, Anna Christina Bentes da, 1963-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Feminist fury: analysis of the linguistic-discursive style of a collaborator of the blog QG Feminista

Palavras-chave em inglês:

Feminism

Radicalism

Sociolinguistics

Language and languages - Styles

Feminists - Brazil - Blogs

Titulação: Licenciado

Banca examinadora:

Karina Menegaldo Dias

Rafaely Carolina da Cruz

Data de entrega do trabalho definitivo: 02-12-2021

*“Nolite te bastardes carborundorum. Don't let
the bastards grind you down.”*

Margaret Atwood

AGRADECIMENTOS

Este trabalho deve seu primeiro agradecimento à professora Anna Christina Bentes da Silva, que me orienta desde meu segundo ano de faculdade, em nosso projeto de iniciação científica. Agradeço por todas as oportunidades que tive por nossas pesquisas juntas, todos os trabalhos e nossa viagem para Belém. Nós construímos uma relação de parceria nesses anos juntas que me constitui enquanto aluna, pesquisadora e pessoa.

Agradeço à minha família, que sempre me apoiou na minha escolha de estudar Letras e sempre me incentivou nos meus caminhos de estudo e pesquisa. Minha mãe, Ediana Cristina Roquette Loures, que compartilha do meu amor por linguística, e meu pai, Carlos Raul Etulain, que me inspira a ser professora. Agradeço aos dois pelas oportunidades à vida toda, o carinho, o amor e o incentivo a seguir minha vocação.

Agradeço à minha banca, Rafaely Cruz e Karina Menegaldo por terem se disponibilizado a avaliar meu trabalho. Agradeço também à Rafaely e à Jaqueline Almeida por me acompanharem em todo meu percurso de monografia desde o princípio. Nossa parceria vai além deste trabalho, e sou muito grata por ter excelentes pesquisadoras e colegas em minha banca.

Agradeço a todos meus amigos que me acompanharam e acompanham desde antes da faculdade até o fim de nossas vidas. Agradeço o grupo “MIGOS”, pois somos amigos desde a infância e nunca nos abandonamos, o grupo “as Cobrinhas”, pois, como colegas de faculdade, seguimos unidas durante todo este percurso, o grupo “13 Confirma”, pois nosso carinho vai além de estudos em comum, e todos os outros amigos que me acompanharam durante toda minha vida.

Agradeço, por fim, às autoras do blog QG Feminista, pela dedicação em estudar e disseminar uma vertente do feminismo pouco divulgada no Brasil e que é alvo de muito preconceito. A coragem das autoras de posicionar-se bravamente em momentos de tanta misoginia e perseguição às mulheres é digna de aplausos. Agradeço pela coragem, pois me faz ter coragem de seguir lutando pelas mulheres.

RESUMO

Este trabalho teve como principal motivação o meu interesse em direcionar um olhar sociolinguístico sobre o blog QG Feminista, que revela a movimentação de mulheres envolvidas na vertente feminista radical no Brasil. Mais especificamente, meu olhar se voltou para uma autora do blog de pseudônimo "Furiosa". Meu objetivo geral é o de produzir uma análise qualitativa do estilo sociolinguístico dessa autora, que sempre me chamou a atenção nos meus estudos sobre essa vertente do feminismo. Para conseguir alcançar o objetivo mais geral, nos baseamos em dois conceitos: o conceito de gênero do discurso, na relação com o conceito de texto, e o de estilo sociolinguístico. Desenvolvemos também uma metodologia para olhar a produção do blog como um todo, observando todas as publicações no site desde 14 de setembro de 2019 até 29 de outubro de 2020. Coletamos, ao todo, 383 textos de 38 autoras. Esse material foi organizado em tabelas sobre o perfil das autoras do blog, sobre os gêneros do discurso produzidos pelo blog e sobre a produção específica da autora selecionada para as análises. A partir desses levantamentos, selecionamos oito textos de Furiosa para serem analisados, considerando o critério de representatividade dos gêneros produzidos por ela ao longo de um ano. Nossa hipótese mais geral: a autora mobiliza determinados recursos estilísticos, combinando-os com as características do gênero do discurso em uso de forma a se destacar no interior da produção do blog. Os resultados das análises nos levaram à postulação de três estilos de texto: o aconselhador, o pedagógico e o acadêmico. Esses resultados mostram que a autora "navega" por diferentes estilos de forma a chamar a atenção de seus/suas potenciais leitores/as e convencê-los/as sobre a validade de seu ponto de vista sobre as relações de gênero.

Palavras-chave: Feminismo radical, estilo sociolinguístico, gêneros do discurso, Furiosa, QG Feminista.

ABSTRACT

This work was mainly motivated by my interest in directing a sociolinguistic look at the blog QG Feminista, which reveals the movement of women involved in the radical feminist trend in Brazil. More specifically, my gaze shifted to an author of the pseudonym "Furiosa" blog. My general objective is to produce a qualitative analysis of the sociolinguistic style of this author, who has always caught my attention in my studies on this aspect of feminism. In order to achieve the most general objective, we base ourselves on two concepts: the concept of speech genre, in relation to the concept of text, and that of sociolinguistic style. We also developed a methodology to look at the blog's production as a whole, looking at all publications on the site from September 14, 2019 to October 29, 2020. We collected a total of 383 texts from 38 authors. This material was organized into tables on the profile of the blog's authors, on the speech genres produced by the blog and on the specific production of the author selected for the analyses. From these surveys, we selected eight texts by Furiosa to be analyzed, considering the criterion of representativeness of the genres she produced over a year. Our most general hypothesis: the author mobilizes certain stylistic resources, combining them with the characteristics of the discourse genre in use in order to stand out within the blog's production. The results of the analyzes led us to postulate three text styles: the advisor, the pedagogical and the academic. These results show that the author "navigates" through different styles in order to catch her potential readers' attention and convince them of the validity of her point of view on gender relations.

Keywords: Radical feminism, sociolinguistic style, discursive genres, Furiosa, QG Feminista.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Descrição do perfil social das autoras do blog QG feminista.....	p. 49
Tabela 2 - Gênero do discurso no blog QG Feminista	p. 52
Tabela 3 - Furiosa	p. 53
Tabela 4 - Estilos de textos de Furiosa	p. 58
Tabela 5 - Traços estilísticos dos textos de Furiosa	p. 60

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1: Contextualização do objeto de estudo	11
Breve contextualização histórica do movimento feminista	11
Feminismo Radical	15
QG Feminista e suas pautas	18
Capítulo 2: Pressupostos teóricos	23
2.1. Gêneros discursivos	23
2.1.1. Reportagem:	25
2.1.2. Divulgação científica:	26
2.1.3. Artigo de opinião:	28
2.1.4. Resenha:	29
2.1.5. Relato:	31
2.1.6. Ensaio:	32
2.1.7. Carta aberta:	34
2.1.8. Conselho:	35
2.1.9. Texto de instrução:	38
2.1.10. Poema:	39
2.1.11. Podcast:	40
2.2. Estilo linguístico	43
Capítulo 3: Metodologia	46
3.1. Descrição do corpus	46
3.1.1. QG Feminista	46
3.1.2. Furiosa	53
Capítulo 4: Análise	58
4.1. O estilo linguístico-discursivo de Furiosa	58
4.1.1. Textos aconselhadores	64
4.1.2. Textos pedagógicos	70
4.1.3. Textos acadêmicos	74
Considerações finais	78
Referências bibliográficas	80
Anexos	83
Apêndices	166

Introdução

Este trabalho teve como principal motivação o meu interesse em direcionar um olhar sociolinguístico sobre o blog QG Feminista, mais especificamente sobre uma autora do blog, e sobre a movimentação de mulheres envolvidas na vertente feminista radical no Brasil. O QG Feminista já era parte do meu interesse antes do início da pesquisa. Esse blog feminista constituía uma de minhas fontes de estudo dessa corrente do feminismo com a qual eu me identificava. Meu envolvimento com a área da Sociolinguística e da Linguística Textual com interesse de pesquisa se iniciou no ano de 2018, com um projeto de iniciação científica PIBIC intitulado *Processos de Estilização nas Redes Sociais: análise de tweets*, finalizado no ano de 2019, sob a orientação da professora Anna Christina Bentes da Silva. No projeto, analisamos os processos linguístico-discursivos de estilização de alguns usuários do *Twitter*.

O desenvolvimento de meu trabalho de conclusão de curso se insere no projeto de pesquisa (BENTES, 2020), apoiado pelo CNPq, intitulado *Categorização social, tópico discursivo e intertextualidade em um mapa brasileiro de coletivos de mulheres (MAMU)*, que pretende dar continuidade à proposta do MAMU, um mapa coletivo de mulheres que reunia organizações declaradas feministas ao redor do Brasil. É no interior do corpus arregimentado por este projeto de pesquisa que nasce a proposta desta monografia, dado que nos propusemos a analisar um *corpus* menor.

Sendo assim, estabelecemos que a autora Furiosa, que escreve para o blog QG Feminista, seria um objeto de pesquisa interessante. O pseudônimo sob o qual a autora escolheu se posicionar já é o primeiro indicador de seu comportamento no site, ou, pelo menos, da imagem que ela tenta estabelecer de si enquanto autora. E, ao acompanhar suas publicações, fica evidente que há um trabalho estilístico que perpassa cada texto. Nossa hipótese é a de que a autora utiliza recursos estilísticos e de gênero de acordo com a função de cada texto.

Era preciso, portanto, entender se o comportamento estilístico de Furiosa era realmente uma característica sua como autora ou se os outros textos do site mostravam os mesmos padrões linguístico-discursivos. Para tanto, iniciamos nosso processo metodológico, reunindo todas as publicações do site no período de onze meses e categorizando-as de acordo com seus tópicos e gêneros discursivos.

Optamos por analisar o período de 14 de setembro de 2019 até 29 de outubro de 2020 para que pudéssemos englobar todos os textos presentes no site até o momento. Com isto, conseguimos uma visão mais ampla do comportamento de todas as outras autoras do site, o que nos permitiu recortar e identificar as especificidades do estilo discursivo de Furiosa.

No período analisado, Furiosa publicou quarenta e dois textos, dentre os quais selecionamos oito para analisar neste trabalho. Nossa seleção foi feita considerando, principalmente, os gêneros discursivos mais utilizados por ela nesse período e textos que apresentavam recursos estilísticos recorrentes. Considerando tais aspectos, elaboramos os objetivos gerais e específicos que guiaram nossa pesquisa. Nosso objetivo geral é o de analisar o estilo linguístico-discursivo de uma colaboradora do QG Feminista. Os objetivos específicos são: a) descrever o perfil social da colaboradora; b) fazer um levantamento dos gêneros do discurso predominantes no site QG Feminista; c) descrever os gêneros do discurso produzidos pela colaboradora; d) analisar o estilo dos gêneros discursivos produzidos pela colaboradora.

Como tentamos expor anteriormente, este trabalho está inserido em um contexto de pesquisa sobre as organizações feministas ao redor do Brasil. Sendo assim, consideramos necessária uma contextualização da história do movimento feminista no mundo e no Brasil, para que possamos compreender as origens, os desdobramentos e as movimentações feministas atualmente. Mais especificamente a respeito do QG Feminista, precisamos entender de que forma se define e se posiciona politicamente a vertente feminista radical, sua origem e suas pautas mais importantes, uma vez que o blog em questão se define como pertencente a esta vertente, assim como as autoras que publicam ali.

Capítulo 1: Contextualização do objeto de estudo

O movimento feminista, assim como qualquer movimento político-social, é marcado historicamente por diferentes momentos definidores de suas pautas e propostas políticas (tanto práticas quanto teóricas). Para compreender a história do feminismo, utilizamos como base teórica o artigo de Elizabete Rodrigues da Silva, *Feminismo radical - Pensamento e movimento* (2008), que retoma os processos históricos que definiram as diferentes ondas do feminismo, bem como contextualiza uma de suas vertentes (a radical) desde seu surgimento, trazendo também uma descrição a respeito do movimento no Brasil.

1.1. Breve contextualização histórica do movimento feminista

O movimento feminista pode ser concebido como constituído por três ondas históricas cujas pautas e posicionamentos são diferentes e definidos de acordo com as principais demandas das mulheres de cada época. Silva (2008) inicia seu artigo retomando o processo histórico que marcou o surgimento do movimento feminista de primeira onda, cuja pauta principal era a reivindicação pelo voto feminino. A autora aponta que a primeira obra a dar suporte ao movimento foi *Reivindicação dos direitos da mulher*, de Mary Wollstonecraft, publicada em 1792. O livro foi pioneiro no processo de denúncia da posição subalterna da mulher na sociedade inglesa da época, especialmente levando em consideração a Revolução Francesa e a luta dos homens para garantir seus direitos inalienáveis. Mesmo com esta luta, não havia espaço para que as mulheres reivindicassem os mesmos direitos. É nesse sentido que Silva (2008) recorre a Mill (1985) para afirmar que a posição social da mulher na época era comparável à de escravos.

Naquele contexto inicial da luta das mulheres, Mary Wollstonecraft publica o livro que dá origem ao movimento. Este momento é considerado como a primeira onda do feminismo. O movimento sufragista é o principal grupo deste período, que era uma vanguarda política na defesa das pautas de interesse das mulheres de então, dentre as quais se destacavam:

o acesso à educação pública, a preocupação com questões sociais ligadas à família – proteção à maternidade – e ao trabalho – direito das mulheres trabalhadoras, distribuídas, respectivamente, na perspectiva igualitária baseada no humano universal e na perspectiva dualista baseada na função social da maternidade (SILVA, 2008, p. 25).

Silva (2008) ressalta também que a primeira onda feminista é marcada por um pensamento liberal que predominava nos movimentos político-sociais da época, uma vez que as pautas defendidas diziam respeito aos direitos individuais dos cidadãos. Sendo assim, no surgimento do feminismo, essa mentalidade liberal é fundadora, orientando a luta feminista naquele momento.

Em meio à contextualização histórica geral do movimento feminista, Silva também destaca o surgimento desse movimento no Brasil daquela época, em conjunto com o processo que estava acontecendo em outros países. A autora apresenta Nísia Floresta como “a primeira feminista brasileira a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada grande imprensa” (Silva, 2008, p. 25-26). Floresta fez uma tradução livre da obra de Wollstonecraft no ano de 1832, sendo que tal texto tornou-se a base fundadora do feminismo no Brasil.

Silva (2008) ressalta que, depois da conquista do voto feminino, eclodem, durante a Primeira Guerra Mundial, diversas crises econômicas e, nesse contexto, o movimento feminista sofre reformas e mudanças que dariam origem ao que agora chamamos de feminismo de segunda onda. A autora aponta alguns fatores que teriam possibilitado o enfraquecimento da mentalidade liberal no pensamento feminista; como consequência disso, ocorre o processo de modificação do movimento e das pautas defendidas. Segundo ela,

Vários fatores contribuíram para uma nova tomada de consciência. Dentre eles, destacam-se as conquistas do próprio Feminismo Liberal, tanto no campo da produção teórica, quanto no campo da prática, como por exemplo, “A Mística Feminina”, publicada em 1963, obra de Betty Friedan – a máxima representante desta corrente – e a Organização Nacional para as Mulheres – (NOW), criada em 1966, por esta mesma autora; o progresso educativo das mulheres ao longo do século XX; a insatisfação causada pelo recuo das mulheres no processo de desmobilização do movimento; e a percepção de um contexto onde se alargava, cada vez mais, o fosso entre a cidadania e a autonomia das mulheres enquanto indivíduos. (SILVA, 2008, p. 26).

A autora defende, portanto, que algumas das conquistas femininas no século XX fizeram com que as mulheres tomassem consciência de que o problema a ser enfrentado era maior do que a princípio se mostrava. Com isso, houve uma ruptura do movimento feminista com a corrente liberal, que é o que marca a segunda onda feminista, fazendo emergir a vertente feminista radical. Neste momento (especialmente nos Estados Unidos nas décadas de 60 e 70), as feministas

passaram a pensar mais profundamente na origem do problema de desigualdade de sexo.

O feminismo de segunda onda, portanto, é marcado por intensas e extensas reflexões sobre as diferenças sexuais que designariam à mulher posição subalterna na sociedade patriarcal - conceito este desenvolvido nesse momento. Silva aponta três obras principais que guiaram o movimento feminista de segunda onda e que são, até hoje, textos base da teoria feminista (principalmente a radical): *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, de 1949; *A Dialética do Sexo*, de Shulamith Firestone, de 1970; e *Política Sexual*, de Kate Millet, de 1971. Grosso modo, as obras citadas têm todas o propósito de apontar, cada uma à sua maneira, as origens da opressão feminina, contrapondo-se ao determinismo biológico que era utilizado como argumento para defender a posição subalterna da mulher.

É neste momento, aponta Silva, que se dá o surgimento da vertente feminista radical. A corrente nasce com a proposta de identificar as origens da opressão feminina e, a partir disso, pautar suas reivindicações. Tais pontos serão mais explorados na próxima sessão.

Há, ainda, a terceira onda feminista, também conhecida por pós-feminismo, que surgiu nos anos 70 nos Estados Unidos, baseando-se nas ideias postuladas principalmente por Jacques Derrida, Michael Foucault e, posteriormente, nos anos 2000, por Judith Butler. Segundo Jesus e Sacramento (2014), Derrida foi pioneiro no movimento ao questionar o binarismo dos conceitos modernos, promovendo um ideal de desconstrução do sexo e considerando que os conhecimentos ocidentais são baseados em pares binários, o que teria norteador as relações de poder. A partir dessas ideias, o movimento pós-estruturalista passa a questionar as categorias homem e mulher, tendo como princípio a ideia de que tais papéis são performáticos e, portanto, são questionáveis e negociáveis.

Esta vertente se propõe a considerar os atos de fala performativos da linguagem (JESUS E SACRAMENTO, 2014, p. 198) como estruturadores de categorias sociais. Os autores do feminismo de terceira onda se propõem a questionar as ideias do feminismo de segunda onda, estabelecendo que, ao considerar o sexo feminino como a categoria oprimida de gênero, excluiriam-se outras categorias também influenciadas pelo patriarcado e pelo binarismo. Ao contrário das feministas de segunda onda, o movimento pós-estruturalista considera o gênero como uma construção cultural, concebido a partir de conhecimentos,

instituições, rituais, etc. de cada cultura, e tal construção seria a organizadora das realidades sociais de cada cultura (SCOTT, 1994 *apud* JESUS E SACRAMENTO, 2014, p. 199). Segundo este movimento, as teorias feministas de segunda onda não dariam conta de categorias além do sexo para compreender as opressões de gênero, como raça e classe. Além disso, a proposta pós-feminista consideraria “questões que cercam o sujeito pós-moderno como a identidade, a representação e as categorias sexuais, entendidas como necessárias à construção do sujeito ocidental” (JESUS E SACRAMENTO, 2014, p. 191). Nesse sentido, o foco desta vertente passa a ser não apenas em categorias sociais que estruturam instituições opressoras, mas nas construções identitárias dos sujeitos. Os gêneros, nessa perspectiva, passam a ser baseados em modelos performativos, segundo o movimento, e que superam o determinismo biológico.

A ideia de performance para este movimento baseia-se nas teorias linguísticas de Austin (1998), que propõe que a linguagem faz-se por meios de “atos de fala” que “constroem o sentido do que é aceito ou não, pela sociedade” (JESUS E SACRAMENTO, 2014, p. 201). Sendo assim, os pós-estruturalistas consideram que os atos performativos, como os atos de fala, legitimam ou deslegitimam certos comportamentos aos sujeitos dentro da cultura. Com isso, consideram que há certas representações do que é masculino e feminino dentro das perspectivas binaristas de gênero, e tais perspectivas excluem tudo que foge destas representações, tanto em questões sexuais, quanto performativas.

Em suma, a terceira onda feminista, ou o pós-feminismo, tem a proposta de questionar o “essencialismo biológico” da segunda onda feminista, considerando que até as concepções de sexo biológico são questionáveis e são perpassadas pela cultura que as determinam e categorizam. Nesse sentido, tal movimento propõe-se a estudar as identidades extra-binárias que não correspondem aos modelos heterossexuais binários postulados pelo patriarcado, ou seja, questionando a existência de homem e mulher como categorias universais (JESUS E SACRAMENTO, 2014) e voltando seu foco para as performances de gênero que compõem as identidades diferentes.

Mesmo assim, o surgimento desta onda não foi definitivo para o fim da teorização feminista radical, baseada na segunda onda feminista. Ao contrário, o movimento pós-feminista sofreu uma bifurcação clara entre vertentes que, a partir dali, se estabeleceriam no movimento feminista. As propostas feministas radicais

questionam o pós-estruturalismo da terceira onda e vice-versa até a atualidade, o que indica que há ainda muita discordância dentro do feminismo. Veremos, neste trabalho, como a perspectiva feminista radical se estabeleceu a partir do feminismo de segunda onda e como esta vertente se renova atualmente no Brasil também por meio do site QG Feminista.

1.2. Feminismo Radical

O feminismo radical, como apontado acima, surgiu nos anos 60 nos Estados Unidos em conjunto com o processo de estabelecimento do que hoje é considerada a segunda onda do feminismo. O movimento feminista passou, nesse processo, a abandonar o liberalismo como estruturador de suas ideias e a focar nas raízes da opressão feminina. Esse movimento de "focar na raiz" dos problemas das mulheres dá o nome à corrente - radical.

Em seu texto, Silva chama a atenção para o fato de que as três obras de base do feminismo radical - as obras de Beauvoir, Millet e Firestone - se propunham, dentre outras coisas, a questionar o pressuposto biológico para a opressão feminina, para o qual pessoas do sexo feminino são necessariamente inferiores a pessoas do sexo masculino em função das determinações biológicas de cada sexo. A opressão, na opinião dessas autoras, se daria não por conta das determinações biológicas, mas por conta de um sistema social que define de forma hierárquica as relações entre os sexos.

Beauvoir, a autora de *O Segundo Sexo*, é considerada uma precursora do feminismo radical, ainda que fossem necessários 20 anos para que a corrente surgisse com esse nome. A autora francesa foi pioneira ao apontar que a opressão feminina não seria resultado de um destino biológico, mas sim de um conjunto de fatores sociais, políticos e históricos que sentenciam à mulher a posição de "outro" em relação ao homem. Silva (2008) ressalta que, apesar de Beauvoir não usar em seu livro a palavra "gênero", a obra caracteriza o que mais tarde as feministas radicais passariam a considerar "gênero": este conjunto de construções sociais que conferem à mulher uma posição inferior na sociedade patriarcal.

Um pouco mais à frente, em meados dos anos 70, Firestone e Millet publicam seus livros nos Estados Unidos. Silva aponta que Firestone, apesar de ter se baseado em teorias como a marxista e a psicanalítica para o desenvolvimento de

suas reflexões, também critica essas mesmas teorias por não considerarem em suas postulações o recorte de gênero. Firestone tem sua obra marcada pelo método analítico do marxismo, o qual ela utiliza para comparar a opressão feminina com a luta de classes, associando as mulheres à classe oprimida, a classe operária.

Silva (2008) afirma que Firestone tinha como propósito utilizar as ferramentas da dialética materialista histórica de Marx e Engels para compreender como o papel subalterno da mulher foi definido historicamente. Mesmo assim, o texto de Firestone faz uma crítica às ideias de Marx e Engels, postulando que a explicação econômica que os autores marcam como geradora da opressão de classes não é suficiente para explicar a opressão de gênero/sexo, uma vez que esta, segundo Firestone, seria “psicossocial”, além de econômica (Silva, 2008, p. 29). Silva ainda ressalta que, para Firestone, há uma relação entre a opressão feminina e o sexo biológico, posto que a realidade biológica garantiu a divisão sexual do trabalho, sendo que é exatamente essa divisão sexual do trabalho o ponto definidor que marca os papéis sociais voltados a cada sexo.

Silva (2008) ressalta que o texto de Firestone traz à tona a questão que embasa a vertente feminista radical até hoje: a ideia de que o patriarcado se sustenta a partir de uma “divisão biológica dos sexos” (p. 30). Sendo assim, a proposta principal de Firestone - e, portanto, uma das propostas do feminismo radical - é a abolição do sistema de divisão de sexos a partir de uma revolução sexual maior do que a revolução socialista. Sua tese é a de que, com o fim da divisão de classes sexuais, simultaneamente ao fim das classes como um todo (econômicas, por exemplo), viria o fim de todos os problemas de opressão.

Já Kate Millet é descrita por Silva (2008) como uma autora que não pretendia necessariamente apontar um antagonismo entre os sexos, mas sim descrever uma política sexual entranhada nas relações de poder construídas social e culturalmente. Millet (1975 *apud* Silva, 2008, p. 30) define o patriarcado como um sistema de tal força de controle que nenhum outro sistema seria comparável, dando um foco especial à família como uma de suas formas de controle, um “espelho da sociedade e representa uma unidade básica do patriarcado, um de seus pilares fundamentais”.

A partir dessas ideias, Millet, então, aponta a influência do patriarcado tanto na esfera íntima quanto na política, afirmando que a forma de dominância masculina dentro da família se reproduz em esferas macro da sociedade. Nesse sentido, Silva (2008) afirma que o que Millet denunciava em sua obra era que a relação entre

homens e mulheres era essencialmente política, tanto em esferas íntimas quanto públicas. Para sustentar mais ainda seu ponto, a feminista chama a atenção para a forma de organização do patriarcado, que estabelece certas normas de conduta e comportamento para cada sexo, garantindo que as posições hierárquicas sejam mantidas:

Estas normas baseiam-se em três categorias anteriormente já citadas: o temperamento, componente psicológico; o papel, componente sociológico; e o status, componente político. O temperamento se desenvolve a partir dos estereótipos definidos para cada categoria sexual, ou seja, ao homem cabe ser agressivo, inteligente, forte e eficaz; à mulher cabe ser dócil, passiva, ignorante, frágil e virtuosa. Quanto aos papéis, a mulher assume o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos, enquanto o homem realiza seus interesses no campo da produtividade humana. A distribuição das funções em simetria com o temperamento influencia no status que determina a superioridade masculina e a inferioridade feminina. (MILLET, 1975, *apud* SILVA, 2008, p. 31).

Tais fatores são o que a corrente feminista radical passa a definir como o conceito de “gênero”: este conjunto de normas que, para Millet, não são determinadas por fatores biológicos, mas sim reproduzidas por sistemas de valores que se mantiveram ao longo da história e impostas a ambos os sexos para encaixar-se em suas posições sociais. Com as ideias de Millet, Firestone e Beauvoir, as feministas definem uma nova vertente, o feminismo radical, que se estrutura em torno da ideia de que o sistema patriarcal é regulador e definidor das relações sociais entre os gêneros.

É importante ressaltar, também, que o feminismo radical se contrapõe ao feminismo liberal ao estabelecer que o Estado e as instituições se construíram a partir de ideias masculinas, ou seja, a partir da subordinação feminina. Nesse sentido, Silva destaca que a proposta principal do feminismo radical é, como foi proposto por Firestone, a de abolir o sistema de gêneros como um todo, ao invés de buscar inserção das mulheres ali, já que o sistema como um todo se fez a partir da opressão feminina.

Por fim, a autora também discorre a respeito do feminismo radical no Brasil, que passa a se definir em meio ao período da ditadura militar de 1964, e conseqüentemente, em meio à censura. Em conjunto com a luta pela redemocratização do país e pelos direitos dos cidadãos, o feminismo brasileiro passa a se estruturar, trazendo à baila pautas como a da sexualidade e libertação feminina do patriarcado. As lutas nesse tempo enfocavam, por conta da centralidade

da libertação feminina do patriarcado, a questão do controle familiar e de natalidade, a questão do direito ao aborto, etc. Além disso, nos anos 80, as feministas radicais reivindicam nas universidades a institucionalização dos estudos sobre as mulheres, criando, dentre outras coisas, o NEIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, de Salvador.

Apesar de Silva (2008) defender que o feminismo radical no Brasil teve um declínio em seu ativismo, percebemos que ele ainda se faz presente (ou passou a se fazer presente novamente) nos últimos anos. O advento da internet trouxe às feministas radicais uma nova forma de se posicionar e manter viva a luta por suas pautas. O QG Feminista é um dos protagonistas do ativismo online feminista radical na atualidade. Trataremos desse tópico a seguir.

1.3. QG Feminista e suas pautas

De acordo com a página “Quem somos” do site QG Feminista, a coletiva foi criada no ano de 2017 como uma revista digital com o propósito de discutir e disseminar pautas feministas, mais especificamente, da vertente radical. O site atualmente conta com diversas páginas em redes sociais diferentes com centenas e milhares de seguidores. Podemos considerá-la, portanto, uma coletiva de grande impacto no ativismo virtual feminista. Com a colaboração de dezenas de autoras diferentes e centenas de textos publicados desde a inauguração do site, bem como uma constante atualização de postagens ali e em outras redes, o QG Feminista se faz um dos protagonistas na disseminação do feminismo radical no Brasil.

Com isso em mente, consideramos relevante fazer dois tipos de levantamento na coleta de dados dos textos para nossa pesquisa: dados que dizem respeito a processos linguístico-discursivos das autoras (como a categorização dos textos em gêneros discursivos) e os dados que dizem respeito às temáticas discutidas por elas. Esta segunda parte nos serve para que possamos compreender quais são as pautas que o feminismo radical brasileiro defende com mais afinco. Para tanto, foi preciso entender como surgiu esta vertente e seus princípios desde o início, de forma a podermos identificar o processo de manutenção e inovação da proposta feminista radical ao longo dos anos.

Para entender um pouco melhor nosso processo de levantamento dos temas mais presentes no site, é preciso entender como funcionam as publicações de textos

lá. As autoras, ao publicar um texto, o categorizam em um dos tópicos definidos pelo site, que indicam de maneira mais geral o tema principal do texto. Podemos ver abaixo os tópicos mais comuns no site no período analisado, de 14 de setembro de 2019 até 29 de outubro de 2020.

Figura 1 - Nuvem de palavras: Tópicos dos textos



1

Fonte: figura da autora

A nuvem de palavras acima nos permite observar os tópicos mais abordados no site no período de onze meses que o analisamos. Para cada tópico, observamos uma quantidade de publicações que está representada acima pelo tamanho da palavra, então “gênero”, por exemplo, é maior por ser um tópico mais abordado. Fora o tópico “podcast”, que na verdade é uma definição de um gênero discursivo, e não do tema de um texto, as outras categorizações feitas pelas autoras definem de maneira geral as temáticas de principal foco do ativismo feminista radical de acordo com esta coletiva. O tópico “gênero” e o tópico “sexo” são evidentemente os tópicos mais discutidos, o que condiz com as pautas fundadoras do movimento feminista radical que vimos acima: a proposta de identificar e separar os conceitos de gênero e sexo e entender de que forma o patriarcado se utiliza deles para manter sua dominação. Além disso, observamos em menor frequência, mas ainda muito presentes, os tópicos “lesbianidade”, “movimento feminista”, “maternidade” e “raça”,

¹ Nuvem de palavras feita através do site <https://www.wordclouds.com/> .

Com esta figura, reunimos, da mesma forma que com os tópicos dos textos, as *tags* que as autoras utilizaram para definir os assuntos de seus textos. Com isso, além de conseguirmos uma visão de tópicos gerais abordados pelo site, temos também uma visão de tópicos mais específicos presentes nos textos. Algumas das *tags* mais usadas foram “identidade de gênero”, “socialização feminina”, “violência masculina”, “feminilidade”, “indústria do sexo”, “prostituição”, entre muitas outras. Nossa proposta neste trabalho não é promover discussões teóricas ou trabalhar profundamente os tópicos e pautas que as autoras do QG Feminista julgam como parte da agenda feminista radical, mas sim identificar, em primeiro lugar, o papel do QG Feminista na atualização e manutenção do movimento. Com as figuras 1 e 2, conseguimos ter uma ideia mais clara do papel do QG Feminista nessa empreitada, bem como identificar os pontos principais das obras fundadoras da vertente e as maneiras que as autoras do site encontram de mantê-las e inová-las em seu ativismo.

A coletiva QG Feminista, assim, marca sua presença no ativismo virtual que dá continuidade às propostas feministas radicais de segunda onda. As autoras do site conferem ao ambiente uma variedade de tópicos e assuntos abordados, sempre mantendo como viés as ideias embasadoras da vertente feminista e dando, ao mesmo tempo, seu jeito de inovar as discussões e trazer à luz tópicos correntes. Posto isso, veremos a seguir como o trabalho linguístico das autoras se mostra tão relevante quanto o conceitual e teórico no que diz respeito a cumprir as propostas do site de disseminação da teoria feminista radical.

Capítulo 2: Pressupostos teóricos

A discussão teórica desta monografia se dá através de dois pontos linguístico-discursivos importantes a serem observados e discutidos: os gêneros discursivos e o estilo linguístico discursivo. Percebemos a importância de identificar e classificar os gêneros discursivos nesta pesquisa ao observar semelhanças e diferenças entre as publicações das autoras no site. Nossa hipótese, observando as postagens, era que as autoras, especialmente Furiosa, se manifestavam através de diferentes gêneros com intencionalidades diferentes. Isto é: os gêneros discursivos fazem parte da construção estilística das autoras.

Para suportar nossa hipótese, é necessário entender como funcionam os gêneros discursivos inseridos em um campo de ação específico, bem como entender quais gêneros estão presentes no site no período observado. Assim, conseguimos entender onde se faz o trabalho estilístico das autoras em conjunto com a mobilização dos recursos do gênero escolhido por elas para cada texto.

2.1. Gêneros discursivos

Como foi discutido acima, identificamos no site diversos gêneros do discurso nos quais as autoras se manifestam, alguns mais recorrentes do que outros. Como base teórica para tratar dos gêneros do discurso, recorreremos ao trabalho de Accetturi (2018), que se baseia nas ideias de Bakhtin (1997 [1979]) para a apresentação de tais conceitos.

Antes de postular o conceito de gênero discursivo, o autor defende que a língua se manifesta através de enunciados, sempre concretos, orais ou escritos que são produzidos dentro de diferentes campos de atividade humana, refletindo condições e finalidades desses campos (Bakhtin, 1997 (1979) *apud* Accetturi, 2018, p. 39). Além disso, a forma como esses enunciados são organizados dentro de cada campo de atividade é o que o autor descreve como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, que descrevem o conceito de gêneros discursivos por ele postulado.

Sendo assim, o conceito de gênero discursivo é o que nos leva a identificar certos modos recorrentes de textualização, fazendo com que possamos categorizá-los como pertencentes a determinados gêneros. Accetturi (2018) se embasa nas ideias de Rojo e Barbosa (2015) para se aprofundar no conceito de gênero discursivo. As autoras ressaltam que o processo de determinação de características de determinados gêneros do discurso se dá dentro dos campos de atividade humana, que são definidos a partir de sua finalidade, funcionamento e especificidade (Rojo, Barbosa, 2015 *apud* Accetturi, 2018, p. 39-40). Dessa maneira, os autores que produzem textos de determinados gêneros o fazem inseridos em um campo de atividade humana que guia desde os aspectos formais até os aspectos conceituais e temáticos de seu texto.

A partir dessas ideias, consideramos que os gêneros que aparecem no QG Feminista não são casuais, mas fazem parte do campo discursivo de ação (ALVAREZ, 2014, p. 18) no qual o blog está inserido, o que garante certos padrões perceptíveis na produção textual mesmo entre autoras diferentes. Alvarez (2014) destaca que os campos discursivos de ação são constituídos por atores e atorras individuais ou coletivos que se manifestam em prol de causas unificadoras, mas o conceito vai além disso. A autora defende que em diferentes momentos históricos, vertentes do movimento, ambientes (virtuais ou físicos), etc., os atores e seus protagonismos nos movimentos variam. Se considerarmos o movimento feminista como um campo discursivo de ação, podemos, então, assumir que o feminismo radical dá mais voz a certas atorras sociais que, em outros ambientes (ou até mesmo em outras vertentes do mesmo movimento) não teriam o mesmo espaço.

Alvarez ainda discorre a respeito de um trabalho discursivo que se apresenta no campo do feminismo. Segundo ela, os atores se articulam compartilhando visões de mundo pelo menos parcialmente compartilhadas (o que podemos observar no feminismo radical através de nossa análise temática), e tal compartilhamento é feito

discursivamente (p. 18). Assim, o feminismo é um campo de ação que utiliza a linguagem como seu recurso comunicativo de construção de significados, ideias, conceitos, etc. Vemos isso no QG Feminista à medida que as autoras se posicionam discursivamente no blog com o propósito de disseminar as ideias e pautas do movimento. É importante, então, observar de que maneira se dá esta construção conjunta de significados na comunidade discursiva feminista radical, entendendo os gêneros que as autoras manifestam as diferentes ideias e, em seguida, os recursos estilísticos que também fazem parte dessa construção de sentido.

Em nossa análise, conseguimos identificar a presença de onze gêneros discursivos no blog (considerando apenas os textos originais, sem as traduções): reportagem, divulgação científica, artigo de opinião, resenha, relato, ensaio, carta aberta, conselho, texto de instrução, poema e podcast.

Os critérios² utilizados para a nossa categorização dos textos como cada gênero seguem abaixo:

2.1.1. Reportagem:

Assumimos o conceito de reportagem a partir da definição de Accetturi (2018). Segundo a autora, a reportagem é um gênero do campo jornalístico, marcado por um propósito informativo e de formação de opiniões, mas que se diferencia da notícia por ser um tipo de texto mais detalhado (p. 60). Ela articula as ideias de Barros e Maia (2017), Kotscho (1995) e Bergamo (2011) para definir a reportagem como sendo um tipo de gênero questionador, que tenta identificar causas e efeitos de um determinado fato. Além disso, o gênero é marcado pelo seu caráter de denúncia e de documento histórico.

Accetturi (2018) também articula as ideias de Sodr e e Ferrari (1986), que definem que a reportagem   marcada por uma “estrutura narrativa” (p. 60-61) ao mesmo tempo que mant m um comprometimento com sua fun o informativa (que   o que define seu caráter jornalístico). Sendo assim, podemos compreender a reportagem como sendo uma forma narrativa de relatar e discutir um fato, buscando ir além da informatividade para engajar o leitor em uma questão.

² Importante ressaltar que nossa proposta não   trazer discussões conceituais acerca dos gêneros discursivos. Os conceitos que utilizamos para categorizar os gêneros partem de postula es que servem para nossa pesquisa.

Para a visualização mais clara do conceito que utilizamos de base para a classificação das reportagens, definimos um dos textos do site (anexo A) como o padrão deste gênero. Abaixo, vemos alguns dos trechos deste texto que evidenciam seu caráter de reportagem.

Figura 3 - Trecho 1 da reportagem padrão: “Revista feminista denunciada pelo Ministério da Mulher por ‘apologia ao aborto’”, de Andreia Nobre.

Revista AzMina publicou reportagem em setembro contendo “tutorial” para usar pílula abortiva

O MMFDH (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos) denunciou a Revista AzMina ao Ministério Público na capital de São Paulo por reportagem publicada em setembro de 2019, chamada “Aborto seguro: como é feita a interrupção da gestação com misoprostol”. Após tuitar o link para a matéria, a conta da revista Azmina no Twitter passou a receber dezenas de insultos e de ameaças de ataque físico às jornalistas que escreveram o material.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <https://qgfeminista.org/revista-feminista-denunciada-pelo-ministerio-da-mulher-por-apologia-ao-aborto/>. Acesso em 06 out. 2021

O trecho acima é o primeiro parágrafo da reportagem padrão que escolhemos, de Andreia Nobre. O padrão foi definido por este texto principalmente por sua estrutura clássica do gênero. A autora, como vemos no trecho acima, relata um acontecimento que será fonte para a discussão que vem a seguir no texto, como podemos ver no trecho abaixo:

Figura 4 - Trecho 1 da reportagem padrão: “Revista feminista denunciada pelo Ministério da Mulher por ‘apologia ao aborto’”, de Andreia Nobre.

Isso vai contra os direitos de autonomia dos corpos femininos. Há muitos motivos para uma gravidez indesejada acontecer. Um deles é o fato de que nenhum contraceptivo é 100% efetivo para prevenir uma gestação, mesmo quando usados ou inseridos de maneira correta, além do fato de que a contracepção pode falhar por condições médicas (quando a mulher utiliza certos medicamentos, por exemplo, e o contraceptivo se torna menos efetivo ainda, entre outros problemas).

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <https://qgfeminista.org/revista-feminista-denunciada-pelo-ministerio-da-mulher-por-apologia-ao-aborto/>. Acesso em 06 out. 2021

O trecho acima é o momento inicial em que a autora inicia sua discussão a respeito da notícia que introduziu o texto. Com isso, vemos que este texto é um ótimo padrão de reportagem a servir de guia para nossas categorizações, pois segue uma estrutura relativamente bem definida de narrativa em conjunto com uma discussão sobre um problema.

2.1.2. Divulgação científica:

Há um grande debate acadêmico no que diz respeito às minúcias que definem o gênero divulgação científica. No entanto, como não entraremos em discussões conceituais sobre os gêneros, a definição escolhida para este gênero partem das ideias defendidas por Zamboni (2001) referenciadas em Cunha e Giordan (2009). O conceito de divulgação científica, nessa perspectiva, é de “um trabalho de formulação de um discurso novo” (ZAMBONI, 2001, *apud* CUNHA E GIORDAN, 2009, p. 3). Assim, o discurso da divulgação científica tem função de articular discursos científicos através de outros textos com um propósito informativo.

Com essa visão em mente, compreendemos que a divulgação científica é um gênero que se propõe a reiterar conteúdos de textos científicos através de outros textos de esferas diferentes (neste caso, jornalísticas). Unimos este conceito com as ideias de Orlandi (2001), também abordadas por Cunha e Giordan (2009), que considera que há um trabalho interpretativo no gênero divulgação científica, no qual se relaciona um texto científico a um texto jornalístico (ORLANDI, 2001, *apud* CUNHA E GIORDAN, 2009, p.3). O diálogo entre estas duas esferas e, portanto, a intertextualidade são pontos chave deste gênero.

Em suma, o conceito de divulgação científica que assumimos tem como principais características a proposta informativa e a relação entre um (ou mais) texto(s) científico(s) que são retextualizados dentro da esfera jornalística. O papel do autor neste gênero é transformar a linguagem científica em uma linguagem jornalística, permitindo, assim, o acesso à informação científica por quem não está necessariamente inserido em tal esfera.

Nesta perspectiva, consideramos como divulgação científica textos que têm o propósito de elucidar conceitos versados e/ou desenvolvidos pela teoria feminista radical de maneira mais acessível à/aos leitoras/os do site. Temos como texto padrão do gênero um texto de Furiosa (anexo B), que se propõe a definir o termo “empoderamento” na visão do feminismo radical. O trecho abaixo mostra é característico do gênero no site:

Figura 5 - Trecho da divulgação científica padrão: “O que é empoderamento?”, de Furiosa

É nessa onda que, por exemplo, a **maquiagem**, um dos pilares da manutenção e da reprodução da feminilidade, virou requisito necessário para se empoderar, principalmente no caso de mulheres negras (a quem o cuidado com a própria beleza e estética sempre foi negado), mulheres gordas, mulheres fora do padrão, de forma geral.

São anos, décadas de produção acadêmica feminina sobre a **crueidade** da imposição de ritos de feminilidade (vide Sheila Jeffreys, Naomi Wolf, etc) simplesmente jogados no **lixo** sob o argumento de que — “mas deixa ela fazer o que ela quiser, ela é livre pra isso!”.

Meu doce de côco. Usar maquiagem, reproduzir rituais de feminilidade, depilar-se, enfim — nada disso é um ato de liberdade. Você não **escolhe** fazer algo quando esse algo já lhe foi imposto. A **negação** desses atos, isso sim, é uma escolha.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <<https://ggfeminista.org/o-que-e-empoderamento/>>. Acesso em 06 out. 2021

Neste trecho podemos observar a forma como a autora se propõe a explicar ao leitor um conceito básico do feminismo radical de forma bastante didática. Vemos, então, que o gênero não necessariamente utiliza uma linguagem acadêmica, ainda mais se o seu propósito for divulgar conceitos para além do ambiente acadêmico. Mesmo assim, Furiosa não deixa de recorrer a autores renomados da área (Sheila Jeffreys e Naomi Wolf, citadas no trecho) para embasar seus argumentos. A autora transita entre o ambiente acadêmico conceitualmente para um ambiente mais abrangente e faz de sua linguagem mais informal para que seus leitores consigam entendê-la. Este texto é um exemplo padrão de divulgação científica do site.

2.1.3. Artigo de opinião:

Para nossa análise, consideramos as ideias apresentadas por Boff, Köche e Marinello (2009) a respeito do gênero artigo de opinião, que se faz amplamente presente no blog QG Feminista. Segundo as autoras, o artigo de opinião é um gênero argumentativo que propõe “analisar, avaliar e responder a uma questão controversa” (p. 3). Elas ressaltam que o gênero é utilizado pelo autor com o propósito de expor sua opinião (especializada ou não) sobre determinado assunto de ordem, no geral, social, econômica, política ou cultural de relevância para o leitor.

As autoras apresentam os conceitos descritos por Rodrigues (2007) ao definir que há um processo interativo no artigo de opinião que se dá em função de

sustentar a argumentação do autor em favor do que está sendo defendido por ele. Com estes conceitos, são articuladas as ideias de Bräkling (2000), que defende que há no artigo de opinião “um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações, realizada por meio da apresentação de dados consistentes” (BRÄKLING, 2000, *apud* Boff, Köche e Marinello, 2009, p. 3). Nesse sentido, o autor do artigo, em função da sustentação do seu ponto de vista, recorre à voz de outros autores que corroboram sua argumentação.

Haja vista tais conceitos, abaixo observamos um trecho do texto padrão de artigo de opinião que consideramos em nossa análise (anexo C):

Figura 6 - Trecho do artigo de opinião padrão: “Por que as atletas são sempre hipersexualizadas?”, de Andreia Nobre

E o problema da desvalorização do esporte praticado por mulheres persiste nos dias atuais. Ainda existem categorias esportivas onde não há categorias femininas oficiais, como o evento ciclístico Tour de France. Tennis é uma das poucas categorias onde mulheres conseguiram ter algum reconhecimento parecido com o que os homens têm. Serena Willians é um dos nomes que desponta sempre, e muitos atletas homens da categoria, como Andrew Murray, têm “corrigido” jornalistas quando eles dizem que o atleta tal conseguiu tal feito, denunciando que a primeira pessoa teria sido uma mulher.

Muita se especula como proceder para que as mulheres tenham mais visibilidade e reconhecimento nos esportes onde competem: incentivo à prática, financiamento e patrocínio, visibilidade da mídia nos eventos. São todas boas e necessárias ideias, muito melhores do que o estado atual em que as coisas se encontram. Porque, em uma sociedade patriarcal, a aparência de uma mulher vale mais do que as suas habilidades. E a aparência das atletas está, muitas vezes, no foco das atenções, em vez do seu talento. Dentro e fora da arena esportiva.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <<https://qgfeminista.org/por-que-as-atletas-sao-sempre-hipersexualizadas/>>. Acesso em 07 out. 2021

O texto de Andreia Nobre é bastante característico do que determinamos como artigo de opinião. É claro o posicionamento que a autora defende ao longo do texto, especialmente porque o título deste é uma pergunta cuja resposta vem através da progressão argumentativa do texto. O trecho acima é bastante característico da sua progressão argumentativa, vemos que a autora parte de uma descrição de um fato para, no parágrafo seguinte, iniciar sua argumentação em defesa de seu ponto de vista. Os outros artigos de opinião do site seguem, à sua maneira, o padrão do texto acima.

2.1.4. Resenha:

O gênero resenha foi definido neste trabalho a partir do trabalho de Ruiz e Faria (2012), que se propõe a analisar o gênero resenha e um dos fatores que o compõem: a intertextualidade, uma de suas características principais. Sendo assim, o diálogo direto com uma obra é um traço marcante deste gênero. As autoras defendem, baseando-se em Ferraz (2007), que a resenha tem o propósito de avaliar criticamente um fato cultural, independentemente do formato (livro, filme, música, etc.) sustentando um posicionamento que deve servir como guia para o leitor em relação ao produto avaliado (p.101).

Alicerçando-se em Oliveira (2007), as autoras defendem que

A resenha é, segundo Oliveira (2007), constituída de dois grandes movimentos textuais, que em geral apresentam-se imbricados: o resumo (ou descrição, apresentação) da obra e a opinião (julgamento de valor) do resenhista acerca desta (...). (RUIZ E FARIA, 2012, p.102).

Há certas peculiaridades a serem consideradas quando tratamos de resenhas de diferentes esferas (acadêmica e jornalística, por exemplo), mas, pela proposta de nossa pesquisa, consideraremos apenas os fatores que são definidores da resenha do campo jornalístico. Nesse sentido, temos como parâmetro de categorização como resenha o texto de Nathalia Gouveia (anexo D), cujo trecho abaixo é exemplar dos recursos da resenha:

Figura 7 - Trecho da resenha padrão: “Garota Exemplar, aprovação masculina e a feminilidade perfeita”, de Nathalia Gouveia

Garota Exemplar é um longa-metragem de 2014 inspirado no livro de mesmo nome da autora Gillian Flynn. Se trata de um suspense psicológico que envolve o desaparecimento da protagonista, Amy, e da imediata suspeita da polícia e da mídia sobre Nick, seu marido.

É uma produção surpreendente em vários sentidos, tendo ganhado algumas premiações. Muitas de vocês já devem ter assistido ou mesmo lido o livro. Há muitos reviews na internet sobre ambos, geralmente com uma crítica positiva. Por não ter lido o livro, aqui vou me ater só ao filme, e especificamente a um aspecto da obra que creio ter passado um pouco despercebida em meio a tantos plot twists: a própria Amy e o que ela representa.

Pude perceber, no filme, uma forte crítica à mulher idealizada, à ideia que muitos homens heterossexuais tem de uma feminilidade perfeita, exemplar. Ao longo da história, ficamos sabendo que Amy é filha de uma escritora de livros infantis e que, ainda criança, serviu de modelo para uma série chamada Amy Exemplar, onde a protagonista era ela própria, mas em uma versão melhorada aos olhos de sua mãe.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <https://qgfeminista.org/garota-exemplar-aprovacao-masculina-e-a-feminilidade-perfeita/>. Acesso em 07 out. 2021

A resenha de Nathalia Gouveia serve como modelo para nossa categorização do gênero principalmente pela evidente intertextualidade ao longo do texto. Há uma referência clara a um livro/filme que está sendo avaliado pela autora - que é o que observamos no trecho acima, a introdução do texto. Vemos, então, os dois processos definidores do gênero apresentados no texto: o resumo e a opinião. As demais resenhas do site seguem um padrão similar.

2.1.5. Relato:

Consideramos para o gênero relato a definição articulada por Accetturi (2018), a partir da postulação de Dolz & Schneuwly (2004 [1996]), que definem tal gênero como

relacionado aos gêneros pertencentes ao domínio social da memorização e documentação das experiências humanas, situadas no tempo, por meio de representações discursivas de experiências vividas. (*apud* Accetturi, 2018, p. 69).

A autora utiliza esta definição para caracterizar os textos orais e escritos que se encaixam nesse conceito, sendo, portanto, uma definição apropriada para nossa categorização. Ela utiliza desse conceito para definir o caráter do relato como autenticador da fala de determinados grupos sociais acerca de temas relativos a suas vivências (p. 69). Isto é, o relato pessoal é utilizado como uma forma de narrar experiências vividas por pessoas em certas posições sociais que são relevantes para uma discussão deste meio (como, por exemplo, uma discussão de mulheres sobre experiências de misoginia pelas quais elas passaram).

Como texto padrão do gênero relato, escolhemos “Um desabafo sobre feminilidade e a escolha que eu não tive” de Gabrielle Polary (anexo E), que descreve, a partir de experiências pessoais da autora, o problema da feminilidade e como isso afeta a vida das mulheres intimamente. Segue abaixo o texto:

Figura 8 - Trecho do relato padrão: “Um desabafo sobre feminilidade e a escolha que eu não tive”, de Gabrielle Polary

O que eu quero dizer com isso é que eu nunca fiz o tipo “garota alienada”, nos moldes estereotipados. Ao contrário: eu sempre gostei de ler, de falar e de ser escutada na escola, nos cursos que fiz e em todos os espaços que ia, era uma das primeiras da turma e todo mundo virava o rosto para mim, a fim de saber o que eu falaria frente a algum debate considerado polêmico. Eu me considerava, então, muito cheia de poder. Coitada. Mal sabia eu que, por mais esforçada que eu fosse em adquirir autoconfiança, jamais seria livre enquanto não me libertasse do peso que comecei a carregar quando, com 9 ou 10 anos apenas, um homem adulto me pediu que eu depilasse a perna. **Por muito tempo, fizeram-me acreditam que não poderiam existir marcas piores do que aquelas deixadas pelas celulites e pelas estrias em meu corpo. Agora, posso dizer com convicção que não existe marca mais dolorosa do que a que o patriarcado deixa em uma menina, ao socializá-la de forma cruel e ardilosa, por toda a sua vida.**

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <https://qgfeminista.org/um-desabafo-sobre-feminilidade-e-a-escolha-que-eu-nao-tive/>. Acesso em 06 out. 2021

Atentando-nos ao que Accetturi (2018, p. 69) considera como característica do relato, vemos que este texto está dentro dos parâmetros por se tratar de uma autora que tenta, a partir de suas experiências pessoais enquanto pertencente a um grupo social oprimido, demarcar sua autenticidade no discurso tratando do tópico sobre o qual ela tem uma certa propriedade. Ou seja, a partir de seu relato, tenta legitimizar e dar voz a uma discussão relevante para o movimento feminista. Acima, no trecho, vê-se claramente o processo em que a autora passa a utilizar sua experiência pessoal como ponto de partida para sua argumentação. O texto foi considerado padrão para nossa análise uma vez que as outras resenhas seguem um modelo parecido a ele.

2.1.6. Ensaio:

A definição que utilizamos do gênero ensaio para categorizar os textos em nossa pesquisa teve como base Paviani (2009), que aborda as características do gênero a partir dos ensaios de Montaigne, filósofo renascentista. A descrição feita pelo autor sobre o gênero define determinadas características que o compõem, que são as seguintes:

- a) É um estudo, uma investigação, uma reflexão, etc. O ensaio parece conter em suas entranhas o caráter de provisoriedade, de proposta, de algo que não possui a pretensão de acabamento. A palavra ensaio parece indicar essa condição;

- b) É um estudo formalmente desenvolvido, dentro de padrões mais ou menos formais; mais flexível que um tratado, por exemplo. Mesmo que seu estilo se aproxime do literário, o ensaio é elaborado, isto é, não é o espontâneo nem o caótico, mas formalmente apresentado a partir de determinados padrões;
- c) O ensaio, COMO texto, pode ser de natureza literária, científica e filosófica. Entre todos os gêneros textuais, é aquele que melhor possui trânsito entre a filosofia, a ciência e a crítica;
- d) Deve a exposição do assunto ser lógica, mesmo adotando o estilo livre, isto é, sem seguir os passos de uma análise detalhada ou uma demonstração exaustiva, o ensaio expõe a matéria com racionalidade, mesmo quando utiliza a linguagem poética;
- e) Tem o ensaio, apesar da diversidade de modos de apresentação, algo em comum a eles que é o rigor de argumentação, de demonstração. O rigor, que não se confunde com a exatidão, é característica indispensável do verdadeiro ensaio;
- f) O rigor típico do ensaio aparece aliado, quase sempre, à ao estilo de interpretação e de julgamento pessoal. Sem ser subjetivo, o ensaio não abole o espaço da subjetividade como pretende fazer o tratado ou o artigo científico.
- g) O rigor, a interpretação e o julgamento pessoal do autor pressupõem que haja maior liberdade de expressão, liberdade que a maioria dos gêneros não possuem. A liberdade consiste em poder defender uma posição sem o apoio empírico, documentos ou outros recursos metodológicos;
- h) requer o ensaio, tendo em vista esse conjunto de características, que o autor tenha informação cultural e maturidade intelectual. Nesse sentido, é um gênero difícil de elaborar, pois, a liberdade de estilo, de ritmo, de expressão exige sutileza e equilíbrio. (PAVIANI, 2009, p. 4)

Consideramos, portanto, as características acima como definidoras do gênero ensaio para nossas análises. Tendo em vista isto, é notório que as características do ensaio não são necessariamente tão claras e restritas para que possamos delimitar um padrão ideal a ser seguido. Mesmo assim, consideramos que o texto padrão escolhido por nós é um modelo de ensaio suficientemente exemplar do gênero, mas que nem todos os ensaios considerados por este trabalho têm o mesmo tipo de linguagem e formalidade acadêmica que este texto (anexo F).

Figura 9 - Trecho 1 do ensaio padrão: “Encarceramento em massa de mulheres no Brasil”, de Furiosa

INTRODUÇÃO

Para este ensaio, abordaremos a questão do **encarceramento em massa de mulheres no Brasil**. Para tanto, ele será estruturado em duas partes: a **primeira parte** se preocupará em traçar o perfil das mulheres encarceradas, para que as posteriores análises de seu encarceramento se sustentem no método materialista, ou seja, partindo-se da realidade para se buscar uma explicação, e não o contrário; a partir dessas informações, e a **segunda** parte trará as atuais conjecturas teóricas feitas para explicar tal fenômeno.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <https://qgfeminista.org/encarceramento-em-massa-de-mulheres-no-brasil/>. Acesso em 07 out. 2021

Destacamos o trecho acima como característico do ensaio por conta de dois fatores: o primeiro é a própria categorização que a autora faz ao definir o gênero do texto. Em segundo lugar, evidencia-se uma das características principais do ensaio demarcadas por Paviani (2009), que é ser “um estudo formalmente desenvolvido”. Ao trazer uma estrutura bastante acadêmica bem estruturada, Furiosa define o próprio texto dentro deste gênero.

Figura 10 - Trecho 2 do ensaio padrão: “Encarceramento em massa de mulheres no Brasil”, de Furiosa

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Camila Damasceno de. **O controle penal moderno: colonialidade do poder e aprisionamento feminino**. Revista Brasileira de Ciências Criminais, vol. 129, ano 25. P. 69–105. São Paulo: Ed. RT, março/2017.

ANDRADE, Vera Regina Pereira de. **Criminologia e Feminismo: da mulher como vítima à mulher como sujeito de construção da cidadania**. In: Sequência — estudos jurídicos e políticos, revista do curso de pós-graduação em Direito da UFSC, v. 18, n. 35, 1997.

ANDRADE, Vera Regina Pereira. **Do paradigma etiológico ao paradigma da reação social: mudança e permanência de paradigmas criminológicos na ciência e no senso comum**. Revista Sequência, Florianópolis, n. 30, 1995.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <<https://qgfeminista.org/encarceramento-em-massa-de-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em 07 out. 2021

No trecho acima, identificamos mais uma característica ensaística do texto de Furiosa, que é o embasamento teórico de seu estudo. Este trecho nos mostra todo o trabalho intertextual da autora para embasar sua argumentação, demonstrando as características definidas por Paviani sobre o gênero: exposição lógica, rigor argumentativo e informação intelectual do autor. Dentro de tais parâmetros, Furiosa cria o texto que nos serve como padrão para identificação do gênero ensaio no blog. Mesmo assim, como discutido acima, alguns dos ensaios que categorizamos em nossa pesquisa não seguem o padrão de linguagem acadêmico como o texto acima. Ao contrário, muitos ensaios se dão através da linguagem literária no blog, o que também é uma possibilidade reconhecida dentro do gênero pelo autor.

2.1.7. Carta aberta:

Consideramos as definições feitas por Brito e Altafini (2014) para definir o que classificamos como o gênero carta aberta. Tal gênero é definido por eles como um subgênero da carta que mantém algumas características deste: “seção de contato, o

núcleo da carta e a seção de despedida” (p. 5). Sendo assim, a interlocução é, na carta aberta, um ponto imprescindível do gênero. Além disso, ainda segundo as autoras, a carta aberta vai além da interlocução apenas com seu destinatário, mas, por ser aberta, mobiliza mais leitores em função de algo. O que define, portanto, a carta aberta, e o que a distingue de uma carta normal, é seu caráter argumentativo. Isso se dá uma vez que a carta aberta tem o propósito de defender um ponto de vista não somente para o destinatário como para um público a quem a carta se dirige - que o autor também tenta convencer de sua posição (BRITO E ALTAFINI, 2014, p. 5).

As autoras ressaltam também que a carta aberta se distancia da carta em certas questões formais, como não colocar a data de envio (afinal, normalmente, cartas abertas são publicadas em jornais, revistas ou blogs, e não enviadas a um destinatário). Além disso, a carta aberta costuma trazer um título que indica seu destinatário (“carta aberta a (...)), sem necessidade de um cabeçalho. Por fim, o corpo do texto, ainda segundo as autoras, tem tom dissertativo - defende uma tese a partir de uma argumentação -, mas marcando uma interlocução também.

Com isso em mente, apresentamos abaixo um trecho da carta aberta que consideramos como padrão para nossas definições (anexo G):

Figura 11 - Trecho da carta aberta padrão: “seção de contato, o núcleo da carta e a seção de despedida”, de Gi del Fuoco

À minha mãe, às minhas tias e às mulheres desse ramo que cuidam de onde eu piso, respiro e toco.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <<https://qgfeminista.org/a-vida-de-trabalhadoras-domesticas-diante-do-covid-19/>>. Acesso em 11 out. 2021

A dedicatória acima é o ponto principal para definir o gênero carta aberta: definimos aqui o interlocutor principal do texto. Ao mesmo tempo, ao ser publicado em um site, o texto passa a ser uma carta aberta, uma vez que seu propósito passa a ser de atingir um público além do interlocutor específico daquela carta. As outras cartas abertas do site seguem o padrão.

2.1.8. Conselho:

O gênero conselho foi estudado por Corazza (2017) com foco especial ao uso deste em revistas femininas. A autora articula Köche *et al* (2009), para definir suas

características mais formais, com Rosa (2006), para destacar os usos mais comuns deste gênero em revistas femininas. Sobre o aspecto formal deste gênero, a autora define que ele se dá em função de direcionar o leitor para certos comportamentos, e, por isso, utiliza recursos como: “verbos no imperativo, oração com verbos modais e no futuro do presente, períodos simples e curtos e o uso do pronome ‘você’” (KÖCHE *et al*, 2009, *apud* CORAZZA, 2017, p. 49).

A partir disso, estabelecemos determinados aspectos do gênero que utilizamos como critério para a categorização de alguns textos do site. Mas, além disso, precisamos entender o uso deste gênero para entender escolhas estilísticas de algumas autoras ao utilizar tal gênero. Corazza (2017) recorre a Rosa (2006) para estabelecer a relação entre o gênero e a sua circulação em revistas femininas. Nessa direção, fica estabelecido que o gênero conselho se propõe a mais do que apenas aconselhar alguém, mas também é utilizado em função de “influenciar as condutas do aconselhado” (p. 49). Sendo assim, quando se coloca a revista feminina na posição de conselheira e a mulher na posição de aconselhada, a primeira usa sua posição para indicar à segunda comportamentos ideais que se esperam de uma mulher. E, na posição de conselheira, a revista feminina garante uma carga hierárquica em relação à leitora, pois, como ressalta Corazza (2017), “Nesse processo de interlocução, há uma leve assimetria, pois quem pede um conselho a alguém julga que essa pessoa sabe mais sobre o assunto, ofertando um papel de destaque ao conselheiro.” (p. 49).

Ainda nesse sentido, a autora destaca que, o que costuma ser uma marca da informalidade no gênero conselho, que é a intimidade entre o conselheiro e o aconselhado, é eliminada quando quem passa a aconselhar é a revista feminina. E, assim, esta determina quais conselhos serão publicados sem mesmo que o aconselhado (no caso, as mulheres e meninas leitoras da revista) peça pelo conselho. Desse modo, a revista é capaz de ditar determinados comportamentos às mulheres que são determinantes do papel da mulher na sociedade.

Tendo isso em vista, é possível notar que há uma problemática envolvendo o gênero conselho quando operado por revistas femininas. Sendo assim, é possível destacar que as autoras do QG Feminista, quando se posicionam através deste gênero, subvertem o propósito mais comumente associado a ele. As autoras normalmente utilizam uma linguagem parecida com a de revistas femininas e ainda se propõem a indicar determinados comportamentos, mas, nesse caso, o propósito

dos textos é o oposto de revistas femininas. Nesse caso, as autoras escrevem para auxiliar leitoras a identificar problemáticas da misoginia em suas vidas pessoais. Para melhor entendimento do uso do gênero no site, escolhemos um texto de Furiosa (anexo H) como padrão de classificação desta categoria, cujos trechos abaixo demonstram seu pertencimento a tal gênero.

Figura 12 - Trecho 1 do conselho padrão: “Você é diferente, não é como as outras da sua idade”, de Furiosa

Sobre aquele cara mais velho, que é tão, tão legal

Em todo colégio tem aquele professor (muitas vezes — na maioria delas — mais de um) que adora fazer graça com as meninas: flerta sutilmente (outras vezes nem tão sutilmente assim), sempre usa uma ou outra de exemplo, conversa com elas de “igual pra igual”...

Daí sempre tem aquele que te dá uma atenção especial, que reparou que sua dúvida (que você quis tirar depois da aula, pelo motivo que for) é bem inteligente. Ele começa a te perguntar coisas pessoais, do seus planos de futuro (já sabe o que vai prestar de vestibular?), te pergunta dos seus interesses, te pergunta do universo fora da escola e você acha bem curioso isso tudo. Ele te dá atenção, quer saber quem você é — para além de ser aluna dele, para além de ser estudante/vestibulanda.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <https://qgfeminista.org/voce-e-diferente-nao-e-como-as-outras-da-sua-idade/>. Acesso em 12 out. 2021

O início do texto acima explicita, em primeiro lugar, a questão que a autora pretende abordar ao longo do texto. Ela faz uma contextualização de uma situação que deve ser familiar para a leitora, usando frases como “em todo colégio tem aquele professor”, buscando aproximar-se da leitora. A partir daí, surge o processo de aconselhamento, que vemos no trecho abaixo:

Figura 13 - Trecho 2 do conselho padrão: “Você é diferente, não é como as outras da sua idade”, de Furiosa

Amiga, você pode ser linda. E madura, sim. E inteligente, e tudo isso. Mas você tem 16 anos e tem o direito de ter 16 anos sem isso te representar uma desvantagem. E, num relacionamento com um cara mais velho, sua idade é e sempre vai ser uma desvantagem, porque sua (pouca) idade não é só um número –
é sua (falta de) experiências sexuais e amorosas.
é sua opinião ainda em formação.
é sua dependência econômica e, muitas vezes, emocional.
é sua insegurança e sua necessidade de um porto seguro e de amor.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <https://qgfeminista.org/voce-e-diferente-nao-e-como-as-outras-da-sua-idade/>. Acesso em 12 out. 2021

O conselho se dá neste trecho através de, em primeiro lugar, uma aproximação da autora com a leitora (chamando-a de “amiga”, por exemplo), ao mesmo tempo que explicitando a problemática da situação e, especialmente, induzindo a leitora a agir de determinada maneira (neste caso, a intenção é que a leitora identifique uma situação de potencial abuso).

O texto de Furiosa traz marcas bastante claras da referência que a autora faz a textos do mesmo gênero normalmente presentes em revistas femininas, especificamente revistas tais cujo público é adolescente. A linguagem informal, as marcas de interlocução que estabelecem claramente o público a quem o texto se dirige (meninas em idade escolar), e, principalmente, os conselhos a respeito de uma questão são alguns dos aspectos mais evidentes do que determina tal texto como um conselho tal como os de revistas femininas. O que o distingue das revistas é que este texto tem como propósito aconselhar meninas em uma situação de potencial abuso, ao invés de direcionar mulheres a um comportamento ideal da mulher numa sociedade patriarcal.

2.1.9. Texto de instrução:

O texto de instrução, na verdade, não é definido aqui por um gênero só, por isso não nos atentamos a uma conceituação teórica que demarcasse nossa definição. Utilizamos esta denominação para englobar diferentes gêneros que caracterizam-se pela proposta de instruir o leitor em alguma questão. No caso dos textos do QG Feminista, temos diferentes gêneros que se encaixam nesta categoria, desde guias até compilados de textos. Para facilitar nossa análise, agrupamos os gêneros cuja função principal é de instrução nesta categoria. Abaixo, vemos o trecho de um dos textos que pertencem a esta categoria (anexo I):

Figura 14 - Trecho de um texto de instrução: “Feminismo lésbico-O compilado”, de Fúria Raiz
Esse compilado não é apenas direcionado a mulheres lésbicas. Todas as mulheres que pretendem fazer feminismo precisam estudar o feminismo lésbico. É o lesbianismo enquanto foco, energia e amor entre mulheres que nos livrará do patriarcado.

É recomendado que se leia na ordem proposta. Vamos lá:

Contexto histórico

Sheila Jeffreys—Libertação Gay e Feminismo Lésbico (Unpacking queer politics—capítulo 1)

Jules Falquet—Breve resenha de teorias lésbicas

Marilyn Frye—Feminismo lésbico e movimento gay: outra supremacia masculina, outro separatismo

Fonte:
blog QG Feminista. Disponível em <<https://qgfeminista.org/feminismo-lesbico-o-compilado/>>. Acesso em 22 out. 2021

O texto acima compila outros textos (a fonte roxa é um *link* que direciona o leitor a página que contém tais textos) que, segundo a autora, servem de base para que o leitor aprenda sobre o tema principal do texto.

2.1.10. Poema:

A definição do gênero poema que consideramos em nossa pesquisa foi a de Val e Marcuschi (2010), que se propuseram a trabalhar com o gênero no âmbito escolar. Mesmo que nossa pesquisa não trate do ambiente escolar, a definição de gênero das autoras é suficiente para nosso trabalho.

As autoras descrevem quatro critérios importantes que definem um texto como poema, além de deixar claro que uma característica imprescindível do gênero é o texto em verso. O primeiro critério foi chamado de “poeticidade” (VAL E MARCUSCHI, 2010, p. 72), que diz respeito principalmente às figuras de linguagem utilizadas pelo texto (como metáforas, por exemplo) e também aos recursos formais (como aliteração, repetição, etc.). O segundo critério, “pessoalidade”, as autoras definiram como “a expressão subjetiva que registra o trabalho de autoria e se manifesta na capacidade de surpreender, pela presença de imagens inusitadas, pela

criticidade, pelo humor, pelo jogo intertextual” (p. 72). E, por fim, as duas últimas categorias, “rimas” e “métrica”.

Tendo isso em vista, o único texto do site que se encaixa nesta definição é o poema de Clara Dantas (anexo J), cujo trecho vemos abaixo:

Figura 15 - Trecho do poema: “Minha dor.”, de Clara Dantas

Quero contar a vocês
E pra isso peço empatia
De uma dor que carrego
E me aflige todo dia
Como não tenho remédio
Só me resta a poesia

Minha doença tem nome
Chama-se **patriarcado**
O tempo todo me dita:
“Sente assim, se vista assado”
“Use maquiagem”
“Fale mais delicado”

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <<https://qgfeminista.org/minha-dor/>>. Acesso em 12 out. 2021

O poema acima é bastante padrão do gênero, escrito em versos e contendo alguns dos recursos citados acima, como a rima e as metáforas.

2.1.11. Podcast:

O gênero *podcast* foi estudado por Falcão e Temer (2019), e utilizamos suas definições para nossa pesquisa. As autoras definiram o *podcast* como uma “uma mídia sonora cuja difusão se dá por meio da internet” (p. 1). A definição, no entanto, não se esgota aí. As autoras também ressaltam que o *podcast* tem como característica também sua periodicidade e sua divisão em episódios temáticos, além de um custo baixo de produção.

Sendo assim, o *podcast* é facilmente identificável dentre as produções do site QG Feminista por conta de sua modalidade oral, ao invés de escrita. A coletiva reúne regularmente diversas autoras do site para produzir podcasts de variados temas relativos ao feminismo radical, sendo alguns deles: “O que é o feminismo”, “Patriarcado, a força invisível”, “Feminilidade”, “Maternidade”, etc. A publicação desses *podcasts* se dá através do próprio site da coletiva, bem como por plataformas de áudio, como *Spotify*, *Deezer*, *Apple Podcasts* e *RSS*.

Por conta da modalidade oral do gênero, não é possível apresentar no corpo deste texto um padrão de *podcast* que utilizamos como base para nossa análise, mas abaixo vemos uma imagem que mostra a página da publicação de um dos *podcasts* do site:

Figura 16 - Podcast padrão: “#01 – O que é o feminismo”, de QG Feminista

12/10/2021 16:53

#01 - O que é o feminismo - QG Feminista

#01 – O que é o feminismo

Por **QG Feminista**



O QGcast é o podcast da QG Feminista. Neste primeiro episódio vamos falar sobre o que é e o que não é feminismo, sobre patriarcado, capitalismo, liberalismo, empoderamento, e muito mais. Vamos juntas bater um papo descontraído e cheio de informações libertadoras?

00:00

00:00

Podcast: [Play in new window](#) | [Download](#)

Subscribe: [Apple Podcasts](#) | [Spotify](#) | [Deezer](#) | [RSS](#)

QG Feminista

QG Feminista é Feminismo em Revista

<https://qgfeminista.org/qgcast01-o-que-e-o-feminismo/>

1/1

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em [<https://qgfeminista.org/qgcast01-o-que-e-o-feminismo/>](https://qgfeminista.org/qgcast01-o-que-e-o-feminismo/). Acesso em 12 out. 2021

2.2. Estilo linguístico

O estilo linguístico, em conjunto com o conceito de gênero discursivo, é um dos pontos principais de análise deste trabalho. O trabalho linguístico das autoras, especificamente de Furiosa, nos é interessante à medida que identificamos processos estilísticos que caracterizam a linguagem da autora e seu comportamento no blog. Precisamos, portanto, fazer uma conceituação teórica do conceito de estilo para guiar nossa análise.

Nos pautamos em autores do campo dos estudos sociolinguísticos como Irvine (2001) e Coupland (2003, 2007) e também nos conceitos, autores e ideias principais explicitadas no texto do projeto de pesquisa *É nois na fita: a formação de registros e a elaboração de estilos no campo da cultura popular urbana paulista*, desenvolvido pela professora Anna Christina Bentes (BENTES, 2009) e no artigo *Reflexões sobre estilo em sociolinguística: um estudo sobre o livro Capão Pecado de Ferréz* (MACHADO, 2013).

Um dos princípios para se entender o papel dos processos de estilização no interior das práticas comunicativas (HANKS, 1996) é aquele enunciado por Coupland (2003 *apud* BENTES, 2009, p. 4) que se refere ao fato de que “os estilos dialetais tendem a ser usados mais produtiva e criativamente e não apenas constituem-se em índices sociais a respeito de “quem somos nós”.

Para a compreensão do conceito de estilo linguístico-discursivo, levamos em consideração a definição de Irvine (2001), que postula que o estilo pode ser definido a partir de três importantes fatores: 1) aqueles imanentes, que seriam os componentes internos ao próprio sistema, ou seja, aquilo que é intrínseco da língua que varia em uma certa enunciação; 2) fatores interfalantes, que dizem respeito a um certo ambiente social no qual se encaixa o falante, tendo respeito à classe social, gênero, nível de escolaridade, etnia, etc; e 3) fatores de natureza individual, que, por fim, “constituem o cerne dos componentes estilísticos” (idem), tratando de aspectos mais individuais relacionados ao indivíduo e à variação que se produz na sua enunciação” (MACHADO, p. 195).

A princípio, compreendia-se o estilo como uma forma de variação “intrafalante” (MACHADO, 2013, p.195), de forma que este seria caracterizado como uma variação que um falante da língua produz, ou “as variações que um falante individual faz no uso da língua em uma situação monolíngue bastante estruturada”

(IRVINE, 2001, p. 25, citada em MACHADO, 2013, p.195). Seguindo as ideias labovianas a respeito da variação estilística, entende-se que ela ocorre sob duas importantes condições: prestígio e atenção do falante à própria fala (LABOV, [1972] 2008 apud MACHADO, 2013, p. 195). O prestígio aqui não é necessariamente em relação a uma classe de prestígio, como a elite, mas sim à intenção de se produzir algo que traga ao falante prestígio no grupo com o qual está interagindo.

Contudo, segundo Irvine (2001), considerar apenas os elementos linguísticos para definir o conceito de estilo não é o suficiente, pois pode fazer com que esse conceito se confunda com os conceitos de dialeto e registro. Segundo ela, há de se tratar a variação estilística como um “processo de construção de semioses que vão além da língua” (IRVINE, 2001 *apud* MACHADO, 2013, p.195).

Sendo assim, para Irvine (2001, p. 33-34), o estilo é um processo semiótico que ocorre por meio de outros três processos, aqui definidos como “iconização, recursividade e apagamento”. O primeiro “transforma a relação sígnica entre os traços linguísticos [ou variedades] e as imagens sociais às quais estão ligados” ou seja, relaciona determinado(s) traço(s) linguísticos a uma imagem social que se tenta criar, um ícone, e esse processo se dá pela representação coerente de um “eu” distintivo. O segundo, recursividade, são “distinções significativas (entre grupos, entre variedades linguísticas, etc.) são reproduzidas dentro de cada lado de uma dicotomia ou divisão, criando subcategorias e subvariedades”. Por fim, o apagamento é como a escolha de um termo ou um tipo de variação ao invés de outro, privilegiando, portanto - e não necessariamente conscientemente - uma variação sob outra.

Em conjunto com o conceito de estilo, levamos em consideração também o que Irvine (2001) conceitua como registros discursivos, que têm uma relação maior com os usos linguísticos. Um registro é, portanto, um indicador de uma certa situação social do falante, por exemplo, um contexto da posição que o falante se encontra na produção de fala. Essas situações podem ser predeterminadas ao mesmo tempo que podem ser produzidas no momento da fala.

Agha (2005, p. 38) defende que os registros sejam considerados “modelos reflexivos do uso da língua que são disseminados ao longo de trajetórias identificáveis no espaço social por meio de processos comunicativos”, e também “formações históricas que podem ser apreendidas em processos grupais de valorização e contra-valorização, exibindo mudanças ao longo do tempo tanto na

forma como no valor” (Agha, 2007, p. 148). Dessa maneira, os registros seriam variações, de certo modo, mais palpáveis, de forma que é possível identificá-los com mais clareza, ainda que eles possam mudar durante o tempo.

Os registros, segundo Agha (2005), carregam na enunciação os atributos do falante em si, que se mostra constituído por determinadas categorias sociais como gênero ou etnia, que, por sua vez, influenciam na maneira como a pessoa fala. As vozes, por sua vez - termo que Agha (2005) apropria de Bakhtin - são como uma persona, indivíduos “tipificáveis”, que falam de uma certa maneira e que, em muitos casos, carregam um certo peso social (como uma certa classe econômica, um nível de escolaridade, um gênero, uma raça). Dessa maneira, o registro se formaria a partir de um “domínio social”. (MACHADO, 2013, p.197).

Segundo BENTES (2009), os conceitos de registro e estilo, mobilizados e assumidos como principais dispositivos teórico-analíticos ao longo desse trabalho, constituem-se hoje, no campo da sociolinguística, em poderosos instrumentos que permitem operacionalizar a análise da complexidade e da heterogeneidade das realidades linguístico-discursivas das postagens em redes sociais.

Capítulo 3: Metodologia

3.1. Descrição do *corpus*

3.1.1. QG Feminista

A Coletiva QG Feminista surgiu no ano de 2017 com a proposta de reunir mulheres que se identificam com a vertente do feminismo radical no Brasil para produzir conteúdos com temáticas e propostas relacionadas a esse movimento. O site reúne (até o momento observado) 38 autoras com diferentes hábitos de publicação (como estilo de escrita, temáticas mais comumente abordadas nos textos, gêneros textuais, etc.) e diferentes números de textos publicados.

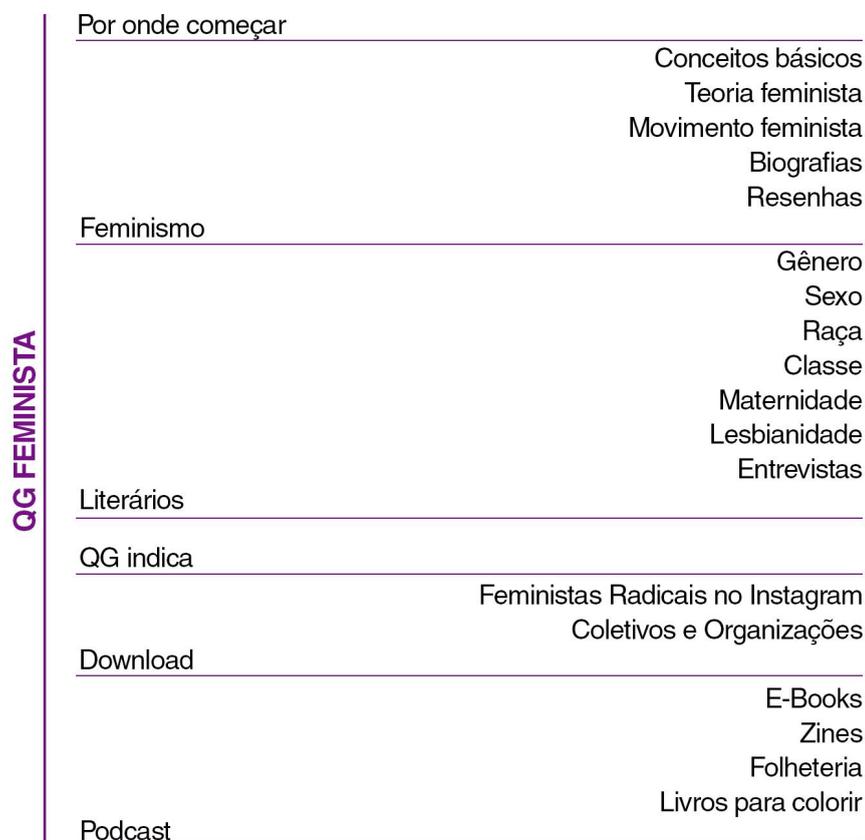
Na aba “Quem somos” do blog, há uma descrição feita pelas criadoras do blog (que não se apresentam por nome, mas se denominam “QG Feminista”), que explica a proposta do site e seu surgimento:

A QG Feminista é um projeto que existe desde agosto/2017, como uma revista digital. Hoje já somos muito mais que isso. Firmes na missão de difundir conteúdo feminista, já ocupamos diferentes espaços e tipos de mídias e produzimos vídeos, podcast, zines, conteúdo para mídias digitais. Não somos mais uma Revista, mas uma coletiva feminista com diferentes projetos. (QG FEMINISTA, [s.d.])

Vemos, então, que o site surgiu como uma revista digital com a proposta de divulgar um conteúdo feminista (que, nesse caso, segue uma vertente específica desse movimento), e essa revista acabou por se expandir a diferentes espaços virtuais de atuação. O site principal (<<http://qgfeminista.org>>) é o espaço onde a maioria dos textos é publicada, mas essa coletiva também está presente em redes sociais diversas (*Twitter, Instagram, Facebook, e Pinterest*), que são veículo para a divulgação das publicações do site ou para a discussão de alguns temas ou propostas que a coletiva apoia. Além disso, a QG Feminista não se posiciona apenas através de textos escritos e publicados nessas diferentes redes, mas também está em plataformas de vídeo e áudio com seus *podcasts* e vídeos, como *Spotify, Youtube, Apple Podcasts, Google Podcasts, Deezer e RSS*.

O site apresenta seis abas principais que categorizam o tipo de material reunido em seu interior. Algumas abas possuem abas subordinadas, como podemos ver no seguinte diagrama:

Figura 17 - Diagrama das abas do site



Fonte: Figura da autora

Observando o diagrama, podemos identificar um trabalho de categorização temática dos textos pelas próprias organizadoras do site. As duas primeiras abas, “Por onde começar” e “Feminismo”, reúnem a maior parte dos textos escritos publicados pelas autoras do site que serão nosso foco para este trabalho. A aba “Literários” reúne alguns textos como poemas ou ensaios poéticos. A aba “QG Indica”, por sua vez, traz indicações de coletivos e organizações feministas, bem como feministas radicais que divulgam conteúdos dessa vertente no *Instagram*. A aba “Downloads” exhibe textos de diferentes formatos e modalidades (*e-books*, zines, folhetos e livros para colorir). E, por fim, a aba “Podcast” é onde se encontram, evidentemente, os *podcasts* das autoras.

Sendo assim, apesar de se tratar de uma coletiva relativamente nova, como podemos ver pelo número de abas e de categorias temáticas, não há escassez de material para se analisar. Fizemos um recorte não só de modalidade (escrita ou oral), mas também de autoria para esta pesquisa. Mas, antes de partir para a análise do *corpus* selecionado, é preciso ter uma noção geral das publicações do site, para

que se possa observar regularidades nos textos e nos comportamentos das autoras enquanto participantes ativas dessa coletiva. Dessa maneira, podemos perceber em que medida a proposta da coletiva se cumpre.

Observamos, então, todas as publicações no site no período analisado, desde 14 de setembro de 2019 até 29 de outubro de 2020, coletando, ao todo, 383 textos de 38 autoras. Para essa primeira descrição, categorizamos os textos levando em consideração alguns aspectos importantes. Primeiro, separamos cada autora e como ela se descreve no próprio perfil do site, como na imagem abaixo, que é uma captura de tela da página de uma das autoras, Andreia Nobre.

Figura 18 - Captura de tela do perfil de uma das autoras do site.



Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <<https://qgfeminista.org/author/andreia-nobre/>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

Como podemos ver acima, na página de cada autora, há o seu nome - que pode ou não ser um pseudônimo -, uma descrição breve do que ela achar necessário para se caracterizar ali - algumas optam por não se descrever - e, abaixo disso, os textos por ela publicados no site por ordem de mais novo para mais antigo. No caso de Andreia Nobre, sua descrição pessoal configura-se da seguinte forma: “Jornalista, blogueira, poetisa, feminista, amante de antropologia e professora primária que pratica desescolarização”.

Ao clicar em um dos textos, o blog te direciona para uma página na qual se encontra não somente o texto, mas algumas categorias nas quais ele se encaixa, bem como uma seção de comentários, uma contagem de visualizações e opções de compartilhamento em outras redes, como podemos ver na Figura 19 abaixo:

Figura 19 - Captura de tela da página de um dos textos publicados no site.



Fonte: blog QG Feminista. Disponível em:

<<https://qgfeminista.org/revista-feminista-denunciada-pelo-ministerio-da-mulher-por-apologia-ao-aborto/>>. Acesso em 10 mai. 2021.

Na captura de tela, podemos ver que o título aparece em destaque, seguido do nome da autora, da contagem de visualizações e do número de comentários. Acima do título do texto podemos ver destacada em cor roxa a categoria na qual ele se encaixa (“Gênero”). Tal categoria é definida pela autora no momento da publicação do texto no site, de acordo com o tópico abordado, o que leva a uma divisão temática que estrutura o próprio site.

Além disso, a autora coloca *tags* no final do texto, que são também definidas pela temática dele, mas são mais específicas do que a categoria do site. Podemos ver na Figura 20:

Figura 20 - Captura de tela das *tags* de um dos textos do site.



Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <https://qgfeminista.org/revista-feminista-denunciada-pelo-ministerio-da-mulher-por-apologia-ao-aborto/>. Acesso em 10 mai. 2021.

Portanto, podemos observar que as autoras têm o trabalho não só de escrever o texto, mas também de categorizá-lo em uma temática geral e de marcá-lo de forma específica, por meio de *tags*. No caso do exemplo do texto de Andreia Nobre, ela o inseriu no interior da categoria temática “Gênero” e o marcou por meio das *tags* “aborto” e “política pública”. Há alguns casos em que as autoras optaram por não marcar o texto com *tags*, mas precisaram incluí-los em alguma das categorias temáticas do site.

Para a nossa análise, então, levamos em conta o trabalho das próprias autoras de categorização temática dos textos e de marcação deles por meio das *tags*. Mas, além disso, também levamos em conta o número de visualizações de cada texto, porque, assim, é possível observar a relação entre as temáticas do texto e sua popularidade. Por fim, também consideramos como uma categoria analítica importante o gênero textual no qual se encaixam as produções das autoras, postulado por nós e não necessariamente por elas. Lembramos que as informações da tabela abaixo referem-se ao período de 14 de setembro de 2019 até 29 de outubro de 2020.

Como dito anteriormente, durante o período analisado, o site alocava 38 perfis no total, os quais são listados a seguir junto com suas descrições (caso houvesse):

Tabela 1 - Nomes, descrições e números de textos dos perfis sociais que escrevem na QG Feminista

AUTORA	DESCRIÇÃO	NÚMERO DE TEXTOS
Andreia Nobre	"Jornalista, blogueira, poetisa, feminista, amante de antropologia e professora primária que pratica desescolarização"	12
Anna Beatriz Saraiva	-	1
Annie	"Annie tem 30 anos, é natural de São Paulo e mora em Vancouver, no Canadá"	1
Ariana Amara	"feminismo e raiva"	18
Bianca Chella	"Apenas gosto de estudar e disponibilizar materiais sobre temas variados. Não me usem como referência a movimentos políticos. Não sou ativista e nem nada."	10
Caba	-	5

Carol Correia	"uma coleção de traduções e textos sobre feminismo, cultura do estupro e racismo (em maior parte). email: carolcorreia21@yahoo.com.br"	7
Cila Santos	"live and let die"	20
Clara Dantas	"Na dúvida, alego licença poética."	10
Diotima	-	7
Expressão com Razão	"Estudando Teoria Feminista e Teorias Materialistas"	11
Gi del Fuoco	"Talvez para sempre uma forasteira."	8
fêmea brava	"rebelda. feminista em luta, quebrando correntes, pela libertação de todas as mulheres. todas."	14
Feminismo com Classe	"Por um feminismo classista e revolucionário!"	64
Fúria Raiz	"Escritos pessoais e políticos de uma feminista radical lésbica."	10
Furiosa	"feminismo radical e materialista de forma didática. textos autorais e traduções. fúria, cultura do estupro, política, prostituição e teoria feminista"	41
Gabrielle Polary	"minha luta é a luta das mulheres; sou feminista radical por necessidade."	10
Glitch Feminista	"WWADD: What would Andrea Dworkin do?"	17
Ingrid Peixoto	"Uma leitora feminista, e nas horas vagas arquiteta e urbanista."	4
Jessica Miranda	"Socióloga política falando de coisa séria e analisando de maneira crítica a realidade social."	1
Katyusha	"Feminista Abolicionista / Materialista / RADICAL; Estudante de Psicologia; 19 anos; Amante da arte."	3
L. R.	-	5
Marcelle Fonseca	"São demais os perigos dessa vida pra quem tem paixão."	11
Maria Eduarda Antonino	"buceta ingovernável"	10
Mariana	"lésbica furiosa"	3
Melina Bassoli	"Professora, Socióloga e Artista - Visitem: http://estudioartemel.tumblr.com ; http://cachalotepublicacoes.tumblr.com ; http://leiamulheres.tumblr.com "	16
Nathalia Gouveia	"Feminista radical, vegetariana, psicóloga, pernambucana."	8
Natasha Orestes	"Natacha Orestes aka #ProjetoHisteria (@brasilcontrasap no Instagram)."	1

Pollyana Meira	"<3"	1
Pryscila Galvão	"Indiretas grandes demais, análises que ninguém nunca pediu e uns textos que eu escrevo quando sinto por dois"	1
QG Feminista	"QG Feminista é Feminismo em Revista"	17
rad and furious	"23 radfem"	4
Sabrina Falcão	-	9
tammuzs	"tradução"	1
Radio Fêmea	"Na frequência das mulheres"	4
Tamillys Lirio	"Mulher Negra, Psicóloga. Aqui consigo escrever o que por muitos anos foi silêncio."	2
Winnie Lo	"traduzir pra sobreviver"	8
Yasmin Morais	"Escritora, fundadora do projeto Vulva Negra e discente em Jornalismo. Acompanhe o meu trabalho no link a seguir: https://linktr.ee/YasminMorais "	7

Fonte: Tabela da autora

Com a Tabela 1, temos um panorama inicial dos 38 perfis e de suas identidades dentro do site, tanto pelo nome pelo qual elas optaram por se identificar, quanto pela descrição. É possível perceber que há dois tipos de perfis do site: um que se identifica por um nome ou pseudônimo que representa uma pessoa (desde nomes próprios, como “Andreia Nobre” até apelidos como “Furiosa”) e outro que se posiciona enquanto grupo ou nome categorizado, sem se representar como uma pessoa (como “Feminismo com Classe” ou “Rádio Fêmea”).

Além disso, observamos que há uma grande variação de frequência de publicação para cada perfil, alguns tendo publicado dezenas de textos no período de 14 de setembro de 2019 até 29 de outubro de 2020 e outras que, no mesmo período, publicaram menos de cinco textos. Tendo em mente esses números, calcula-se que a média de publicações de textos no período analisado é de aproximadamente 30 textos por mês.

Como já explicamos acima, cada um desses textos é categorizado em pelo menos uma das abas subordinadas do site de acordo com seu conteúdo temático (e cada aba é subordinada a uma das categorias maiores, também relacionadas ao conteúdo temático). Mas, além disso, para o desenvolvimento de nossas análises, consideramos também os diferentes gêneros textuais pelos quais as autoras articulam suas ideias.

No período analisado, separamos nossa análise por autora e lemos cada texto para poder categorizá-los dentre gêneros específicos definidos por nós e estabelecidos anteriormente neste trabalho. Em alguns casos, a própria autora definiu o gênero do texto ao escrever. Nesses casos, seguimos a categorização feita pela autora. No período analisado, identificamos 11 gêneros diferentes, sendo eles os seguintes:

Tabela 2 - Gêneros dos textos

Gênero	Total de Textos
Reportagem	3
Artigo de opinião	87
Divulgação científica	58
Resenha	7
Relato	6
Ensaio	21
Carta aberta	2
Conselho	8
Texto de instrução	8
Poema	1
Podcast	8

Fonte: Tabela da autora

Estes gêneros não somam a totalidade de textos analisados nesse período de aproximadamente 13 meses. Há também um grande número de textos que classificamos como Traduções, que não foram agrupados pelo gênero, mas foram retirados da contagem uma vez que não se tratavam de textos autorais dos perfis do site, mas de traduções de outros textos. No total, somam-se 173 traduções de textos de diferentes gêneros. Para este trabalho, o foco da análise está em um conjunto de gêneros produzidos por Furiosa, autora selecionada para compor nossa pesquisa sobre estilo linguístico-discursivo.

3.1.2. Furiosa

A autora Furiosa tem um perfil muito presente no site. Ela se define da seguinte maneira: “feminismo radical e materialista de forma didática. textos autorais e traduções. fúria, cultura do estupro, política, prostituição e teoria feminista.”. Escolhemos essa autora como objeto de estudo porque, dentre todos os perfis que

publicam textos no QG Feminista, ela é autora (dentre as que se definem com um nome individual, e não como uma categoria ou grupo) com mais textos publicados no período analisado, totalizando 41 textos. Na tabela abaixo, podemos observar melhor sua produção para site:

Tabela 3 - Furiosa

Furiosa: "feminismo radical e materialista de forma didática. textos autorais e traduções. fúria, cultura do estupro, política, prostituição e teoria feminista"					
Texto	Data	Número de visualizações	Tópico definido no site	Tags	Gênero
Mark Zuckerberg odeia pessoas pretas	15/09/2019	163	Raça	Racismo	Tradução
Feministas radicais pregam discursos violentos contra prostitutas?	15/09/2019	273	Sexo	Prostituição	Artigo de opinião
"Não é minha culpa. fui criado assim"	15/09/2019	210	Gênero	Homem; Machismo; Socialização masculina	Artigo de opinião
O movimento de libertação das mulheres	17/10/2019	191	Movimento feminista	História do feminismo; Militância; Sexismo	Tradução
Prezadas mulheres, uma carta sobre como conduzir seu movimento.	21/10/2019	193	Movimento feminista	Militância; Punitivismo; Socialização feminina	Artigo de opinião
Sobre sexo "de verdade"	22/10/2019	412	Gênero	Heterossexualidade de compulsória; Sexualidade; Socialização feminina	Artigo de opinião
Afinal: como abolir o gênero?	22/10/2019	282	Gênero	Abolição de gênero	Divulgação científica
A heterossexualidade compulsória para uma mulher heterossexual	24/10/2019	271	Gênero	Heteronormatividade; Heterossexualidade de compulsória	Divulgação científica
O que são as "ondas" do feminismo?	27/01/2020	588	Conceitos básicos	Conceitos; História das mulheres; História do feminismo; Ondas feministas	Divulgação científica
Como o mito do "gênio artístico" perdoa o abuso de mulheres	30/01/2020	190	Gênero	Cinema; Machismo; Violência masculina; Violência sexual	Tradução
O que é empoderamento?	29/02/2020	401	Conceitos básicos	Empoderamento; Feminismo liberal	Divulgação científica

Radicalizando o seu cotidiano: organizando-se politicamente	01/03/2020	212	Conceitos básicos	Organização feminista	Texto de instrução
Radicalizando o cotidiano: repensando os seus relacionamentos	02/03/2020	321	Conceitos básicos	Heteronormatividade; Heterossexualidade compulsória; Relacionamentos; Sororidade	Texto de instrução
Radicalizando seu cotidiano: abandonando a feminilidade	02/03/2020	589	Conceitos básicos	Feminilidade; Feminismo radical	Texto de instrução
O que é socialização e o que é educação?	07/04/2020	356	Conceitos básicos	Educação; Socialização	Divulgação científica
Feminilidade, lesbianidade e lugar de mulher	08/04/2020	159	Lesbianidade	Feminilidade; Socialização feminina	Artigo de opinião
Como a cultura da pedofilia afeta como entendemos a beleza	10/04/2020	2903	Gênero	Cultura da pedofilia; Feminilidade; Indústria da beleza; Socialização feminina	Tradução
Mulheres indígenas no Brasil: Dificuldade de efetivação de direitos	15/04/2020	276	Movimento feminista	Direitos das mulheres; Mulheres indígenas	Artigo de opinião
A falsa transgressão da feminilidade: outro privilégio masculino	15/04/2020	328	Gênero	Feminilidade; Hipersexualização; Masculinidade	Tradução
Não tenha pressa de crescer	15/04/2020	599	Gênero	Cultura da pedofilia; Feminilidade; Meninas; Relacionamento abusivo; Socialização feminina	Conselho
Feminilidade	15/04/2020	269	Teoria feminista	Feminilidade	Tradução
A armadilha da feminilidade e as novas masculinidades	15/04/2020	378	Teoria feminista	Feminilidade; Identidade de gênero; Masculinidade	Tradução
“Você é diferente, não é como as outras da sua idade”	20/04/2020	230	Gênero	Abuso sexual; Adolescentes; Meninas; Relacionamento abusivo	Conselho
Nós mulheres nos defendemos!	29/04/2020	153	Movimento feminista	Coronavírus	Tradução
O mercado global da barriga de aluguel: Uma	04/05/2020	348	Maternidade	Barriga de aluguel; Tráfico	Tradução

visão feminista				de mulheres; Tráfico sexual	
Seu feminismo chega à sua mãe?	05/05/2020	317	Maternidade	Filhas; Mães; Misoginia	Carta aberta
No dia dos namorados, lembre-se: o pessoal é político	04/06/2020	556	Gênero	Cultura do estupro; Maternidade compulsória; O pessoal é político; Relacionamentos	Divulgação científica
Guia de estudos sobre questões raciais	11/06/2020	226	Raça	Antirracismo; Feminismo negro; Lesbianismo; Mulheres racializadas	Divulgação científica
Encarceramento em massa de mulheres no Brasil	11/06/2020	413	Gênero	Encarceramento; Mulheres encarceradas; Punitivismo	Ensaio
Criminologia, Feminismo e Direito Penal	11/06/2020	1182	Teoria feminista	Criminologia; Direito penal; Feminismo; Punitivismo	Divulgação científica
JK Rowling nas questões de sexo e gênero	13/06/2020	894	Gênero	Identidade de gênero; JK Rowling; Transativismo	Tradução
O que é Cultura do Estupro?	05/07/2020	638	Sexo	Cultura do estupro; Estupro	Divulgação científica
Cultura do estupro e a legislação de crimes sexuais	05/07/2020	535	Sexo	Direito penal; Estupro	Divulgação científica
Desleal à Civilização: Feminismo, Racismo, Ginofobia	27/07/2020	155	Raça	Racismo	Tradução
(Sobre) a raiva feminina	03/09/2020	271	Gênero	Raiva; Saúde mental	Tradução
Gênero e saúde mental das mulheres	12/09/2020	258	Gênero	Depressão; Saúde mental; Transtorno afetivo	Tradução
Ficar inerte não é feminista	15/09/2020	75	Movimento feminista	Ativismo; Feminismo; Militância	Artigo de opinião
Consentimento, coerção e culpabilidade	17/09/2020	54	Sexo	Prostituição	Tradução
O backlash Queer	17/09/2020	65	Gênero	Identidade de gênero; Queer; Teoria Queer; Transgeneridade	Tradução
Mulheridade: sobre sexo, papéis de gênero e autoidentificação	17/09/2020	222	Gênero	Identidade de gênero; Mulher; Teoria Queer	Tradução

Fonte: tabela da autora

Na tabela podemos ver todos os 41 textos publicados por ela ao longo do período analisado, bem como as categorizações feitas por ela dos textos (com a categoria do site e as *tags*), o número de visualizações de cada um e o gênero ao qual pertencem. Dos 41 textos, 17 são traduções, que não serão objeto de análise ao longo de nossa pesquisa. Sendo assim, restam 24 textos de gêneros variados, sendo eles: 10 textos de divulgação científica; 7 artigos de opinião; 3 textos de instrução; 2 conselhos; 1 carta aberta; e 1 ensaio.

Para nossa análise, selecionamos 8 textos para compor nosso *corpus*, considerando uma quantidade de textos para cada gênero que fosse representativa do número total. Portanto, nosso *corpus* é composto de 3 textos de divulgação científica, 2 artigos de opinião, 1 texto de instrução, 1 conselho e 1 ensaio. Nesse caso, optamos por não incluir o texto do gênero carta aberta por ser muito semelhante ao conselho.

Capítulo 4: Análise

4.1. O estilo linguístico-discursivo de Furiosa

Ao iniciarmos nosso contato com os textos de Furiosa no QG Feminista, postulamos a hipótese de que a autora teria um comportamento característico em questões estilístico-discursivas recorrentes e que dependiam da proposta do texto e do gênero discursivo. Acreditamos que a autora tem dois comportamentos gerais com seus leitores que variam de acordo com suas intenções com o texto: um comportamento aconselhador e um pedagógico. Consideramos aconselhadores os textos em que Furiosa dialoga com a leitora ou o leitor em uma posição mais íntima, direcionando-a/o a determinados comportamentos que ela considera mais prudentes e/ou adequados para a situação descrita pelo texto. Já a posição pedagógica consiste em colocar-se como detentora de um conhecimento que o leitor não necessariamente tem, e sua proposta com o texto é explicá-lo de forma bastante didática para o leitor.

Quando iniciamos nossa análise, no entanto, identificamos, além desses dois comportamentos que caracterizam a forma como Furiosa escreve, uma nova função que também se fez presente: a função acadêmica. Identificamos que, além da posição pedagógica em que ela se coloca ao explicar certos conceitos, e da posição aconselhadora para outros propósitos, a autora também recorre a uma posição acadêmica, em que sua linguagem é bastante formal e não há marcas de interlocução como nas outras duas. Nesse sentido, os textos refletem essas atitudes recorrentes da autora e podemos assim dizer que eles podem ser tipologizados da forma como o faremos a seguir.

Posto isso, escolhemos para nossa análise, como já foi dito no capítulo anterior, 8 textos da autora, que elencamos a partir da função que desempenham em relação ao seu interlocutor. Na tabela 4 abaixo, observamos quais dos textos se encaixam em cada função e também os gêneros discursivos, para que possamos relacionar suas características estilísticas com as de gênero:

Tabela 4 - Estilos de textos de Furiosa

Estilo	Texto	Data	Gênero discursivo	Exemplo
Aconselhador	<u>“Não é minha culpa, fui criado assim”</u>	15/09/2019	Artigo de opinião	“Tu tem a obrigação porque tu com certeza tem contato com pessoas que tomaram consciência de si, de suas opressões, de suas correntes, de seu contexto, de seus privilégios, enfim — e conseguiram compreender o lugar que ocupam no mundo e o que isso significa.”
	<u>Radicalizando seu cotidiano: abandonando a feminilidade</u>	02/03/2020	Texto de instrução	“Então, pratique: não se deixe interromper. Fale mais alto. Defenda o que você pensa. Não permita que te ridicularizem. Bata o pé. Diga “é isso mesmo”. Não deixe que tomem crédito pelas suas ações e ideias. Não tenha medo de fazer autopropaganda. Confie em si mesma e nas suas capacidades.”
	<u>“Você é diferente, não é como as outras da sua idade”</u>	20/04/2020	Conselho	“Será que se ele não fosse seu professor — e, portanto, se não tivesse alguma “autoridade” ou “influência” sobre você —, você se sentiria confortável com isso? Sai dessa. Seja livre pra viver sua adolescência sem ninguém te manipulando e te moldando.”
Pedagógico	<u>Afinal: como abolir o gênero?</u>	22/10/2019	Divulgação científica	“Isso é gênero. É alguém ter escrito sua história antes de você, sem te dar direito a revisão. Ok, o gênero oprime (todas as pessoas, mas principalmente) mulheres. Ponto pacífico até aqui? Então vem o problema:”
	<u>No dia dos namorados, lembre-se: o pessoal é político</u>	04/06/2020	Divulgação científica	“Pra mim, é sobre a nossa posição, enquanto mulheres, em um relacionamento heterossexual — em que, de fato, depositamos nossa confiança em alguém que tem o poder pra nos machucar a qualquer segundo. Porque é ele quem segura a flecha, apontada para o coração dela. O resultado é uma constante tensão. Vamos ver exemplos de como a exploração/opressão no nível macro se manifesta no nível micro?”
	<u>Feminilidade, lesbianidade e lugar de mulher</u>	08/04/2020	Artigo de opinião	“Mas, é claro, nós não andamos nuas por aí. Se um macho e uma fêmea, em seu estado natural, fossem colocados lado a

				lado com seus genitais e outras características sexuais secundárias cobertas — digamos, com todo o tronco coberto — esses corpos não seriam tão absurdamente diferentes. Existem diferenças, é claro, até no nível dos ossos — tanto que é possível distinguir machos de fêmeas pelo esqueleto —, mas meu ponto é que a diferença não seria absurda.”
Acadêmico	O que é Cultura do Estupro?	05/07/2020	Divulgação científica	“De fato, analisando historicamente a situação da mulher, vemos que ela sempre foi mantida e tratada na condição de coisa, de propriedade, especialmente por conta de suas capacidades sexuais e reprodutivas: a mulher era utilizada como oferta de paz entre tribos; era usada para uni-las; era usada para ‘produzir’ mão de obra (crianças) para trabalhar na terra e para assegurar a manutenção da propriedade no mesmo sangue. Gerda Lerner faz uma extensa pesquisa e exposição sobre isso em sua obra <i>The creation of Patriarchy</i> , de 1986.”
	Encarceramento em massa de mulheres no Brasil	11/06/2020	Ensaio	<p>“INTRODUÇÃO</p> <p>Para este ensaio, abordaremos a questão do encarceramento em massa de mulheres no Brasil. Para tanto, ele será estruturado em duas partes: a primeira parte se preocupará em traçar o perfil das mulheres encarceradas, para que as posteriores análises de seu encarceramento se sustentem no método materialista, ou seja, partindo-se da realidade para se buscar uma explicação, e não o contrário; a partir dessas informações, e a segunda parte trará as atuais conjecturas teóricas feitas para explicar tal fenômeno.”</p>

Fonte: tabela da autora

Escolhemos para nossa análise os textos que demonstravam mais tais características estilísticas categorizadas por nós. As características mais comuns dos textos de estilo aconselhador são as marcas de interlocução um tanto informais, que estabelecem uma relação autora-leitor(a) em que a autora está em uma posição de conhecimento maior do que do/a leitor/a e o/a aconselha sobre a forma como ele ou ela deve agir na situação abordada pelo texto. Os textos de estilo pedagógico

têm algumas semelhanças com os textos de estilo aconselhador, como marcas de interlocução e certa informalidade. Ambos os estilos também utilizam recursos extra textuais e multissemióticos com uma certa frequência, como imagens no corpo do texto e certos trechos com fontes maiores e mais coloridas para destaque. Os conteúdos temáticos dos textos são um ponto de divergência entre tais estilos: normalmente os de estilo aconselhador trazem temas cotidianos, como problemas específicos com os quais o leitor ou leitora tem familiaridade, enquanto os textos de estilo pedagógico normalmente trazem questões e tópicos da pauta feminista radical que a autora busca explicar ao leitor. Além disso, há uma diferença de função entre os estilos: o aconselhador, evidentemente, tem função de aconselhar o leitor em situações que a autora descreve; o pedagógico, por sua vez, tem função de informar ou explicar um conteúdo ao leitor.

A função de informar ou explicar um conteúdo é também a função do último estilo que identificamos, o acadêmico. Apesar de assemelhar-se ao estilo pedagógico neste traço, o estilo acadêmico é o que mais se diferencia dos outros dois, uma vez que, por ser acadêmico, suas principais marcas estilísticas são a formalidade da linguagem e a intertextualidade explícita (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007), à medida que a autora retoma outros textos para explicar determinadas ideias, textos esses renomados e conceituados em sua área de estudo do feminismo. Além disso, por conta da formalidade, os textos de estilo acadêmico não fazem uso de recursos extra textuais e multissemióticos da mesma maneira que os outros dois estilos. Neste último estilo, a autora não insere imagens ao longo do texto, e apenas faz uso de fontes de tamanhos e cores diferentes em determinados trechos em alguns dos textos e apenas quando faz citação direta a textos conceituados. Agrupamos na tabela abaixo os traços principais de cada estilo textual da autora:

Tabela 5 - Recursos estilísticos dos textos de Furiosa

Textos/Recursos estilísticos	Texto Aconselhador	Texto Pedagógico	Texto Acadêmico
Intertextualidade	Se há citações diretas, normalmente não são citações de textos acadêmicos. As citações geralmente são de aforismos, fazendo referências a frases comuns atribuídas a certos grupos. Exemplo: “Este é o homem	Se há citações diretas, normalmente não são citações de textos acadêmicos. As citações geralmente são de aforismos, fazendo referências a frases comuns atribuídas a certos	Citações diretas e indiretas a textos acadêmicos ou literários. Exemplo: “A categoria sexo, então, fornece explicações apriorísticas (a-históricas) para o desenvolvimento (histórico) dos diferentes

	<p>que não enxerga ou não aceita que fez caca. A negação é geralmente acompanhada por “era em outro contexto” ou, principalmente, “foi só uma brincadeira, não é pra tanto”. (FURIOSA, 2019)</p>	<p>grupos. Exemplo: “Os argumentos vão desde motivos “biológicos” (“mas a mulher é naturalmente mais caseira, mais ordeira”) até justificativas “pragmáticas” (“a mulher já trabalha menos, aposenta mais cedo e engravida, então cuidar da casa é uma compensação”).” (FURIOSA, 2019)</p>	<p>papéis de sexo, e, consequentemente, da dominação masculina, afinal, “é a posição social que dá ao masculino a ingerência sobre os corpos das mulheres, através do sexo como marca distintiva e da sexualidade como forma de apropriação global” [4].” (FURIOSA, 2020)</p>
<p>Recursos multissemióticos (imagens, vídeos, etc.)</p>	<p>Há geralmente recursos multissemióticos ao longo do texto, como imagens, GIFs, vídeos, etc. Exemplo:</p>  <p>(Disponível em: https://qgfeminista.org/nao-e-minha-culpa-fui-criado-assim/)</p>	<p>Há geralmente recursos multissemióticos ao longo do texto, como imagens, GIFs, vídeos, etc. Exemplo:</p>  <p>(Disponível em: https://qgfeminista.org/nodia-dos-namorados-lembre-se-o-pessoal-e-politico/)</p>	<p>Não há recursos multissemióticos ao longo do texto.</p>
<p>Fontes de tamanhos e cores diferentes para destaque</p>	<p>A autora usa fontes maiores de cor rosa no corpo do texto para dar destaque a determinados trechos com muita frequência. Exemplo:</p> <p><i>TU TEM A OBRIGAÇÃO DE SER DIFERENTE DO QUE TE CRIARAM.</i></p> <p>(Disponível em: https://qgfeminista.org/nao-e-minha-culpa-fui-criado-assim/)</p>	<p>A autora usa fontes maiores de cor rosa no corpo do texto para dar destaque a determinados trechos com muita frequência. Exemplo:</p> <p><i>SÓ QUE TUDO ISSO ACONTECE PELO MISERO FATO DE QUE NOSSA SOCIEDADE ESTABELECE DEVERES, DIREITOS, PRERROGATIVAS E EXPECTATIVAS PRO SER-HUMANINHO QUE ACABOU DE NASCER (OU NEM ISSO) SÓ COM BASE NO QUE ELE TEM ENTRE AS PERNAS.</i></p> <p>(Disponível em: https://qgfeminista.org/afinal-como-abolir-o-genero/)</p>	<p>A autora normalmente não usa tais recursos, e, se usa, é com uma fonte menor do que nos textos de outros estilos, e para dar destaque a citações diretas a textos acadêmicos, apenas. Exemplo:</p> <p>(Disponível em: https://qgfeminista.org/o-que-e-cultura-do-estupro/)</p>
<p>Formal/Informal</p>	<p>Informal. Exemplo: “sim, brother, nossa sociedade é machista e tu provavelmente teve uma</p>	<p>Mais formal que o estilo aconselhador, mas menos informal que o acadêmico. Exemplo: “Pra quem está</p>	<p>Formal. Exemplo: “No entanto, eventualmente, toma-se a consciência de que “Sujeito”</p>

	criação machista” (FURIOSA, 2019)	chegando agora, um pequeno resumo sem vergonha: o feminismo radical concebe o gênero como um sistema de opressão que estabelece uma hierarquia” (FURIOSA, 2019)	e “Outro” não são essenciais, mas referenciais: aquele que nós consideramos “Outro” também se considera “sujeito” e, por sua vez, nos considera “Outros” — isso porque não existimos sozinhas no espaço; existimos somente em relação de reciprocidade, em relação às outras pessoas.” (FURIOSA, 2020)
Interlocução	Marca interlocução direta com o leitor. Exemplo: “Mas, né? Hoje tu já tá bem grandinho. E tu é bastante privilegiado: tu tem acesso a internet.” (FURIOSA, 2019)	Marca interlocução direta com o leitor. Exemplo: “Ficou decepcionada, né? Você queria um insight brilhante.” (FURIOSA, 2019)	Não marca interlocução direta.
Conteúdo temático	Relatos de situações cotidianas sobre as quais a autora aconselha o/a leitor/a.	Tópicos da teoria feminista radical que a autora explica ao leitor.	Tópicos da teoria feminista radical que a autora explica ao leitor.

Fonte: tabela da autora

Considerando os três estilos acima propostos que caracterizam os textos de Furiosa, conseguimos traçar relações não excludentes entre forma e função dos textos. Além disso, também conseguimos perceber uma diversidade grande de gêneros aos quais os textos se vinculam.

Como dissemos anteriormente, cada gênero discursivo apresenta determinadas características que definem os textos como pertencentes a um gênero. Levando em conta as características genéricas de cada texto, em conjunto com as características estilísticas, vemos que a autora faz um trabalho sobre o estilo do gênero escolhido, dado que manipula determinadas características do gênero de forma a dar mais relevo a certos recursos linguístico-discursivos, de acordo com suas intencionalidades. Destacamos que os textos de estilo aconselhador selecionados se filiam a diferentes gêneros - artigo de opinião, texto de instrução e conselho, uma vez que tais gêneros permitem, ou, até têm como marca principal, alguns dos recursos estilísticos do aconselhamento que Furiosa marca, como a interlocução e a argumentação guiando o leitor a agir de determinada maneira.

Os textos pedagógicos e acadêmicos seguem o mesmo princípio. Temos dois textos de estilo pedagógico de divulgação científica e um artigo de opinião, que são gêneros marcados especialmente pela explicitação de um conceito ou ponto de

vista, mas que também possibilitam a exploração de marcas de interlocução, por exemplo, ou mesmo ou uso de relatos pessoais como parte da explicação/argumentação. Por fim, os textos de estilo acadêmico se filiam ao gênero divulgação científica e ao ensaio, ambos gêneros muito presentes no meio acadêmico e que permitem o uso da linguagem mais formal e científica.

Partindo para uma análise mais minuciosa de cada estilo textual, apresentaremos a nossa análise dos textos de estilo aconselhador escolhidos como objeto de pesquisa, para, em seguida, analisarmos os de estilo pedagógico e, por fim, os de estilo acadêmico.

4.1.1. Textos aconselhadores

Três dos textos escolhidos para nossa análise foram considerados do estilo aconselhador. Por ordem de publicação, os textos são “Não é minha culpa. fui criado assim” (anexo K), de 15/09/2019, “Radicalizando seu cotidiano: abandonando a feminilidade” (anexo L), de 02/03/2020 e “Você é diferente, não é como as outras da sua idade” (anexo H), de 20/04/2020.

O primeiro texto é um artigo de opinião em que a autora se dirige a um leitor masculino retratado por ela no título do texto e ao longo dele. Um dos recursos mais comuns utilizados por ela neste artigo é o da intertextualidade explícita com função de subversão (KOCH; BENTES; CAVALCANTE (2007), em que ela cita frases atribuídas a um homem leitor ao qual o texto se dirige, a fim de dar voz a esta *persona* masculina com quem ela dialoga de forma crítica ao longo do texto. Vemos isso no trechos abaixo:

Figura 21 - Trecho do texto ““Não é minha culpa. fui criado assim”, de Furiosa

1. **A completa negação.** Este é o homem que não enxerga ou não aceita que fez caca. A negação é geralmente acompanhada por “era em outro contexto” ou, principalmente, “foi só uma brincadeira, não é pra tanto”. Ou seja, ele ou não acha que houve caca ou não se julga responsável por ela.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <<https://qgfeminista.org/nao-e-minha-culpa-fui-criado-assim/>>. Acesso em 11 nov. 2021.

A intertextualidade se dá aqui por meio da mobilização de enunciados marcados com aspas, que podem ser compreendidos como falas comuns com as quais a autora dialoga. Isto é: a autora recorre a essa intertextualidade explícita ao

trazer frases comumente ditas pelo “homem machista”, ao qual o texto se dirige. O texto é permeado por esta relação entre a autora e este leitor presumido.

Além do recurso à intertextualidade explícita, a autora marca a interlocução direta com essa *persona* criada pelo texto através de outros recursos, como o uso do “tu” como vocativo para se dirigir a esse interlocutor, o que pode ser considerado como uma maneira informal e mais igualitária de se dirigir a um homem, especialmente quando se trata de uma mulher falando com um homem. É importante ressaltar, no entanto, que o recurso de interlocução ao longo desse texto se dirige a dois perfis: uma leitora que não é descrita extensamente de forma a ser caracterizada como uma *persona* e o leitor “homem machista” que é *personificado*. Vemos a seguir um exemplo de cada interlocução:

Figura 22 - Trecho do texto “Não é minha culpa. fui criado assim”, de Furiosa

Você, leitora, já deve ter entendido que a intenção deste texto é descrever (e destruir, desmascarar, jogar na parede e ver escorrer) a **Reação Número Três**.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <https://qgfeminista.org/nao-e-minha-culpa-fui-criado-assim/>. Acesso em 13 dez. 2021.

A Figura 22 nos mostra o momento inicial do texto no qual a autora se dirige a uma interlocutora feminina (“leitora”), ao explicitar suas intencionalidades com o texto. Em seguida, percebemos uma mudança de interlocução em que a autora passa a dirigir-se ao “homem machista” que ela descreve, como vemos na Figura 23 abaixo:

Figura 23 - Trecho do texto “Não é minha culpa. fui criado assim”, de Furiosa

Tu, por exemplo. Tu, branquelão de classe média ou classe média alta. Fizeram de ti um baita de um machista. Talvez você tenha ouvido que lugar de mulher é dentro de casa lavando roupa. Talvez você tenha visto teu pai bater na tua mãe. Talvez você tenha ido a um puteiro com 13 anos de idade pra ter tua iniciação sexual com prostitutas, porque mulher é pra isso, sexo é isso, é um direito, algo que se compra. Não só talvez, como provavelmente tudo isso.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <https://qgfeminista.org/nao-e-minha-culpa-fui-criado-assim/>. Acesso em 13 dez. 2021

Vemos, nos dois exemplos, que a autora transiciona entre dois interlocutores como um recurso textual. É possível presumir que o recurso de aconselhamento passa a existir mais fortemente à medida que a autora troca de interlocutor, justamente porque é nesse momento que ela passa a posicionar-se enquanto

alguém na posição de indicar comportamentos à quem ela se dirige. Sendo assim, a proposta da autora neste texto não é de se aproximar do leitor através da identificação e da intimidade, como vemos em alguns textos dela, mas, sim, de se posicionar contra o leitor e colocá-lo numa posição em que ela não está abaixo dele, mas sim falando de igual para igual com ele. Vemos, então, que a autora se coloca em posição de denunciar atitudes do leitor, bem como de conduzi-lo a uma conduta mais apropriada, segundo a proposta do texto. Para colocar-se nesta posição, a autora organiza uma progressão argumentativa ao longo do texto, demarcando sua posição crítica em relação aos comportamentos da *persona* projetada pelo texto e, em consequência, colocando-se também em posição de aconselhadora.

Não consideramos este texto como sendo do gênero conselho, uma vez que há uma progressão argumentativa forte que tenta responder ou questionar uma certa conduta, o que o caracteriza como artigo de opinião. No entanto, é evidente que a autora utiliza de alguns dos recursos principais do gênero conselho apresentados anteriormente para definir a proposta do texto: indica à *persona/ao* leitor determinados comportamentos a serem seguidos nas situações estabelecidas. Sendo assim, o trabalho estilístico da autora se faz ao se aproveitar do recurso à linguagem informal (o uso do "tu" e de expressões idiomáticas, por exemplo), à intertextualidade e à marcas de interlocução (vários modos de se dirigir à *persona/ao* leitor) de forma a colocar-se numa postura de aconselhadora.

Considerando os conceitos de estilo abordados anteriormente, podemos afirmar que esse texto, filiado ao gênero artigo de opinião e que apresenta um estilo aconselhador, mostra os processos de iconização propostos por Irvine (2001) à medida que Furiosa mobiliza recursos semióticos e discursivos acima elencados de forma a constituir o sujeito retratado no texto como um "ícone sociolinguístico machista", especialmente por tematizar as supostas falas desse sujeito, que tematizam vários aspectos de suas atitudes. Além disso, a recursividade se mostra no texto pela dicotomização das duas figuras presentes: a autora, como uma detentora de conhecimentos a respeito do feminismo e da opressão masculina, e o homem machista, interlocutor que ela representa como contrário às suas ideias e como alguém cujas atitudes devem ser repreendidas. Por fim, o recurso do apagamento se faz presente pela escolha da mobilização de recursos que marcam informalidade e que afastam a imagem de formalidade para o texto da autora.

Além do estilo, o registro da autora também é relevante para análise, uma vez que ela explicita uma situação social na qual ela se coloca. Ao posicionar-se enquanto uma mulher feminista, ela se categoriza e, conseqüentemente, estiliza sua linguagem de forma a condizer com sua situação social. Por ser feminista, ela se posiciona de determinadas maneiras ao abordar o tema do texto, e isso será observado em todos os textos analisados.

Vemos estas características no texto de instrução “Radicalizando seu cotidiano: abandonando a feminilidade”, que analisaremos a seguir. Neste texto, a autora propõe-se a explicar certas formas à sua interlocutora - neste caso, mulher - de abrir mão da feminilidade, que é uma das formas de opressão que o patriarcado aplica sobre as mulheres, segundo a teoria feminista radical. A iconização, neste caso, recai sobre a relação entre a autora e a sua interlocutora, que pode ser observada pelo uso de marcas de interlocução com a leitora. No entanto, o que diferencia este do texto anterior é que essa interlocução é de tom mais amigável, como vemos no trecho abaixo:

Figura 24 - Trecho do texto “Radicalizando seu cotidiano: abandonando a feminilidade”, de Furiosa

E ok, sabe. Nós somos socializadas para isso, como eu disse. Nós desejamos o desejo masculino. Não à toa, o ápice da vida feminina era o casamento; depois da captura liberal das pautas feministas, o ápice da libertação sexual é você *querer* ser sexualizada, por escolha própria! Mas onde está a libertação se você ainda usa a régua patriarcal pra medir seu nível de autoamor? Sua autoestima?

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <https://ggfeminista.org/radicalizando-seu-cotidiano-abandonando-a-feminilidade/>. Acesso em 11 nov. 2021.

No trecho acima, observamos a relação de proximidade que a autora pretende estabelecer com a leitora do texto. A linguagem informal marcando proximidade se mostra pelo uso de marcadores conversacionais ou discursivos, como "ok" e "sabe", e pelo modo de interpelar diretamente a leitora com o uso de "você". Além disso, neste parágrafo, bem como ao longo do texto, vê-se um tom de preocupação da autora, indícios de que ela se preocupa com a libertação da leitora da feminilidade, que é algo visto como negativo, e isto é marcado através de perguntas dirigidas diretamente à leitora, tais como “mas onde está a libertação se você ainda usa a régua patriarcal para medir seu nível de autoamor?”. Ou seja, para a autora, existe um processo necessário para a libertação da mulher a quem ela se

dirige, e é nessa direção que segue o conselho: fazer com que sua interlocutora abandone a feminilidade. O processo de apagamento se dá justamente na escolha desses recursos de informalidade que funcionam como uma estratégia de aproximação e de afetividade. A recursividade, por fim, pode ser observada pela dicotomização entre feminilidade e não-feminilidade, ou seja, a dicotomização de conteúdos temáticos.

Com isso, podemos observar as características do texto de instrução funcionando em conjunto com o caráter aconselhador do estilo da autora. No texto, caminhos, atitudes e formas de libertar-se da feminilidade estabelecida pelo patriarcado são diretamente apontados por Furiosa, o que caracteriza esse texto como instrucional, ao mesmo tempo em que também acontece o estabelecimento de uma relação de aconselhamento entre a autora e sua leitora. Para isso, não somente Furiosa tenta estabelecer uma relação amigável como também se coloca como detentora de um conhecimento que a própria leitora do texto demanda dela, como vemos no trecho abaixo:

Figura 25 - Trecho do texto “Radicalizando seu cotidiano: abandonando a feminilidade”, de Furiosa

A teoria radical é muito rica e possui extensas contribuições e propostas de intervenção social, econômica e política, mas, justamente por possui conteúdo bastante abrangente e mais voltado para soluções coletivizadas, frequentemente nossas leitoras nos perguntam: como eu posso aplicar a teoria radical no meu dia-a-dia?

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <https://qgfeminista.org/radicalizando-seu-cotidiano-abandonando-a-feminilidade/>. Acesso em 11 nov. 2021.

Sendo assim, observamos a posição aconselhadora em que a autora se coloca ao longo do texto e a forma como ela utiliza das características do gênero texto de instrução para tal. O mesmo efeito, observamos no texto seguinte, agora do gênero conselho, “Você é diferente, não é como as outras da sua idade”.

Por conta do gênero "conselho" escolhido pela autora, conseguimos observar as características principais desse gênero em conjunto com suas marcas estilísticas. A autora inicia o texto partindo da contextualização de uma situação específica com a qual a leitora teria familiaridade. Observamos no trecho abaixo:

Figura 26 - Trecho do texto “Você é diferente, não é como as outras da sua idade”, de Furiosa

Sobre aquele cara mais velho, que é tão, tão legal

Em todo colégio tem aquele professor (muitas vezes — na maioria delas — mais de um) que adora fazer graça com as meninas: flerta sutilmente (outras vezes nem tão sutilmente assim), sempre usa uma ou outra de exemplo, conversa com elas de “igual pra igual”...

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <https://qgfeminista.org/voce-e-diferente-nao-e-como-as-outras-da-sua-idade/>. Acesso em 11 nov. 2021.

O início do texto traz a descrição de uma situação sobre a qual a autora irá aconselhar a leitora, o que é uma marca do gênero. Ela também mobiliza o recurso da intertextualidade, ao utilizar a citação, agora indireta, de uma frase comum supostamente produzida por alunas para falar sobre o professor, descrito como “tão, tão legal”. Isto é um recurso que estabelece familiaridade com a leitora, bem como contextualiza o problema que será tematizado ao longo do texto. Em seguida, a autora, mais uma vez, se dirige diretamente à interlocutora através do vocativo “amiga”, que marca informalidade e proximidade. Esses recursos são fundamentais para estabelecer a relação autora-leitora, e são marcas características do estilo textual de aconselhamento da autora.

Além disso, Furiosa também iconiza a diferença entre os sujeitos descritos no texto, o professor e a aluna por meio de comparações entre “quem é ele” e “quem é você”, no caso, a leitora. A proposta de Furiosa, então, é a de construir esta comparação para poder colocar-se em posição de aconselhadora para a leitora, indicando a ela determinada conduta que julga ser mais prudente na situação considerada como de potencial abuso. A recursividade se faz neste texto através da explicitação da dicotomia entre as falas e atitudes atribuídas ao professor descrito pela autora e as falas e atitudes da leitora/aluna. Essa relação descrita transforma-se no motivo para Furiosa indicar para a leitora um caminho diferente a ser seguido, buscando livrá-la de uma possível situação de abuso.

Assim, o trabalho estilístico da autora em textos de aconselhamento se faz ao criar uma relação com suas leitoras em que ela pode colocar-se como aconselhadora, mesmo quando o gênero do texto não é, por definição, conselho. Ela manipula recursos linguísticos, consciente ou inconscientemente, como a interlocução, a intertextualidade, as marcas de oralidade, a linguagem informal, etc. que produzem um tom de aconselhamento para seus textos.

4.1.2. Textos pedagógicos

Para os textos de estilo pedagógico, escolhemos “Afinal: como abolir o gênero?” (anexo M), de 22/10/2019, “No dia dos namorados, lembre-se: o pessoal é político” (anexo N), de 04/06/2020 e “Feminilidade, lesbianidade e lugar de mulher” (anexo O), de 08/04/2020. É possível identificar já pelos títulos dos textos uma diferença nos tipos de conteúdos que trazem os textos de estilo pedagógico em relação ao aconselhador. Nesse estilo, os conteúdos são mais próximos de uma teoria a ser explicada ao/à leitor/a, ao invés de situações cotidianas sobre as quais o/a leitor/a é aconselhado/a sobre como agir.

O primeiro texto, “Afinal: como abolir o gênero?”, é um artigo de opinião cuja proposta principal é desenvolver uma progressão argumentativa a respeito da pergunta postulada no título. Por ser uma pergunta retórica, não há, evidentemente, uma resposta clara e única, mas, sim, uma argumentação na qual a autora sustenta sua tese de que é possível abolir o gênero através do que ela chama de “trabalho de formiguinha”, que seriam pequenas mudanças cotidianas que afetam o aspecto macro do gênero.

Tendo estabelecido isso, observamos que, apesar de alguns recursos semelhantes aos dos textos aconselhadores, como o uso de marcas de interlocução, no estilo pedagógico, a autora não se propõe, necessariamente, a aconselhar o/a leitor/a a seguir certas condutas, mas a esclarecê-lo/ensiná-lo a respeito de determinados conceitos. Observamos, então, que a posição em que a autora se coloca ao longo dos textos desse estilo é, de certa forma, híbrida: ao mesmo tempo apresenta-se como alguém detentora de um tipo de conhecimento especializado - a teoria feminista - sendo portanto, uma especialista (BOURDIEU, 1989 *apud* ACCETTURI, 2018), mas também como alguém que “dá a conhecer” esse conhecimento de maneira didática, facilitando a compreensão de conceitos sobre a teoria feminista e suas reivindicações. Portanto, o que observamos em textos de estilo pedagógico é que a autora não mais tenta trazer um ou mais exemplos de situações cotidianas e aconselhar o/a leitor/a em sua forma de agir nestas situações. Nos textos que consideramos como apresentando um estilo pedagógico, ela descreve situações cotidianas, mas com a funções de facilitar a compreensão sobre a pauta feminista.

Mesmo assim, ainda há marcas claras de interlocução e, muitas vezes, informalidade, como podemos observar no trecho abaixo:

Figura 27 - Trecho do texto “Afinal: como abolir o gênero?”, de Furiosa

Isso é gênero. É alguém ter escrito sua história antes de você, sem te dar direito à revisão.

Ok, o gênero oprime (todas as pessoas, mas principalmente) mulheres. Ponto pacífico até aqui? Então vem o problema:

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <<https://qgfeminista.org/afinal-como-abolir-o-genero/>>. Acesso em 11 nov. 2021.

No trecho acima, é possível identificar duas marcas claras do tom pedagógico do texto. No primeiro parágrafo, tem-se uma definição sobre o conceito de gênero; já o segundo parágrafo abre com uma interlocução direta com o/a leitor/a por meio de uma afirmação introduzida pelo marcador discursivo "ok", e por meio de uma pergunta, “ponto pacífico até aqui?”, que busca confirmar com o interlocutor se houve compreensão do que foi apresentado até o momento. Vemos a iconização do/a leitor/a no papel de quem precisa aprender sobre esse tema. A recursividade aparece, mais uma vez, no estabelecimento da dicotomia entre a pressão do patriarcado baseada no sexo e a libertação das pessoas por meio do processo de abolição do gênero, ideias opostas que norteiam a argumentação do texto. A proposta do gênero de divulgação científica que observamos no site é de explicar ao/à leitor/a conceitos e pautas do feminismo radical, o que permite que a autora coloque-se na posição pedagógica de tentar esclarecer o/a leitor/a sobre tais questões.

Essa atitude de esclarecimento encenada por Furiosa também se observa no texto “No dia dos namorados, lembre-se: o pessoal é político”. Com o mesmo objetivo do texto anterior, a autora se propõe a explicar ao/à leitor/a uma pauta importante da teoria feminista radical, a frase “o pessoal é político”, contextualizando-a por meio de uma situação provavelmente familiar ao/à leitor/a. O mesmo processo estilístico acontece neste texto: há a marcação da interlocução e da linguagem informal e a retextualização de conceitos complexos da teoria feminista para o/a leitor/a, simplificando a linguagem para que seja compreensível. Além disso, os processos de iconização pressupostos na construção do estilo

recobrem também o papel do/a leitor/a no texto. No trecho abaixo, observamos os seguintes exemplos:

Figura 28 - Trecho do texto “No dia dos namorados, lembre-se: o pessoal é político”, de Furiosa
E se a gente sabe que os perpetuadores de nossa exploração e de nossa opressão são os homens — já que são eles que se beneficiam desse sistema — , então não tem como fugir da análise de que, em um relacionamento heterossexual, eventualmente o cara *vai reproduzir essa estrutura*.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em
<<https://qgfeminista.org/no-dia-dos-namorados-lembre-se-o-pessoal-e-politico/>>. Acesso em 11 nov. 2021.

A autora utiliza “a gente”, uma marca de interlocução mais direta e informal, como um modo de aproximação de seu interlocutor, bem como outros recursos lexicais e sintáticos (a expressão “o cara” e a oração principal “não tem como fugir”), recursos estes que evidenciam a presença de uma certa informalidade na linguagem, importante para a tentativa de produzir uma melhor compreensão dos conceitos apresentados.

Sendo assim, o estilo pedagógico do texto encontra-se em consonância com os objetivos do gênero divulgação científica. Novamente a recursividade, característica dos processos de estilização, recai sobre a dicotomia estabelecida, em um primeiro momento, entre os conceitos de “pessoal” e de “político”. Ao longo do texto, no entanto, a relação dicotômica é transformada em uma relação de complementaridade entre esses dois conceitos.

Por fim, temos um texto do gênero artigo de opinião, “Feminilidade, lesbianidade e lugar de mulher”. A principal diferença que observamos neste texto é a forma como a autora estabelece sua argumentação em favor de uma tese: ela parte de um relato de experiência própria. O apagamento da linguagem formal acontece quando da mobilização de enunciados como: “eu fiquei tipo - quê?” e “por increça que parível” (por incrível que pareça).

Figura 29 - Trecho do texto “Feminilidade, lesbianidade e lugar de mulher”, de Furiosa

Tudo bem ser mulher, mas só se for do jeito patriarcal.

Eu precisava de um par de chinelas. Saí com minha mãe pra comprar. Entrei na loja da marca famosa e um par específico temático do filme "Fantasia", da Disney, me chamou a atenção. Eu escolhi meu número e entreguei à vendedora, e ela me disse que, infelizmente, não tinham esse tema no modelo feminino.

Eu fiquei tipo — quê?

Eu não sou assídua consumidora/compradora de chinelas, não vejo muita televisão (pra ver propagandas) e também não recebo muitas propagandas disso nas minhas redes sociais, então — por increça que parível — eu havia me esquecido completamente de que, sim!, existem *chinelas femininas*.

E é impressionante como é *fácil* fazer um *modelo feminino* de qualquer coisa: é só você basicamente tirar sua funcionalidade ou deixá-lo desconfortável. O modelo feminino das chinelas consiste em uma modelagem reduzida e com tirinhas mais finas.

Porque até nossos pés precisam ser *femininos*.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <https://qgfeminista.org/feminilidade-lesbianidade-e-lugar-de-mulher/>. Acesso em 11 nov. 2021.

A autora inicia sua argumentação através de um relato de experiência própria, construindo sua argumentação em torno da tese de que a feminilidade confere à mulher o *status* de oprimida dentro da sociedade. Nesse sentido, a própria progressão do texto leva à iconização da mulher como "oprimida" nas situações mais simples, como por exemplo, na escolha pessoal de uma "chinela" a ser comprada em uma loja. A exemplificação da situação por meio do relato de uma experiência pessoal funciona como uma explicação da autora em torno da ideia do "pessoal é político".

Temos, então, um exemplo do estilo pedagógico da autora quando ela passa a explicar uma pauta da teoria radical ao/à leitor/a, marcando a interlocução e, principalmente, utilizando sua experiência pessoal como forma de produzir uma proximidade com o/a leitor/a. A partir disso, ela passa a defender a tese de que o pessoal é político, "existem sim chinelas feministas", ao mesmo tempo em que coloca o/a leitor/a na posição de quem está sendo esclarecido/ensinado sobre essa tese. A autora utiliza dos recursos do artigo de opinião para defender sua tese - apresentação de uma situação-problema e de argumentos que possam levar à

crítica dessa situação, em conjunto com recursos estilísticos de caráter pedagógico, de forma a convencer o/a leitor/a da validade de sua tese.

4.1.3. Textos acadêmicos

Por fim, em nossas análises, identificamos o estilo acadêmico de alguns textos, dentre os quais selecionamos “O que é Cultura do Estupro?” (anexo P), de 05/07/2020 e “Encarceramento em massa de mulheres no Brasil” (anexo F), de 11/06/2020. Esse estilo não é o predominante na produção da autora.

O primeiro é um texto de divulgação científica que se propõe a expor a teoria por trás do conceito de cultura do estupro, cunhado por teóricas feministas para abordar uma das formas de opressão contra as mulheres na sociedade patriarcal. Nesse texto, Furiosa apresenta uma conceituação teórica sem fazer uso de marcas de interlocução, escrevendo em linguagem formal e, principalmente, trazendo outros textos acadêmicos por meio da citação direta e indireta. O trecho abaixo traz um pouco da característica estilística do texto selecionado:

Figura 30 - Trecho do texto “O que é Cultura do Estupro?”, de Furiosa

Em outras palavras, o que a filósofa existencialista quer nos dizer que é a mulher é constituída enquanto *negação* do homem. Este se constitui enquanto ser humano — *sujeito* — e aquela se constitui enquanto... fêmea. À mulher, resta o sexo, a animalidade, a negação da humanidade.

No entanto, eventualmente, toma-se a consciência de que “Sujeito” e “Outro” não são essenciais, mas referenciais: aquele que nós consideramos “Outro” também se considera “sujeito” e, por sua vez, *nos* considera “Outros” — isso porque não existimos sozinhas no espaço; existimos somente em relação de reciprocidade, *em relação* às outras pessoas.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <<https://qgfeminista.org/o-que-e-cultura-do-estupro/>>. Acesso em 11 nov. 2021.

Vemos no trecho acima a predominância de uma linguagem formal, característica do texto acadêmico, apesar da emergência de algumas marcas de oralidade (estrutura “é que” e uso das reticências como uma pausa para o discurso). O recurso à intertextualidade explícita pode ser observado pela mobilização da fonte, categorizada como “a filósofa existencialista”. Em outro momento, Furiosa também utiliza-se do recurso à impessoalização (“toma-se a consciência...”). Tais características são bastante comuns em textos de estilo acadêmico, e a autora

manipula estes recursos de forma a comunicar-se com um interlocutor aparentemente mais engajado neste meio.

Os processos de iconização estabelecidos ao longo desse texto não recaem sobre as relações produtora/interlocutores, mas sobre os conceitos abordados no texto. A recursividade se dá através do estabelecimento de oposições sistemáticas entre "gênero" e "sexo"/ "sujeito" e "outro". Sendo assim, é característico do estilo acadêmico que a autora passe a produzir iconizações de conteúdos temáticos e não de suas relações com os/as interlocutores/as.

Além disso, uma característica muito importante do texto acadêmico são as referências bibliográficas ao final, que não são uma parte da progressão textual, mas uma lista dos textos utilizados como base teórica para a autora. Vemos abaixo um pedaço das referências do texto:

Figura 31 - Trecho do texto "O que é Cultura do Estupro?", de Furiosa

Referências bibliográficas:

[1] O segundo sexo, vol. I, 1949.

[2] " Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência, sente-a como uma necessidade indefinida de se transcender". Segundo Sexo, vol. I

[3] A Categoria Sexo, Monique Wittig, 1996.

[4] Diferença sexual: uma questão de poder, de Tania Navarro-Swain.

[5] Wittig.

[6] Pornography: men possessing women, de Andrea Dworkin, 1989.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em <<https://qgfeminista.org/o-que-e-cultura-do-estupro/>>. Acesso em 11 nov. 2021.

Por se filiar ao gênero divulgação científica, esse texto reúne os recursos característicos desse gênero com os traços estilísticos da autora. Ademais, a autora escreve o texto como forma de explicitação de um conceito do feminismo radical, o que é a característica principal deste gênero no QG Feminista.

No segundo texto, o ensaio "Encarceramento em massa de mulheres no Brasil", apesar de observarmos características similares ao texto anterior, por seu

caráter ensaístico, também observamos o conjunto de estratégias estilísticas próprias desse gênero. A autora estrutura a progressão temática do texto por meio de perguntas sobre as quais ela discorre sobre o tema em questão.

Há, no texto, características importantes que o definem como ensaio, como a progressão lógica, o fato de ser um estudo embasado, a legitimação do autor enquanto detentor de um conhecimento relevante para o estudo, entre outros. Isso, em conjunto com os recursos estilísticos, confere ao texto caráter acadêmico. Podemos ver no trecho abaixo um breve exemplo da forma como a autora escreve neste caso:

Figura 32 - Trecho do texto “Encarceramento em massa de mulheres no Brasil”, de Furiosa
Traçando causas e perfis

INTRODUÇÃO

Para este ensaio, abordaremos a questão do **encarceramento em massa de mulheres no Brasil**. Para tanto, ele será estruturado em duas partes: a **primeira parte** se preocupará em traçar o perfil das mulheres encarceradas, para que as posteriores análises de seu encarceramento se sustentem no método materialista, ou seja, partindo-se da realidade para se buscar uma explicação, e não o contrário; a partir dessas informações, e a **segunda** parte trará as atuais conjecturas teóricas feitas para explicar tal fenômeno.

Fonte: blog QG Feminista. Disponível em
<<https://qgfeminista.org/encarceramento-em-massa-de-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em 11 nov. 2021.

No trecho, vemos que a linguagem da autora, assim como no texto anterior, é formal e a autora não marca interlocução com o/ leitor/a, mas, sim, contextualiza um problema e discorre acerca dele de forma a chegar a certas conclusões. No que diz respeito aos recursos estilísticos de iconização e recursividade, o processo é similar ao texto anterior: a iconização recai sobre um conteúdo temático, a mulher encarcerada. A recursividade, por sua vez, se dá através da dicotomização de conceitos, por exemplo, de mulheres encarceradas e mulheres em liberdade.

Por fim, podemos identificar um caráter diferencial dos textos acadêmicos, em que a autora não utiliza a relação com o interlocutor como maneira de iconizar e, às vezes, marcar a recursividade em seus textos. No caso dos textos acadêmicos,

estes recursos se fazem através do conteúdo, mais propriamente, estabelecendo ícones e dicotomias dos conceitos abordados.

Considerações finais

Neste trabalho, fizemos uma contextualização do processo histórico de formação do movimento feminista com um foco especial na formação da vertente feminista radical, para podermos compreender em que momento e contexto histórico o QG Feminista se encontra e quais suas reivindicações principais. Além disso, analisamos o aspecto macro das publicações do site levando em conta os conceitos de gêneros discursivos para categorizar os textos publicados pelas autoras da coletiva no período de onze meses. Em seguida, utilizamos o conceito de estilo sociolinguístico para analisar a autora Furiosa do QG Feminista, de forma que pudéssemos destacar características de destaque da autora em comparação com o resto do site.

Através de nossas análises, identificamos características estilísticas de Furiosa presentes em seus textos, que os definem como pertencentes a determinados estilos: aconselhador, pedagógico e acadêmico. Neste processo, a autora define sua *persona* através de suas diferentes posições em relação ao interlocutor em cada estilo. Sua *persona* se define por alguém que, em todos os casos, se coloca como detentora de um conhecimento importante a ser explicitado pelos textos, especialmente nos textos acadêmicos, quando sua voz não é a fonte de conhecimento sobre uma determinada questão.

É importante ressaltar que o trabalho estilístico de Furiosa se dá, especialmente nos estilos aconselhador e pedagógico, de forma subversiva, em que a autora se propõe a utilizar de recursos do gênero conselho, gênero mais comumente utilizado por revistas femininas, de forma a subverter os propósitos dessa posição. Ao colocar-se em posição de aconselhadora, como mulher feminista, em relação a outras mulheres, a autora utiliza de recursos semelhantes aos de perpetuação de ideias patriarcais como forma de conselho, mas de forma subversiva, uma vez que o texto não apresenta as mesmas intencionalidades e nem o mesmo conteúdo. A autora, ao contrário das revistas femininas, se coloca numa posição de aconselhadora ou alguém que ensina para direcionar mulheres e, principalmente, meninas a questionar a estrutura patriarcal formadora da sociedade, e, conseqüentemente, libertá-las do patriarcado.

Além disso, a relação que ela estabelece com o interlocutor é sempre relevante para compreender o papel do texto, uma vez que, ao se colocar como detentora do conhecimento abordado pelo texto, ela pode se colocar como

aconselhadora do/a leitor/a ou como educadora, com a função de ensiná-lo/esclarecê-lo a respeito de algum conceito. Isto também é uma característica particular do estilo da autora que observamos em $\frac{2}{3}$ dos textos analisados.

Sendo assim, podemos inferir que, quando a intenção da autora é dialogar com um interlocutor que ela estabelece na interlocução como hierarquicamente inferior - não como juízo de valor necessariamente, mas no que diz respeito à detenção de certos conhecimentos -, sua linguagem estilística é muito mais interativa e informal. Enquanto isso, nos textos acadêmicos, não há uma marca explícita do/a leitor/a a quem ela se dirige, mas pode-se inferir que o/a leitor/a nestes casos é alguém que detém não somente uma base teórica para compreender seus textos, mas alguém que é capaz de comunicar-se em linguagem acadêmica.

Por fim, observamos também que o papel no qual a autora se coloca é sempre de alguém que se propõe a ensinar/esclarecer o/a leitor/a a respeito de algo, ou, pelo menos, como detentora de um conhecimento que precisa ser repassado a outros. Podemos dizer, então, que ela enxerga como parte da sua função enquanto feminista a disseminação de certos conhecimentos, conhecimentos estes que levariam os leitores, idealmente, a identificar-se com seu ponto de vista e passar a seguir a corrente feminista radical. Sendo assim o trabalho de Furiosa no site pode ser caracterizado como um trabalho de recrutamento ou convocação, de forma a trazer os leitores para o seu movimento através de seus textos.

Para o campo de estudos da Sociolinguística, este trabalho contribui com uma análise do estilo sociolinguístico que se faz presente em uma autora presente em um movimento social de grande potência na atualidade. Com este trabalho, é possível hipotetizar sobre até que ponto o estilo de Furiosa é realmente um estilo individual ou se está inserido em um contexto de maior tamanho, podendo pertencer a um “estilo feminista” de linguagem. Analisando suas características estilísticas como autora, contribuimos para o referencial teórico do campo da sociolinguística.

Referências bibliográficas

ACCETTURI, Ana Cecília Almeida. **Atores, temáticas e categorias sociais em gêneros televisivos brasileiros**. Dissertação (mestrado) - Linguística, UNICAMP, Campinas, SP : [s.n.], 2018.

AGHA, Asif. Voice, Footing, Enregisterment. **Journal of Linguistic Anthropology**, v. 15, n. 1, p. 38-59, 2005. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1525/jlin.2005.15.1.1>>

_____. **Language and social relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

ALVAREZ, Sonia E., Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista, **Cadernos Pagu**, p. 14–56, 2014.

BENTES, A. C. “**É nós na fita**” 1: a formação de registros e a elaboração de estilos no campo da cultura popular urbana paulista. Campinas, São Paulo, p. 1-41. Disponível em <http://projetonoisnafita.vl1.net2.com.br/site/pdf/projeto-e-nois-na-fita.pdf>

BOFF, Odete M. B.; KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. **ReVEL**, vol. 7, n. 13, 2009. [www.revel.inf.br].

BRITO, Anny Michelly ; ALTAFINI, Berenice Alves da Silva, Proposta de sequência didática: a carta aberta, **Revista Philologus**, p. 2216–2227, Ano 20, N° 60 Supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2014.

CUNHA, Marcia Borin da ; GIORDAN, Marcelo, **A divulgação científica como um gênero do discurso**: implicações na sala de aula, *in*: , [s.l.: s.n.], 2009.

CORAZZA, Bruna Ximenes. **Se conselho fosse bom... produções de feminilidades no jornal das moças e na capricho**. Dissertação (mestrado) - Linguística Aplicada, UNICAMP, Campinas, SP : [s.n.], 2017.

COUPLAND, N. (2001). Language, situation and the relational self: theorizing dialect-style in sociolinguistics. In: Penelope Eckert and John Rickford (eds.), **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 185-210.

_____. (2003) Sociolinguistic authenticities. In: **Journal of Sociolinguistics**, v.7, n.3, aug. 2003, pp. 417-431, UK: Blackwell.

_____. **Style: language variation and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

FALCÃO, Bárbara Mendes ; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa, O podcast como gênero jornalístico, *in*: **GP Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação**, Belém - PA: INTERCOM, 2019.

IRVINE, J. T. (2001) Style as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In Penelope Eckert and John Rickford (eds.), **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 21-43.

JESUS, Milena Santos de; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. A abordagem conferida ao sexo e gênero nas distintas ondas feministas. **Revista Café com Sociologia**, Vol.3, N°3, p. 188–206, 2014.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A.C.; CAVALCANTE, M.M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

PAVIANI, Jayme, **O ensaio como gênero textual**, *in*: , [s.l.: s.n.], 2009.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donaio ; FARIA, Melissa Bortoloto. A intertextualidade no gênero resenha, **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 99-128, jan./abr. 2012.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. FEMINISMO RADICAL – PENSAMENTO E MOVIMENTO. **Textura**, Cruz das Almas-BA, ano 3, n.º 1, p. 24–34, 2008.

VAL, Maria da Graça Costa ; MARCUSCHI, Beth. Poemas na escola: análise de textos de alunos, **Educação em Revista**, Belo Horizonte-MG,v. 26, n. 2 p. 65–88, 2010.

Anexos

ANEXO A - Reportagem padrão: “Revista feminista denunciada pelo Ministério da Mulher por ‘apologia ao aborto’”, de Andreia Nobre.

06/10/2021 11:48

Revista feminista denunciada pelo Ministério da Mulher por “apologia ao aborto” - QG Feminista

Revista feminista denunciada pelo Ministério da Mulher por “apologia ao aborto”

Por **Andreia Nobre**



O MMFDH (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos) denunciou a Revista AzMina ao Ministério Público na capital de São Paulo por reportagem publicada em setembro de 2019, chamada "Aborto seguro: como é feita a interrupção da gestação com misoprostol".

Revista AzMina publicou reportagem em setembro contendo "tutorial" para usar pílula abortiva

O MMFDH (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos) denunciou a Revista AzMina ao Ministério Público na capital de São Paulo por reportagem publicada em setembro de 2019, chamada “Aborto seguro: como é feita a interrupção da gestação com misoprostol”. Após tuitar o link para a matéria, a conta da revista Azmina no Twitter passou a receber dezenas de insultos e de ameaças de ataque físico às jornalistas que escreveram o material.

O site Knight Center reportou o caso após a denúncia ao Ministério Público, explicando o conteúdo da denúncia. Segundo o Knight Center, a matéria explica que “a interrupção voluntária da gestação é considerada crime no Brasil e só é legalizada em casos de gestação decorrente de estupro, anencefalia fetal e quando há risco de morte para a gestante”. Após a publicação e do

compartilhamento no Twitter da revista, muitos usuários dessa rede passaram também a marcar o perfil de autoridades públicas como o Ministério Público, da Polícia Federal e da própria ministra do MMFDH, Damares Alves, para que a revista seja sancionada.

Damares respondeu sobre a publicação dizendo que a reportagem era "um absurdo" e "apologia ao crime" no próprio Twitter. O MMFDH também já se pronunciou explicando que recebeu a denúncia e encaminhou processo à Ouvidoria do Ministério Público, especificando que a matéria incentiva o aborto clandestino ao incluir "receitas" para realizar um aborto com o misoprostol.

Entretanto, a prática do aborto clandestino já existe há muito tempo no Brasil justamente pelo fato de que o aborto legal só é permitido nos casos acima citados pela matéria do Knight Center, e mulheres que enfrentam gestações indesejadas não têm direito a interrompê-la de forma legal, segura e gratuita pelo sistema de saúde público brasileiro se não se encaixarem nos requisitos previstos por lei.

Isso vai contra os direitos de autonomia dos corpos femininos. Há muitos motivos para uma gravidez indesejada acontecer. Um deles é o fato de que nenhum contraceptivo é 100% efetivo para prevenir uma gestação, mesmo quando usados ou inseridos de maneira correta, além do fato de que a contracepção pode falhar por condições médicas (quando a mulher utiliza certos medicamentos, por exemplo, e o contraceptivo se torna menos efetivo ainda, entre outros problemas).

Soma-se que a educação sexual falha terrivelmente com as mulheres ao se resumir em "usar contracepção", sem informá-las sobre a anatomia feminina, ciclos menstruais, ovulação e fertilidade. Há mulheres que vão engravidar porque ovularam duas vezes no mesmo mês, por exemplo, mesmo usando um ou mais tipos de contraceptivos ao mesmo tempo. Por essas e outras razões, muitas vão engravidar e se ver diante da difícil decisão de ter um filho não planejado quando já têm muitos, ou quando não têm nenhum mas estão ainda estudando, ou quando estão desempregadas.

A interferência do estado na autonomia sexual da mulher, constantemente legislando sobre os corpos femininos, é exatamente o que leva e vai levar muitas mulheres a procurarem clínicas clandestinas de aborto, ou meios de conseguir alguns dos métodos citados na reportagem da revista AzMina, como a pílula de misoprostol. É justamente a insistência do estado em controlar a sexualidade das mulheres em todos os aspectos que promove o aborto clandestino. Em todos os países que descriminalizaram o aborto, como Portugal, o número de abortos legais e seguros realizados foi reduzido porque deu as mulheres a escolha de levar uma gestação adiante.

Enquanto isso, o assédio sexual de homens sobre mulheres, crianças e até mesmo sobre outros homens nos transportes públicos brasileiros aumentam exponencialmente. Somente 10% dos crimes de abuso sexual são denunciados (e apenas 1% deles resultam em condenações) e também estão aumentando, assim como a violência doméstica com agressões físicas e estupro marital. E o programa Bolsa Família, que permitiu a centenas de mulheres deixarem

relacionamentos abusivos ao dar-lhes independência financeira, é destruído, lançando ainda mais mulheres na pobreza, colocando-as em risco de serem abusadas sexualmente, engravidarem e terem um aborto negado.

No moralismo de Damara Alves para negar autonomia sexual às mulheres, ela ajuda o Estado Brasileiro a perpetuar a misoginia e pôr a vida de milhares de mulheres em risco, porque o aborto clandestino vai continuar acontecendo, esterilizando ou matando as mulheres mais pobres (a maioria delas pretas) em procedimentos perigosos.

Andreia Nobre

Jornalista, blogueira, poetisa, feminista, amante de antropologia e professora primária que pratica desescolarização

ANEXO B - Divulgação científica padrão: “O que é empoderamento?”, de Furiosa

06/10/2021 15:30

O que é empoderamento? - QG Feminista

O que é empoderamento?

Por **Furiosa**



empoderamento

Empoderamento. A palavra do momento nos movimentos sociais, agora, é **empoderamento**. Tem sido tão falada que já disseram que se tornou um clichê. Uma rápida pesquisa no google mostra que o número de pesquisas por esse termo explodiu nos últimos anos.

Mas será que a gente sabe o que é empoderamento? Quero dizer, será que *realmente* sabemos o que é?

Historicamente falando, a palavra em inglês *empowerment* começou a ser usada em meados das décadas de 60 e 70 do século passado por diversos grupos diferentes (desde psicanalistas, passando por feministas, até budistas). Mas foi com a publicação do livro *Black Empowerment: Social Work in Oppressed Communities*, de Barbara Solomon, que se delineou verdadeiramente seu conceito.

Barbara Solomon vai discutir as dificuldades de se desenvolver trabalhos sociais voltadas às pessoas pretas dos Estados Unidos, e por que isso acontece. Ela explica que todos os anos de valoração negativa de pessoas pretas — em outras palavras, o racismo — afetaram significativamente a forma como pessoas pretas, individualmente e em grupo, se enxergam, se relacionam, se expressam, adquirem e lidam com conhecimento... e isso leva à incapacidade de tomar decisões por si, pensando no que é melhor para si e para sua comunidade — mas o que é *realmente* melhor, não aquilo que nos *dizem* ser melhor.



Vejam. Empoderamento, portanto, está relacionado à *agência e capacidade de tomar decisões sobre questões que concernem somente à sua própria classe*. São as mulheres falando pelas mulheres, pessoas negras falando pelas pessoas negras, porque somente quem cresceu vivendo e vive, de fato, as opressões cotidianas na pele vai conseguir identificar a melhor maneira de resolvê-las, de lidar com elas. Por isso o *protagonismo* do grupo vitimizado é tão importante — o protagonismo é, em si, uma forma de empoderamento, porque confere aos sujeitos a tal agência, a potência, o direito à determinação de sua própria vida e seu próprio destino; coisa que sempre lhes foi negada.

A obra bebe na fonte de diversas teorias anteriores, incluindo a *Pedagogia do Oprimido* de nosso querido Paulo Freire, que fala da importância do processo de conscientização do sujeito oprimido — somente assim, reconhecendo e compreendendo sua situação no mundo, esse sujeito poderia romper correntes e tornar-se politicamente consciente e capaz de fazer escolhas por si próprio. Não é possível o *empoderamento*, portanto, sem tomada de consciência, por parte do sujeito, do lugar que ele ocupa no mundo, da sua condição, da sua realidade material. A revolução que não começa no próprio sujeito, em sua identidade, em sua intimidade, está fadada ao fracasso...

... e é isso que vem acontecendo.

O conceito de empoderamento foi totalmente subvertido para compreender **literalmente** seu oposto!

Num processo de distorção muito louco, em algum momento da história internética e facebookiana, *empoderamento* virou sinônimo de *fortalecimento da autoestima*. Virou sinônimo de *autoafirmação*, de *abraçar a própria identidade* independentemente — eis a questão — das opressões envolvidas na própria construção desses fatores.

Porque isso é gostoso. É fácil. É **infinitamente** mais fácil aderir a um discurso individualista que tira a responsabilidade da mudança social do indivíduo, desprezando o que ele faz em sua vida privada, individualmente. Toda mulher que conhece o feminismo sofre e sente muita raiva, isso é ululante, é um processo absurdamente catártico. Ninguém reconhece a própria opressão numa boa. Fica difícil ler notícias de estupro e de pedofilia, fechar o computador, passar três camadas de batom e ir pra balada com as migas.

É nessa onda que, por exemplo, a **maquiagem**, um dos pilares da manutenção e da reprodução da feminilidade, virou requisito necessário para se empoderar, principalmente no caso de mulheres negras (a quem o cuidado com a própria beleza e estética sempre foi negado), mulheres gordas, mulheres fora do padrão, de forma geral.

São anos, décadas de produção acadêmica feminina sobre a **crueidade** da imposição de ritos de feminilidade (vide Sheila Jeffreys, Naomi Wolf, etc) simplesmente jogados no **lixo** sob o argumento de que — “mas deixa ela fazer o que ela quiser, ela é livre pra isso!”.

Meu doce de côco. Usar maquiagem, reproduzir rituais de feminilidade, depilar-se, enfim — nada disso é um ato de liberdade. Você não **escolhe** fazer algo quando esse algo já lhe foi imposto. A **negação** desses atos, isso sim, é uma escolha.

“Ai mas eu não entrei no feminismo pra ficarem ditando mais regra pra cima de mim”

Primeiro que você não entra no feminismo, porque feminismo não é clubinho. Segundo que ninguém está ditando regra; estamos simplesmente nos conscientizando de uma realidade, um fato: rituais de feminilidade são misóginos e foram criados por homens e impostos às mulheres por uma série de motivos e com uma série de finalidades (por exemplo, manter-nos submissas a determinados padrões estéticos inalcançáveis, manter-nos frágeis e constantemente em perigo — ou é muito fácil correr de salto agulha e usando um vestido com que você mal respira? — e nos fazer lutar entre nós pela atenção e pela admiração de... homens.). Isso se chama crítica; autocrítica.

E quem se beneficia com isso? Quem se beneficia com o esvaziamento do real sentido de empoderamento?

O capitalismo, é claro. Quem vende maquiagem. Quem vende produto de beleza. Quem vende as roupas bafônicas e lacradoras. Quem vende revista. Quem faz novela. Porque o capitalismo não vende só produtos; vende ideias, e, precisamente, as ideias que lhe são convenientes, por óbvio.

E as empresas não são estúpidas (aliás, quem trabalha com marketing pode ser tudo, menos estúpido). Elas sabem que, se continuarem reproduzindo discursos considerados socialmente retrógrados, perderão clientela. Então é infinitamente mais fácil e lucrativo mudar de discurso para continuar vendendo para a população guerreira da justiça social do que não mudar e perder dinheiro. E ainda, de quebra, você ganha elogios de grupos e coletivos que deveriam ser anticapitalistas.

Retomando o que já foi dito no começo: não à toa o empoderamento virou um clichê. É claro que é um clichê, porque se esvaziou: ele agora é um coringa pra se **vender** qualquer coisa. **Qualquer coisa.**

*EMPODERAMENTO
É RECONHECER OPRESSÕES PARA
PODERMOS NOS LIVRAR DELAS. NÃO É JOGAR
GLITTER NA OPRESSÃO PORQUE ASSIM
NOSSO COTIDIANO VAI FICAR MAIS
SUPORTÁVEL.*

Se nós estivéssemos realmente passando por um processo de empoderamento, nós estaríamos boicotando produtos de beleza. Boicotando padrões estéticos. Boicotando a feminilidade de forma geral. Boicotando a divisão de vestuários em "gênero". Boicotando estereótipos sexuais.

Estaríamos aprendendo a amar nossa beleza natural, sem necessidade de cosméticos, cirurgias mutilantes e acessórios que limitam nossa movimentação. Estaríamos conhecendo nosso corpo e admirando a complexidade de nosso sistema reprodutivo. Estaríamos falando de menstruação, de cãndida, de métodos contraceptivos e de ginecologia natural. Estaríamos falando sobre masturbação e gozo. Estaríamos compartilhando vivências e experiências. Estaríamos falando sobre maternidade real e acolhendo mães em nossos espaços. Estaríamos falando sobre nossas dores. Estaríamos nos apoiando.

Isso, sim, é ir contra o que o patriarcado espera. Isso, sim, é emancipação feminina. Porque cria um senso de coletividade. E coletividade não é sinônimo de "pessoas reunidas"; são pessoas reunidas que pensam e agem de forma coletiva. Muitas decisões coletivas podem não ser

agradáveis para nós individualmente, mas o serão pra coletividade—e, no final, é isso que importa, porque sozinhas nós nunca conseguiremos nada (não nós mulheres especificamente, mas nós classes oprimidas).

Isso significa que você tem que parar de fazer todos os rituais de feminilidade, inclusive aqueles de que você “gosta” (por exemplo, a maquiagem ou a depilação)?

Não. Mas seja **honesto** e assumo não só a qualidade desse comportamento (a ritualização da opressão), mas sua finalidade e as consequências, para a coletividade, de você perpetuar isso mesmo tendo consciência de sua natureza.

“Ai você quer que a gente fique o tempo todo de consciência pesada então”

Quero sim. Quero porque isso significa assumir **responsabilidade**. Vou repetir: feminismo não é clubinho e ser feminista não é pretexto pra você fazer o que quiser e foda-se. Se você quer fazer o que você quiser sem pensar nas consequências disso pra sua classe, privilegiando apenas suas próprias vontades e liberdades individuais, seu movimento teórico é outro, sinto dizer.

Por isso a gente tem que *desconfiar* quando vemos empresas, canais de televisão e outras instituições capitalistas com um discurso supostamente “feminista”. Qual o interesse delas nesse discurso, considerando que elas não seriam, de forma alguma, beneficiadas por uma mudança do status quo?

Empoderamento é **coletividade**. Empoderamento é pensar **coletivamente**. Empoderamento é conscientização, **catarse**, duvidar de tudo que já te disseram antes, pra que você possa tomar as decisões por você mesma.

Capisce?

Furiosa

feminismo radical e materialista de forma didática. textos autorais e traduções. fúria, cultura do estupro, política, prostituição e teoria feminista.

ANEXO C - Artigo de opinião padrão: “Por que as atletas são sempre hipersexualizadas?”, de Andreia Nobre

07/10/2021 18:09

Por que as atletas são sempre hipersexualizadas? - QG Feminista

Por que as atletas são sempre hipersexualizadas?

Por Andreia Nobre



Por que as atletas são sempre hipersexualizadas?

Resposta curta: porque sexo vende, esportes praticados por mulheres, não

2019 viu a Copa do Mundo de Futebol sob um novo ângulo. Apesar de ser chamada de Copa Feminina, muitos adoradores do esporte não só assistiram, mas assistiram com o vigor da Copa do Mundo masculina. O evento foi acompanhado por prestígio e debate, embora tenha encontrado ainda resistência de parte do público.

Durante muito tempo, as mulheres foram proibidas de participar de atividades esportivas ao nível profissional. Durante as duas Grandes Guerras, com muitos homens nos fronts de batalha, coube às mulheres preencher vários setores, de fabricação de armas, comida e vestuário aos... esportes. O filme Uma liga muito especial (A League of their own) ilustra bem as motivações pelas quais times femininos foram criados—fomentar a demanda pelos jogos como atividade de lazer—e também porque os mesmos foram posteriormente deixados de lado após o retorno dos soldados à pátria—já que eles voltaram, não era mais preciso ter mulheres jogando/competindo.

E o problema da desvalorização do esporte praticado por mulheres persiste nos dias atuais. Ainda existem categorias esportivas onde não há categorias femininas oficiais, como o evento ciclístico Tour de France. Tennis é uma das poucas categorias onde mulheres conseguiram ter algum reconhecimento parecido com o que os homens têm. Serena Willians é um dos nomes que desponta sempre, e muitos atletas homens da categoria, como Andrew Murray, têm “corrigido” jornalistas quando eles dizem que o atleta tal conseguiu tal feito, denunciando que a primeira pessoa teria sido uma mulher.

Muita se especula como proceder para que as mulheres tenham mais visibilidade e reconhecimento nos esportes onde competem: incentivo à prática, financiamento e patrocínio, visibilidade da mídia nos eventos. São todas boas e necessárias ideias, muito melhores do que o estado atual em que as coisas se encontram. Porque, em uma sociedade patriarcal, a aparência de uma mulher vale mais do que as suas habilidades. E a aparência das atletas está, muitas vezes, no foco das atenções, em vez do seu talento. Dentro e fora da arena esportiva.

Algo que se torna preocupante nesse tema são os uniformes exigidos das atletas. O maior símbolo disso é, certamente, o maiô das ginastas, enquanto os ginastas usam uniformes mais “cobertos”. Não é puritanismo, se olharmos as diferenças entre os uniformes das jogadoras de vôlei, comparados com os dos jogadores. Se o motivo das jogadoras usarem shorts tão curtos é para maior flexibilidade, então por que os homens não usam também? A explicação mais simples é: a mulher é avaliada pela sua aparência.

E isso também é válido para a audiência. Será que um dos principais motivos que as atletas femininas usam roupas tão curtas em tantos esportes é justamente para “atrair” o público masculino? A própria Serena Willians foi proibida de usar shorts para jogar. Literalmente forçada a usar saias—ela recebeu uma advertência por essa razão. Isso parece ser um pouco antiprofissional da parte dos órgãos reguladores de tênis. Ou pode estar realmente ligado ao que, em inglês, se chama “upskirting”—homens que levantam as saias/vestidos das mulheres em público. Porque, convenhamos: uma mulher jogando tênis de saia têm muitas, muitas chances de estar mostrando o que está por baixo das saias.

Analisando por esse lado, é preciso lançar um novo olhar aos uniformes das atletas e colocar a ciência para trabalhar para elas. Esse uniforme está realmente melhorando a capacidade atlética? Ou está assim designado para hipersexualizar as atletas? Questionar nunca é demais. Além disso, a sociedade precisa muito começar a dismantlar a ideia de que o único valor de uma mulher é a sua aparência.

Andreia Nobre

07/10/2021 18:09

Por que as atletas são sempre hipersexualizadas? - QG Feminista

Jornalista, blogueira, poetisa, feminista, amante de antropologia e professora primária que pratica
desescolarização

ANEXO D - Resenha padrão: “Garota Exemplar, aprovação masculina e a feminilidade perfeita”, de Nathalia Gouveia

07/10/2021 18:34

Garota Exemplar, aprovação masculina e a feminilidade perfeita - QG Feminista

Garota Exemplar, aprovação masculina e a feminilidade perfeita

Por **Nathalia Gouveia**



Garota Exemplar, aprovação masculina e a feminilidade perfeita

Garota Exemplar é um longa-metragem de 2014 inspirado no livro de mesmo nome da autora Gillian Flynn. Se trata de um suspense psicológico que envolve o desaparecimento da protagonista, Amy, e da imediata suspeita da polícia e da mídia sobre Nick, seu marido.

É uma produção surpreendente em vários sentidos, tendo ganhado algumas premiações. Muitas de vocês já devem ter assistido ou mesmo lido o livro. Há muitos reviews na internet sobre ambos, geralmente com uma crítica positiva. Por não ter lido o livro, aqui vou me ater só ao filme, e especificamente a um aspecto da obra que creio ter passado um pouco despercebida em meio a tantos plot twists: a própria Amy e o que ela representa.

Pude perceber, no filme, uma forte crítica à mulher idealizada, à ideia que muitos homens heterossexuais tem de uma feminilidade perfeita, exemplar. Ao longo da história, ficamos sabendo que Amy é filha de uma escritora de livros infantis e que, ainda criança, serviu de modelo para uma série chamada Amy Exemplar, onde a protagonista era ela própria, mas em uma versão melhorada aos olhos de sua mãe.

Esse aspecto da vida da protagonista diz muito sobre ela, seus relacionamentos e sua história. Acaba dizendo um pouco sobre nós também. Afinal, Amy é só uma versão exagerada da mulher a

quem foi imposta a obrigatoriedade de perfeição durante a infância e que, quando mais velha, reproduz esse padrão de realizar idealizações alheias em toda sua esfera relacional, principalmente a romântica.



Explicando melhor, devido à fama dos livros de sua mãe, a menina teve que apresentar a mesma postura da garotinha sem defeitos dos contos. Quando adulta, além de ainda ser conhecida como “Amy Exemplar” e precisar se portar como ela em público, em suas relações íntimas também fazia de tudo para personificar a mulher dos sonhos de seus parceiros.

A partir disso, vamos refletir: o treinamento que meninas recebem desde a infância para suprir as expectativas parentais de filha perfeita, ou as intermináveis listas de exigências e “preferências” masculinas ao se relacionar com uma mulher, o que é mais cruel? Difícil escolher.

Quantas de nós, pelos mais variados motivos, se sentem um projeto que deu errado devido a expectativas familiares? Quantas, hoje, tendo aprendido desde cedo que amor para elas é condicional e que estas condições são rígidas, se arrastam em busca da aprovação masculina? Acredito que muitas, enxergo-as com frequência.

Em Garota Exemplar, os rumos tomados por Amy em sua busca de personificar a feminilidade perfeita nos assustam, mas se pensarmos bem, são as únicas maneiras com que ela consegue isso. Em várias das cenas do filme, podemos ver pistas desse processo: como ela mudava de

personalidade de acordo com o relacionamento, sua relação com a mídia. Uma das falas de sua mãe diante do seu desaparecimento mostram que, até em um momento como esse, ela era usada como um troféu.



Quantas exigências parentais de feminilidade perfeita você já teve que escutar? Mocinhas não saem mal arrumadas, elas sentam de pernas fechadas, não reclamam ao pentear o cabelo porque “beleza dói mesmo”, são comportadas e nunca dizem não.

Quantas exigências masculinas de feminilidade perfeita você já viu? Tem que parecer maquiada sem usar maquiagem, acompanhá-lo na cerveja sem ter barriguinha, não ser essas “loucas da dieta” mas estar sempre magra, não gastar muito tempo e dinheiro com futilidades mas estar sempre com cabelo arrumado e unhas feitas, ter os mamilos e a vulva cor-de-rosa, não ser como as outras pois elas são inferiores, mas ser como elas para não se destacar, se interessar por jogos mas nunca ganhar.

O quão loucas teríamos que ser para cumprir tudo isso? O quão louca dizem que somos quando recusamos tal papel?

Nathalia Gouveia

07/10/2021 18:34

Garota Exemplar, aprovação masculina e a feminilidade perfeita - QG Feminista
Feminista radical, vegetariana, psicóloga, pernambucana.

ANEXO E - Relato padrão: “Um desabafo sobre feminilidade e a escolha que eu não tive”, de Gabrielle Polary

06/10/2021 14:51

Um desabafo sobre feminilidade e a escolha que eu não tive - QG Feminista

Um desabafo sobre feminilidade e a escolha que eu não tive

Por **Gabrielle Polary**



Um desabafo sobre feminilidade e a escolha que eu não tive

Eu lembro da primeira vez em que um adulto falou sobre os pelos que nasciam nas minhas pernas de menina. Eu tive excesso de hormônio durante a infância e, por conta disso, comecei a desenvolver características sexuais secundárias ainda muito nova. Já era difícil ter seios grandes e pelos embaixo dos braços enquanto as minhas amigas ainda tinham seus corpos de crianças, ainda que ninguém falasse nada. Tornou-se mais árduo ainda quando um professor, de quem eu gostava muito, me chamou no canto da sala de aula para sugerir que eu depilasse minhas pernas. Ele falou sobre o quanto eu era bonita, assim como as minhas “coleguinhas”, mas salientou que nenhuma delas tinha as pernas peludas como eu. Naquele tempo, com meu olhar de menina, não consegui ver maldade. **Hoje, consigo perceber como nós somos aliciadas para suprir às vontades do patriarcado desde muito cedo.** Aquele dia foi só mais um na vida do meu então professor, mas a necessidade da depilação e o ódio pelo meu corpo foram coisas que eu carreguei comigo durante cada instante do resto da minha infância e da minha adolescência.

Eu cresci como uma garota que gostava de se expor—fotos de biquíni aos montes nas redes sociais estavam aí para isso. Mesmo tendo adquirido um profundo apreço pelo estudo da História, da Sociologia e da Filosofia, nada disso garantiu minha salvação do discurso liberal de que a feminilidade poderia, de algum modo, me “empoderar”. Como li por aí certa vez, embora o conhecimento seja emancipador, devemos desconfiar de todo tipo de ciência e teoria que é

construída aos moldes da supremacia patriarcal. Eles podem até nos contar sobre diversas tragédias acontecidas no mundo, mas eles nunca vão se importar em falar do cunho político da Caça às Bruxas ou da profundidade de "*O Segundo Sexo*", escrito por Beauvoir, por exemplo. Falar sobre Sartre é mais fácil, cabe melhor na grade curricular e não faz com que jovens descubram sobre a materialidade de sua opressão.

O que eu quero dizer com isso é que eu nunca fiz o tipo "garota alienada", nos moldes estereotipados. Ao contrário: eu sempre gostei de ler, de falar e de ser escutada na escola, nos cursos que fiz e em todos os espaços que ia, era uma das primeiras da turma e todo mundo virava o rosto para mim, a fim de saber o que eu falaria frente a algum debate considerado polêmico. Eu me considerava, então, muito cheia de poder. Coitada. Mal sabia eu que, por mais esforçada que eu fosse em adquirir autoconfiança, jamais seria livre enquanto não me libertasse do peso que comecei a carregar quando, com 9 ou 10 anos apenas, um homem adulto me pediu que eu depilasse a perna. **Por muito tempo, fizeram-me acreditam que não poderiam existir marcas piores do que aquelas deixadas pelas celulites e pelas estrias em meu corpo. Agora, posso dizer com convicção que não existe marca mais dolorosa do que a que o patriarcado deixa em uma menina, ao socializá-la de forma cruel e ardilosa, por toda a sua vida.**

Minha primeira depilação foi aos 11 anos. Depois dela, passei muito tempo sem ir a festas com pelos aparentes nas pernas ou nos braços. Preferia usar calça jeans em dias calorentos do que aceitar a ideia de que me veriam com as pernas não depiladas—sim, a menininha de 9 anos que ouviu o pedido de um professor nunca deixou de existir aqui dentro e de falar comigo, pedindo que eu não a constrangesse outra vez. Todas nós que já nos depilamos, com pinça, com cera ou com o que quer que seja, sabemos que dói. A depilação é incômoda. Mas, pior que isso, é a dor de recusar um convite para ir para algum lugar que você queria muito apenas porque a depilação não estava em dia. É a de ir para uma confraternização de família e ouvir da sua mãe, das suas tias e tios, das suas avós e avôs que você deveria "fazer" a sobrancelha com mais frequência. Essa dor é terrível, porque ela te diz, disfarçada de palavras de "carinho", que você não vale mais do que o que a sua aparência mostra.

Foi assim, ouvindo discursos aparentemente carinhosos de que "eu era linda, mas poderia ser ainda mais se... (me depilasse, escovasse meus cabelos, pintasse minhas unhas etc etc etc)", que eu me tornei uma adolescente exibicionista. Com 14 anos, eu vestia roupas de academia só para tirar fotos e publicar no Instagram e no snapchat, na ânsia de que as pessoas me dessem a validação que eu mesma não conseguia me dar. Mesmo sendo uma leitora assídua, uma das primeiras da minha turma e tendo várias qualidades superiores a quaisquer padrões de beleza, eu sentia necessidade de exibir a minha aparência, porque me ensinaram a ser refém dela. Eu esperava que os likes e os comentários pudessem suprir o "está tudo bem" que eu não ouvi quando tinha apenas 9 anos, excesso de hormônio e dificuldade em respeitar minhas diferenças corporais na infância.

Fiz dietas irresponsáveis e emagreci 12kg em alguns meses aos 15 anos, acreditando que aquilo não era algo tão horrível assim, porque, “se eu me sentisse bem estando mais magra”, deveria fazê-lo. Era o discurso liberalista batendo em minha porta, me fazendo crer à qualquer custo que a feminilidade exacerbada e todo o meu exibicionismo eram escolhas, e não consequências, de uma infância roubada, de uma socialização dolorosa e de todo o sofrimento que as meninas passam apenas por serem... *meninas* em uma sociedade patriarcal e misógina. Eu achava que me arrumar, vestir roupas justas e publicar várias fotos nas redes sociais era legal, porque acreditava fielmente que estava fazendo isso por mim, pelo meu próprio bem-estar, pelo meu “amor próprio” (com muitas e muitas e muitas aspas). **Eu queria falar de amor sem nunca ter tido a chance de me amar verdadeiramente.**

Foi assim que eu me permiti entrar em relacionamentos com homens que elogiavam meu intelecto querendo apenas usufruir do meu corpo. Foi assim que eu achei que homens gostavam de mim pelo que eu era, quando eles só “curtiam” aquilo que eu publicava no Instagram. Foi assim que eu mergulhei de cabeça em relações rasas e tive minhas primeiras frustrações ao ver que os homens não estavam interessados em relacionamentos profundos, mas na superficialidade da feminilidade que me foi “ensinada” (mais como um adestramento). No corpo exposto nas fotos de biquíni que eu postei nos meus perfis em dias que eu sequer estava a fim de tomar um banho de piscina—apenas queria ter conteúdo para alimentar minhas redes e, conseqüentemente, todas aquelas pessoas que só queriam ver o meu corpo e nunca tiveram vontade de me conhecer como eu era. Com todas as minhas dores e cicatrizes, não só físicas, mas de vida. As internalizadas. As que eu expus aqui nesse texto, mesmo depois de anos dos acontecidos, porque ainda doem. **Porque aquela garotinha de 9 anos ainda fala comigo e ainda me pede para não sair de casa sem estar depilada. Mas, hoje, após conhecer o feminismo radical, eu converso com a menina que um dia eu fui e digo que ela é muito mais. E sempre foi.**

Estaria mentindo se dissesse que a solidão não foi, para mim, uma consequência da tomada de consciência. No cotidiano, eu me vejo muitas vezes só. Agora que sei quem sou e me polio para não reproduzir os ideais que me foram “enfiados goela abaixo” por muito tempo, não sirvo mais para muitas pessoas. Não sou “convite fácil” para saídas “leves”, porque sempre abro a boca para falar de assuntos considerados “pesados” (a realidade dói, e as pessoas não querem ouvir o que não lhes acaricia os ouvidos). Não sou a amiga mais legal nas redes sociais, porque não posto mais *selfies* que mostram mais os meus peitos do que o meu próprio rosto. Às vezes, isso dói. Dói descobrir que meu valor, para muitos, era o mesmo que o de um pedaço de carne. Mas é uma dor necessária. A dor de me separar de uma vida que não era minha. A dor de me desprender de um lugar que nunca me coube e que, não importa quanto esforço eu fizesse, jamais me caberia. Porque o patriarcado nunca está 100% satisfeito e sempre cobra mais de nós. **A feminilidade é uma ferramenta usada pelos homens para que nós, mulheres, os satisfaçamos e os enriqueçamos.**

Eu não optei pela feminilidade. Eu segui o caminho dela porque não me deram outra escolha. Não me ensinaram a valorizar todas as minhas potencialidades incríveis, mas se importaram constantemente em me lembrar de que eu deveria estar com a “beleza” em dia. **Foi a**

teoria feminista de verdade—e não a apropriação que o liberalismo fez dela—que me apresentou um leque de opções até então desconhecidas. E é por isso que o feminismo luta: para que nós, mulheres e meninas, tenhamos escolhas de verdade. E não aquelas obrigações fantasiadas de “vontade própria” e “empoderamento” que o capitalismo e o patriarcado nos obrigam a cumprir. Desde muito cedo.

Somos escravas de um sistema que nos odeia. Só o nosso amor , por nós mesmas e umas pelas outras, pode nos libertar.

Gabrielle Polary

minha luta é a luta das mulheres; sou feminista radical por necessidade.

ANEXO F - Ensaio padrão: “Encarceramento em massa de mulheres no Brasil”, de Furiosa

07/10/2021 10:15

Encarceramento em massa de mulheres no Brasil - QG Feminista

Encarceramento em massa de mulheres no Brasil

Por **Furiosa**



Traçando causas e perfis

INTRODUÇÃO

Para este ensaio, abordaremos a questão do **encarceramento em massa de mulheres no Brasil**. Para tanto, ele será estruturado em duas partes: a **primeira parte** se preocupará em traçar o perfil das mulheres encarceradas, para que as posteriores análises de seu encarceramento se sustentem no método materialista, ou seja, partindo-se da realidade para se buscar uma explicação, e não o contrário; a partir dessas informações, e a **segunda** parte trará as atuais conjecturas teóricas feitas para explicar tal fenômeno.

1. QUEM SÃO AS MULHERES ENCARCERADAS BRASILEIRAS?

Segundo dados do INFOPEN 2018, 50% das mulheres privadas de liberdade no Brasil são jovens (ou seja, possuem entre 18 e 29 anos); 62% são negras; 77% não completaram o ensino médio (sendo que 45% não completaram sequer o ensino fundamental); 62% são solteiras; é bastante provável que a maioria tenha mais de um filho ou filha; os crimes relacionados ao tráfico de drogas (que incluem o tráfico de drogas em si, a associação para o tráfico e o tráfico internacional de drogas) correspondem a 62% das incidências penais pelas quais as mulheres privadas de

liberdade foram condenadas ou aguardam julgamento em 2016, e crimes contra a propriedade (o que inclui roubo, furto e receptação) correspondem a 21% das incidências penais, sendo que é possível identificar que após a lei de drogas de 2006 o encarceramento de mulheres por tráfico de drogas se expandiu. Além disso, 45% das mulheres privadas de liberdade ainda aguardam julgamento.

Temos, então, como perfil geral, que as mulheres privadas de liberdade no Brasil são jovens, negras, de baixa escolaridade (a partir do que se presume que sejam de baixa renda — o INFOPEN não traz levantamento específico a respeito da renda ou da ocupação dessas mulheres no momento em que são presas), estão presas provisoriamente e entraram para o sistema de justiça criminal devido ao envolvimento com o tráfico de drogas.

É possível falar no fenômeno do encarceramento feminino **em massa** quando analisamos as taxas de encarceramento ao longo dos anos: segundos dados do INFOPEN, entre 2000 e 2016, o encarceramento feminino aumentou 656% (enquanto a taxa foi de um aumento de 293% para o encarceramento masculino no mesmo período). Em números absolutos, o Brasil possui a quarta maior população feminina; em relação à taxa de aprisionamento, que indica o número de mulheres presas para cada grupo de 100 mil mulheres, o Brasil é o terceiro país no mundo que mais encarcera mulheres, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da Tailândia.

2. QUAIS AS CAUSAS DESSE ENCARCERAMENTO EM MASSA?

Identificado o perfil da maioria das mulheres privadas de liberdade no Brasil, fica então evidente que as opressões estruturais de raça e classe interferem diretamente no aprisionamento dessas mulheres. Quando se leva em consideração o fator da opressão sexual, ou seja, os mecanismos pelos quais o sexo interfere na vida das mulheres, a *criminalidade* feminina se mostra ainda mais diferente de sua contrapartida masculina, evidenciando-se a inaplicabilidade dos paradigmas criminológicos oriundos de teorias que não adotam análises feministas (ou seja, todas, com exceção da criminologia de base feminista). Quanto aos processos de *criminalização*, por sua vez, identifica-se o mesmo padrão de encarceramento massivo de pessoas negras e/ou pobres — tanto homens, quanto mulheres.

Desde a virada paradigmática criminológica possibilitada pela abordagem do etiquetamento (ou *labelling approach*), entendemos que o sistema de justiça criminal (em todas as suas instâncias: elaboração, julgamento, execução e controle) não é neutro: ele seleciona as pessoas, dividindo-as entre *puníveis* e *não-puníveis*. A criminologia crítica, partindo dessa abertura, retoma a teoria marxista para explicar de que forma a ideologia da classe dominante e a necessidade de manutenção do domínio dos meios de produção, em apertada síntese, atuam em prol dessa seletividade penal — que passa a ser considerada, assim, *essencial* do sistema de justiça criminal, e não *circunstancial*. Assim, temos que há mais pessoas pretas e pobres presas não porque pessoas pretas e pobres cometem mais crimes, mas porque (i) a própria noção e definição de *crime* é elaborada para encarcerar essas pessoas, o que faz com que (ii) o sistema selecione essas pessoas para serem punidas. Em linhas gerais, esses postulados explicam satisfatoriamente

o porquê de no Brasil a população carcerária em geral — tanto de homens, quanto de mulheres — ser desproporcionalmente preta e pobre.

No entanto, se o sistema de justiça criminal se guiasse por padrões de perseguição fundamentados *apenas* em raça e em classe, as taxas de aumento do encarceramento de mulheres e de homens não seriam tão discrepantes. Daí a necessidade de se levar em consideração o fator sexual, *além* dos fatores de raça e de classe, para analisar o fenômeno do encarceramento de massa feminino.

Na América Latina como um todo e no Brasil especificamente, o aumento do encarceramento de mulheres está intimamente relacionado às mudanças na política de drogas — tanto é que, depois da reforma legislativa de 2006, as taxas de aprisionamento feminino, em geral, e por crimes ligados ao tráfico de drogas, em particular, vêm aumentando vertiginosamente. Poderíamos, ainda, acrescentar o fator histórico da *colonialidade* como fundamental a esse processo; mas, devido ao curto espaço de que dispomos e à complexidade do tema, concentrar-nos-emos nos fatores de raça e classe. Ressaltamos que o raciocínio que deve ser feito não é de que necessariamente mais mulheres estão se envolvendo com o tráfico de drogas, mas de que mais mulheres estão sendo visadas, perseguidas e punidas pelo sistema de justiça criminal *por conta* do acirramento da guerra às drogas. Em outras palavras, é a expansão do encarceramento que faz com que mais mulheres estejam sendo presas.

Entende-se aqui necessária a contextualização dos motivos da guerra às drogas em seu âmbito punitivo, conforme proposta pela criminologia crítica. Resumidamente, a política de guerra às drogas se sustenta pelo tripé (i) ideologia da “Defesa Social”, (ii) ideologia da “Segurança Nacional”, e (iii) movimentos de “Lei e Ordem”. No contexto da política de drogas brasileira, (i) utiliza-se da ideologia da *defesa social* para identificar a criminalidade associada às drogas como fenômeno prejudicial à sociedade a ser combatido; (ii) justifica-se a perseguição e a neutralização sistemáticas de indivíduos e de grupos pela ideologia da *segurança nacional*, já que “o traficante” é identificado como um inimigo público do Estado e da sociedade; e (iii) os movimentos de *lei e ordem* conferem legitimidade a tais ideologias e consequentes políticas criminais. Desde a década de 90, então, identifica-se no Brasil uma “funcionalidade mítica da droga”: ela é o bode expiatório de todos os problemas sociais; todo tipo de política — inclusive uma *necropolítica* — se justifica em nome de seu combate. Não por acaso, adotam-se políticas repressivas e opressivas ao invés de políticas de saúde pública. No entanto, como não poderia ser diferente, o *inimigo* identificado pela política de guerra às drogas não é o grande produtor ou traficante, mas o *varejista*, o *dono da boca*, o *aviãozinho*. Figuras de baixa hierarquia e que, justamente por serem retiradas de seus “postos” o tempo todo, ensejam o constante recrutamento de mais pessoas ao mercado de entorpecentes.

As mulheres envolvidas com o tráfico de drogas pertencem majoritariamente a esses grupos. Diferentemente de homens, que frequentemente têm envolvimento constante e regular com o crime (constituindo uma “carreira criminosa”, para usar termos criminológicos), as mulheres costumam recorrer ao tráfico de drogas esporadicamente, como forma de complementação da

renda. Isso explica por que tantas mulheres são pegadas em flagrante servindo de “mulas” (transportadoras) de drogas: o serviço de “mula” pode ser exercido uma vez só. Além disso, a flexibilidade de horários possibilitada pelo tráfico de drogas vem de auxílio a essas mulheres, que frequentemente acumulam jornada dupla ou tripla de trabalho (são responsáveis pelos serviços domésticos e de cuidado da prole, além de trabalharem fora de casa, geralmente em trabalhos informais e/ou precarizados).

O fato de essas mulheres recorrerem ao tráfico (e a outras ocupações ilegais, violentas ou marginalizadas) como forma de incremento da renda evidencia o fenômeno, já descrito desde os anos 80 por teóricas feministas, de *feminização da pobreza*: os maiores índices de pobreza se encontram entre mulheres ou em lares chefiados por mulheres (sendo que estes vêm aumentando cada vez mais), majoritariamente porque além de mulheres ganharem menos do que homens, elas precisam trabalhar menos horas fora de casa porque acabam sendo responsáveis pelo cuidado e pela organização da casa, das crianças, dos idosos e de deficientes físicos. Em famílias chefiadas exclusivamente por mulheres, esse processo se acentua; e dentre as populações mais pobres, a falta de creches impossibilita a mulher de ter um trabalho regular e fixo, já que ela não teria com quem deixar sua criança. Assim, as mulheres empobrecidas e negras — já que, no Brasil, as classes também têm cor — constituem um grupo de alto grau de vulnerabilidade; uma vez que são responsáveis não só pelo próprio sustento, mas muitas vezes pelo sustento da família. A *feminização da pobreza* facilita a entrada das mulheres nos mercados ilícitos e informais.

Associe-se a isso o mais conhecido fenômeno de *criminalização da pobreza*, já amplamente descrito desde a abordagem do etiquetamento como o processo de (i) estigmatização de condutas, comportamentos e culturas tipicamente associados às classes mais baixas, o que, no Brasil, está inerentemente associado à configuração racial das classes sociais e à presença da herança escravista nas estruturas sociais, e de (ii) seletivas repressão, perseguição e punição dos indivíduos de classes mais baixas, independentemente de a prática das condutas tipificadas como crime ser pulverizada por todas as classes sociais. O resultado é a dupla-tripla vitimização e/ou seleção penal das mulheres: por sexo, por raça, e por classe.

3. CONCLUSÃO

A mulher, quando selecionada pelo sistema penal — seleção esta que se intensificou com a guerra às drogas —, além de já ser estigmatizada pela sua classe social (fruto da criminalização da pobreza) e frequentemente pela sua cor (fruto do racismo, inclusive estrutural), também, portanto, será julgada de forma patriarcal, já que “criminosas” foge aos estereótipos e papéis sociais de sexo que determinam que uma mulher deve ser naturalmente doce, passiva, maternal e “boa”. Além disso, a prática de “desvios” por uma mulher significa que os mecanismos de controle social patriarcais *falharam*, o que configura, de certa forma, uma *subversão* por parte dessa mulher e uma *fragilidade* desses mesmos mecanismos de controle. Essa mulher que é pega por algum crime é, então, duplamente “desviante” — aos olhos da lei e aos olhos do patriarcado —, o que aumenta o rigor punitivo sobre ela.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Camila Damasceno de. **O controle penal moderno: colonialidade do poder e aprisionamento feminino**. Revista Brasileira de Ciências Criminais, vol. 129, ano 25. P. 69–105. São Paulo: Ed. RT, março/2017.
- ANDRADE, Vera Regina Pereira de. **Criminologia e Feminismo: da mulher como vítima à mulher como sujeito de construção da cidadania**. In: Sequência — estudos jurídicos e políticos, revista do curso de pós-graduação em Direito da UFSC, v. 18, n. 35, 1997.
- ANDRADE, Vera Regina Pereira. **Do paradigma etiológico ao paradigma da reação social: mudança e permanência de paradigmas criminológicos na ciência e no senso comum**. Revista Sequência, Florianópolis, n. 30, 1995.
- BARATTA, Alessandro. **Criminología crítica y crítica del derecho penal: introducción a la sociología jurídico penal**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2004.
- BORGES, Juliana. **O que é: encarceramento em massa?** Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte : Ed. Letramento: Justificando, 2018.
- CARVALHO, Salo. **A política criminal de drogas no Brasil: do discurso oficial às razões da descriminalização**. Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Mestre em Direito. Florianópolis : UFSC, 1996.
- CHERNICHARO, Luciana. **Sobre Mulheres e Prisões: Seletividade de Gênero e Crime de Tráfico de Drogas no Brasil**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014. Originalmente apresentado como Dissertação de Mestrado em Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- ESPINOZA, Olga. **A mulher encarcerada em face do poder punitivo**. São Paulo : IBCCRIM, 2004 (Monografias / IBCCRIM ; 31).
- ESPINOZA, Olga. **A prisão feminina desde um olhar da criminologia feminista**. Revista Transdisciplinar de Ciências Penitenciárias, 1(1): 35–39, Jan-Dez./2002.
- INFOPEN Mulheres** — 2ª edição. Organização Thandara Santos; colaboração Marlene Inês da Rosa. Brasília : Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional, 2017.
- PINHEIRO, Luci Faria, GAMA, Taíza da Silva. **As origens do sistema penitenciário brasileiro: uma análise sociológica da história das prisões do Estado do Rio de Janeiro**. Sociedade em debate, vol. 22, n. 2 (2016).
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: PALERMO, Zulma; QUINTERO, Pablo. **Aníbal Quijano: textos de fundación**. Buenos Aires : Ediciones del Siglo, 2014.
- TORRES, F. M. ; SOUZA, Ladyane ; PRANDO, C. C. M. . **Encarceramento e controle sobre o corpo feminino: reflexões sobre a violência estatal**. In: Congresso de Criminologia(s): crítica (s), minimalismo (s) e abolicionismo (s)., 2015, João Pessoa. Anais do I Congresso de Criminologia(s): crítica(s), minimalismo(s) e abolicionismo(s). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. v. 1.
- TRINDADE, Lígia Cintra de Lima. **O sistema prisional feminino sob a ótica de gênero**. Revista do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária. n. 22, v. 1, 2009/2010. p. 597–623.

TRINDADE, L^ígia Cintra de Lima. *Política de drogas e encarceramento feminino*. In: SHECAIRA et alii (org.). **Drogas: desafios contemporâneos**. Belo Horizonte : Ed. D'Plácido, 2018.

ZAFFARONI, Eugenio. **Criminología: aproximación desde un margen**. Vol. I. Bogotá : Editorial Temis S.A., 1988.

Furiosa

feminismo radical e materialista de forma didática. textos autorais e traduções. fúria, cultura do estupro, política, prostituição e teoria feminista.

ANEXO G - Carta aberta padrão: “A vida de trabalhadoras domésticas diante do Covid-19”, de Gi del Fuoco

A vida de trabalhadoras domésticas diante do covid-19

Por **Gi del Fuoco**



A vida de trabalhadoras domésticas diante do covid-19

À minha mãe, às minhas tias e às mulheres desse ramo que cuidam de onde eu piso, respiro e toco.

Não há nem atestado que resolva. Se sentir mal e não ir trabalhar não é uma opção para trabalhadoras domésticas, ainda mais para aquelas que ganham por dia trabalhado. Essas chamadas de “diaristas” não tem um local fixo de emprego, muitas trabalham em duas ou três ou quatro casas para compor sua renda. Isso é importante para entender o perigo que essa profissão sofre em tempos de covid-19: como a trabalhadora doméstica saberá onde corre risco de ser contaminada se não trabalha em apenas um local? Se caso a trabalhadora é infectada pelo covid-19 em uma dessas casas, como deve proceder, há leis trabalhistas que a protejam por ser trabalhadora informal? Se ficar totalmente impossibilitada de trabalhar em outras casas, tendo assim, 100% de sua renda corrompida, como poderá sobreviver?

Enquanto patrões e patroas ficam de quarentena em suas casas, a rotina segue a mesma: tem a empregada para cuidar do lar. As mulheres são correspondentes por quase 88% dessa categoria, segundo pesquisas da Fundação Getúlio Vargas em 2019, além disso quase 4,7 milhões vivem na informalidade. Então como fica a situação da trabalhadora doméstica? Desse grupo, 1,5 milhão

trabalham com carteira assinada. Outros 2,3 milhões de trabalhadores atuam sem carteira assinada e 2,5 milhões são diaristas, o que as torna um grupo vulnerável diante do cenário atual.

Embora o coronavírus possa a vir contaminar todos, pois o vírus não faz distinção de classe, cor e sexo, nem todos sofrerão as mesmas consequências. Nem todas podem se dar o luxo de deixar de trabalhar e se manter em quarentena. Então, o vírus não torna todos iguais. Logo não teremos o mesmo sofrimento diante desse cenário.

Como filha de empregada doméstica, acho bom deixar em evidência nesse texto, a preocupação é muito maior: não é só o vírus, será a falta de renda. Como vai ser o amanhã?

Nem recomendações da OMS (Organização Mundial da Saúde) fizeram com que as diaristas, empregadas domésticas ou trabalhadoras informais de demais áreas se afastassem de suas atividades e recebessem licença-remunerada. Como tivemos o caso no Rio de Janeiro de uma senhora de 63 anos que veio a óbito infectada pelo novo coronavírus. A mesma continuou a trabalhar como empregada doméstica na casa de sua empregadora, que já havia sido diagnosticada com o COVID-19, ao voltar de uma viagem à Itália.

Observando tudo isso, tudo indica que o maior número de trabalhadores neste momento (com grande risco de contágio) estão desamparados por leis trabalhistas. As diaristas estão em situação ainda mais precária e vulnerável, sem contratos legais que possibilitem, negociações, como por exemplo, adiantamento de férias, licenças por motivos de saúde etc. E é por isso que há dificuldades em se manterem e garantirem a segurança de seu coletivo familiar e de si própria.

Com a completa ausência do Estado, mulheres pobres mais um vez na berlinda. Quem cuida dessas cuidadoras?

Gi del Fuoco

Talvez para sempre uma forasteira.

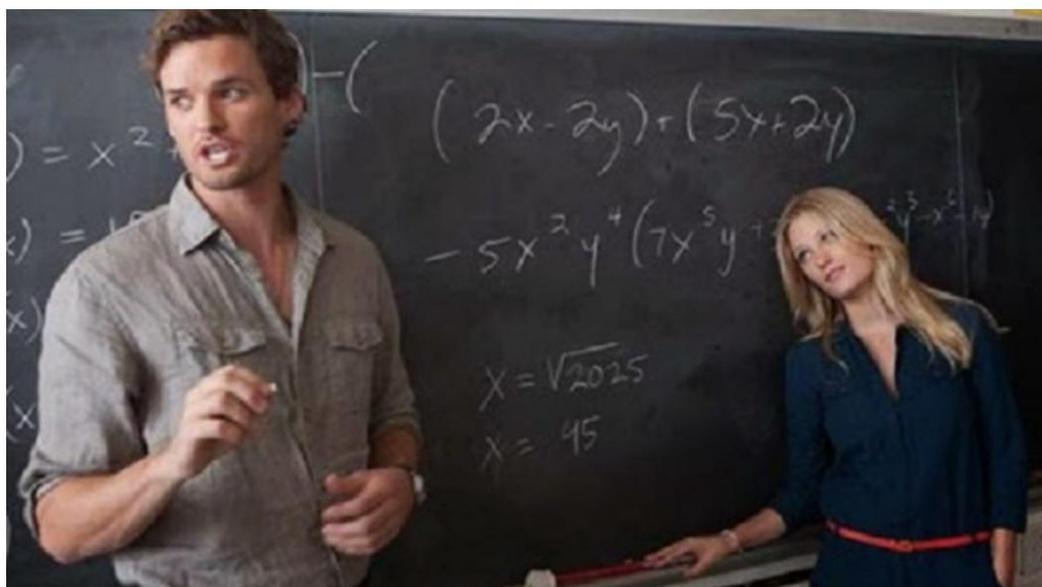
ANEXO H - Conselho padrão: “Você é diferente, não é como as outras da sua idade’”, de Furiosa

12/10/2021 15:23

“Você é diferente, não é como as outras da sua idade” - QG Feminista

“Você é diferente, não é como as outras da sua idade”

Por **Furiosa**



“Você é diferente, não é como as outras da sua idade”

Sobre aquele cara mais velho, que é tão, tão legal

Em todo colégio tem aquele professor (muitas vezes — na maioria delas — mais de um) que adora fazer graça com as meninas: flerta sutilmente (outras vezes nem tão sutilmente assim), sempre usa uma ou outra de exemplo, conversa com elas de “igual pra igual”...

Daí sempre tem aquele que te dá uma atenção especial, que reparou que sua dúvida (que você quis tirar depois da aula, pelo motivo que for) é bem inteligente. Ele começa a te perguntar coisas pessoais, do seus planos de futuro (já sabe o que vai prestar de vestibular?), te pergunta dos seus interesses, te pergunta do universo fora da escola e você acha bem curioso isso tudo. Ele te dá atenção, quer saber quem você é — para além de ser aluna dele, para além de ser estudante/vestibulanda.

Tipo, o *professor*, querendo saber da *minha* vida? Julgando que conversar *comigo* é interessante? O cara é tão mais velho, já formado, trabalha, é bonito/charmoso [enfim, “superior” ou “inalcançável” pra mim em tantos aspectos!]

E você continua conversando com ele depois da aula, no facebook, no whatsapp... E ele te diz o quanto você é **adulta/madura** pra sua idade, que *você não é como as outras garotas da sua sala/escola/idade* (e você meio que sente que sabe disso, e pensa — *é, faz sentido, porque se eu não fosse, ele não estaria perdendo tempo comigo, né?*).

É claro que durante as aulas, vocês se tratam normalmente. Afinal, ele é profissional e você é madura, e entende que as brincadeiras e os flertes com outras meninas são parte da profissão, da "imagem" que ele tem a manter, e você reprime qualquer sentimento negativo que possa sentir, tipo que ele age com elas como agia com você, mas, claro, você é a única, ele garante. Você é madura, é capaz de entender a situação. Essas meninas todas, tolas, elas não são como você.

Você com seus 16 anos; ele quase ou mais de 30. Se ele te disser que tal curso é o melhor, você vai acreditar.

Você recém iniciada sexualmente; ele transando desde antes de você ter nascido, às vezes. Se ele te disser que é normal se sentir mal como ele te pega, você vai acreditar.

Você estudante, economicamente dependente; ele completamente autônomo. Se ele definir todos os programas que vocês fazem porque ele que paga, você não tem como argumentar.

Você que teve um ou dois relacionamentos mais sérios, ou talvez nem isso; ele que já teve até noivado. Se ele te disser que num relacionamento maduro a mulher faz tudo que o cara quer porque é prova de amor e de entrega, você vai acreditar.

Você que vê jornal e não entende muitos dos termos usados e das realidades retratadas (afinal, você só tem 16 anos, né?); ele que nasceu sob o regime militar e votou nas eleições de 1994. Se você der uma opinião e ele falar que tá errado, que não é assim e que você só pensa isso porque tem pouca idade, você vai aceitar.

Você que não pode nem entrar em balada, ele que teria idade pra ser seu. **pai.**

Amiga, você pode ser linda. E madura, sim. E inteligente, e tudo isso. Mas você tem 16 anos e tem o direito de ter 16 anos sem isso te representar uma desvantagem. E, num relacionamento com um cara mais velho, sua idade é e sempre vai ser uma desvantagem, porque sua (pouca) idade não é só um número –
é sua (falta de) experiências sexuais e amorosas.
é sua opinião ainda em formação.
é sua dependência econômica e, muitas vezes, emocional.
é sua insegurança e sua necessidade de um porto seguro e de amor.

12/10/2021 15:23

"Você é diferente, não é como as outras da sua idade" - QG Feminista

E nada disso tem problema NENHUM! Mas em mãos maldosas, tudo isso resulta na receita perfeita pra um relacionamento abusivo em todos os sentidos.

Será que ele gosta de você ou do poder de manipulação que ele tem sobre você?

Por que será que ele não se relaciona com mulheres da idade dele?

Por que é normal que um adulto completamente formado sinta interesse por uma pessoa ainda em formação em todos os sentidos?

Será que se ele não fosse seu professor — e, portanto, se não tivesse alguma "autoridade" ou "influência" sobre você — , você se sentiria confortável com isso?

Sai dessa.

Seja livre pra viver sua adolescência sem ninguém te manipulando e te moldando.

Preze por relações em que prevaleça o equilíbrio, sem que um lado pese mais que o outro.

E, por favor, avise as amigas.

Furiosa

feminismo radical e materialista de forma didática. textos autorais e traduções. fúria, cultura do estupro, política, prostituição e teoria feminista.

ANEXO I - Texto de instrução: “Feminismo lésbico-O compilado”, de Fúria Raiz

22/11/2021 09:47

Feminismo lésbico-O compilado - QG Feminista

Feminismo lésbico-O compilado

Por Fúria Raiz



Mulheres lésbicas sempre povoaram o feminismo. Em mais de meio século de feminismo lésbico, muita coisa foi escrita—nem todas elas convergem entre si, e algumas discordâncias podem ser encontradas nesse compilado. Lésbicas—feministas ou não—escreveram muita coisa sobre suas vivências, suas políticas e seus planos para dizimar o patriarcado. Esse compilado não tem a pretensão de abarcar toda a pluralidade do que lésbicas escreveram ao longo da história, mas iniciar alguns conceitos básicos através dos quais as teorias lésbicas foram desenvolvidas. A intenção foi de colocar só textos em português, o que pode ter limitado um pouco as teorias apresentadas.

Um dos pontos mais sensíveis nas teorias lésbicas é a questão do separatismo. Separatismo dentro do contexto feminista é a prática política de separar-se cultural, política, afetiva e sexualmente de homens e focar suas energias em relações com mulheres, eróticas ou não. As teorias feministas e lésbicas fundamentaram o separatismo tanto enquanto tática—a criação de espaços e coletivas exclusivos para mulheres, por exemplo—quanto enquanto objetivo—há lésbicas que defendem o separatismo como fim em si mesmo, ou seja, não necessariamente como estratégia política para derrubar o patriarcado, mas como um objetivo final. Há níveis diferentes de separatismo. Existem lésbicas que não se reivindicam feministas radicais, não se reconhecem enquanto da mesma classe que o resto das mulheres, e separam-se inclusive de mulheres heterossexuais. Não serão abordados todos os separatismos aqui, mas é necessário que se fique atenta a qual o nível de separatismo que cada teórica lésbica está falando.

<https://qgfeminista.org/feminismo-lesbico-o-compilado/>

1/4

Esse compilado não é apenas direcionado a mulheres lésbicas. Todas as mulheres que pretendem fazer feminismo precisam estudar o feminismo lésbico. É o lesbianismo enquanto foco, energia e amor entre mulheres que nos livrará do patriarcado.

É recomendado que se leia na ordem proposta. Vamos lá:

Contexto histórico

Sheila Jeffreys—Libertação Gay e Feminismo Lésbico (Unpacking queer politics—capítulo 1)

Jules Falquet—Breve resenha de teorias lésbicas

Marilyn Frye—Feminismo lésbico e movimento gay: outra supremacia masculina, outro separatismo

Heterossexualidade compulsória

Adrienne Rich—Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica

Monique Wittig—O pensamento Heterossexual

Fêmea Brava—O estupro lesbofóbico “corretivo”

Marilyn Frye—Você precisa ler lésbica para ser feminista?

Feminismo Lésbico—Amor entre mulheres

Adrienne Rich—O significado do nosso amor pelas mulheres é o que devemos expandir constantemente

Andrea Franulic—Lesbianismo e Diferença Sexual

Feminismo lésbico—construção social da sexualidade

Sheila Jeffreys—Crítica ao determinismo biológico para a sexualidade

Feminismo lésbico—politizando a sexualidade

Radical Lesbians—A mulher que se identifica com a mulher

Margarita Pisano—O amor homo-lésbico

Laura Couto—Porque você quer se parecer com um homem?

Audre Lorde—O sadomasoquismo na comunidade lésbica

Janice Raymond—Trazendo a política de volta ao lesbianismo

Feminismo lésbico—Lesbianismo político

Fúria Raiz—O que é Lesbianismo político?

Radical Lesbian Feminists—Lesbianismo político—rebatendo o mito

Raça

A Coletiva do Rio Combahee—Uma declaração Negra Feminista

Cheryl Clarke—Lesbianismo, um ato de resistência

Anna Lee—Uma separatista negra

Vivienne Louise—Desejo genuíno

Separatismo

Anna Lee—Por amor ao separatismo

Marilyn Frye—Separatismo e poder

Carol Anne Douglas—Separatismo: quando e por quanto tempo?

Charlotte Bunch—Lésbicas em revolta

Charlotte Bunch—Perseverance Further: Separatismo e nosso futuro

Lesbofobia nas políticas queer

Lezbehonest—Sobre o apagamento das lésbicas na política queer

Fúria Raiz—Mulheres, abandonem o movimento LGBT

Sheila Jeffreys—Teoria e Políticas Queer e a Crítica Feminista Lésbica (Unpacking queer politics—Capítulo 2)

Fúria Raiz

<https://furiaraiz.medium.com>

Rebeldia lésbica

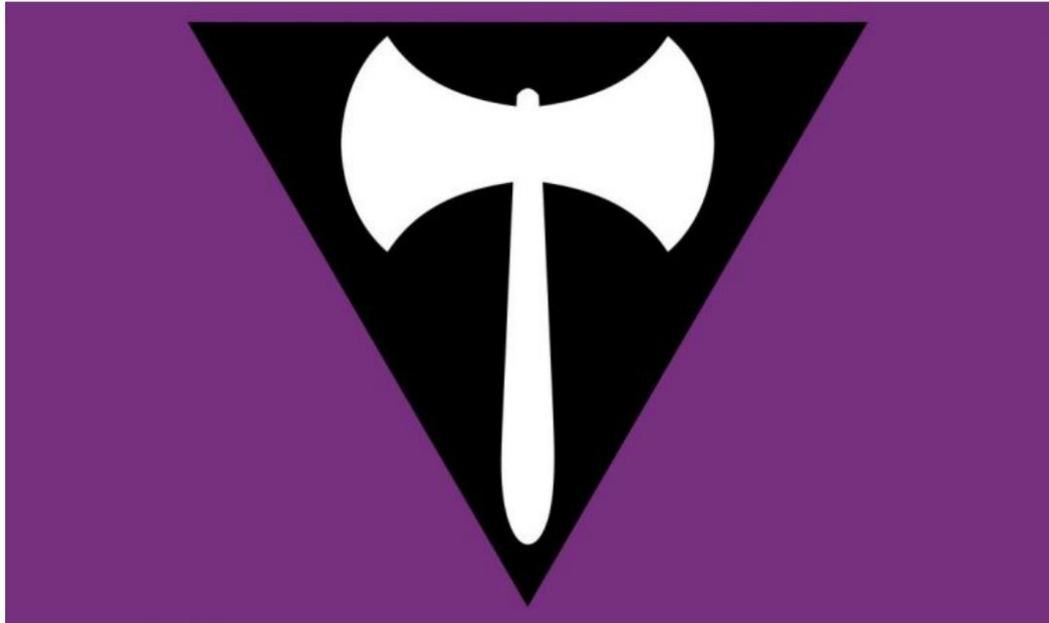
ANEXO J - Poema: “Minha dor.”, de Clara Dantas

12/10/2021 16:36

Minha dor. - QG Feminista

Minha dor.

Por **Clara Dantas**



lesbianidade

Quero contar a vocês
E pra isso peço empatia
De uma dor que carrego
E me aflige todo dia
Como não tenho remédio
Só me resta a poesia

Minha doença tem nome
Chama-se **patriarcado**
O tempo todo me dita:
"Sente assim, se vista assado"
"Use maquiagem"
"Fale mais delicado"

Muitos não entendem
Acham que é frescura minha
Querem calar minha voz
"Seu lugar é na cozinha!"

<https://qgfeminista.org/minha-dor/>

1/4

Mas hoje tenho uma noção
Que antes eu não tinha

Ser mulher vai muito além
De beleza e aparência
Não é casa, não é família
É mais que isso, é vivência
De opressão e silenciamento
Eu já tenho experiência

Minha maior afronta
A essa sociedade
É declarar meu amor
Minha lesbianidade
Ter controle do meu corpo
E usá-lo com liberdade

É fácil fazer piada
Chamar de fancha, caminhão
Como se fosse engraçado
Mas não tem graça não
Conheço a dor e o prazer
De ser sa-pa-tão

E por falar em prazer
Até parece que é segredo
"Como é que vocês transam?"
"Precisam de algum brinquedo?"
"É suficiente
Usar só língua e dedo?"

É impressionante
Como todo mundo acredita
Que sexo é só penetração
E que isso a gente imita
É a ausência de um pau
Que ofende, que irrita

Uma vez explicada
Minha sexualidade
Surge o primeiro obstáculo:
A invisibilidade

Porque a sapatão aqui
Não existe pra sociedade

*"Você não achou um cara
Que soubesse fazer direito"*
"Não gosta de homem?"
Como assim? Tá com defeito?!"
Seu discurso não me importa
O que eu exijo é respeito

Ser lésbica é mais
Que orientação sexual
É a revolução
De amar uma igual
Indo contra o que ensina
O sistema patriarcal

Porque se eu, enquanto mulher
Apagada e esquecida
Sou capaz de amar alguém
Igualmente oprimida
Isso é motivo de orgulho
Isso é estilo de vida!

A minha dor
(Isso eu quero esclarecer)
Não é por ser sapatão
É por ninguém compreender
Que é possível não querer homens
É possível se abster

Minha dor, eu repito
É por essa tal Igreja
Que batiza, que acolhe
Mas em seguida apedreja
Tudo isso porque
É uma mulher que me beija

Pois eu dou minha cara à tapa
Tô aqui pra incomodar
Não vou baixar minha cabeça
Nem mesmo recuar

12/10/2021 16:36

Minha dor. - QG Feminista

E, até eu morrer,
Ninguém vai me silenciar.

Escrito em 13 de janeiro de 2016.

Clara Dantas

Na dúvida, alego licença poética.

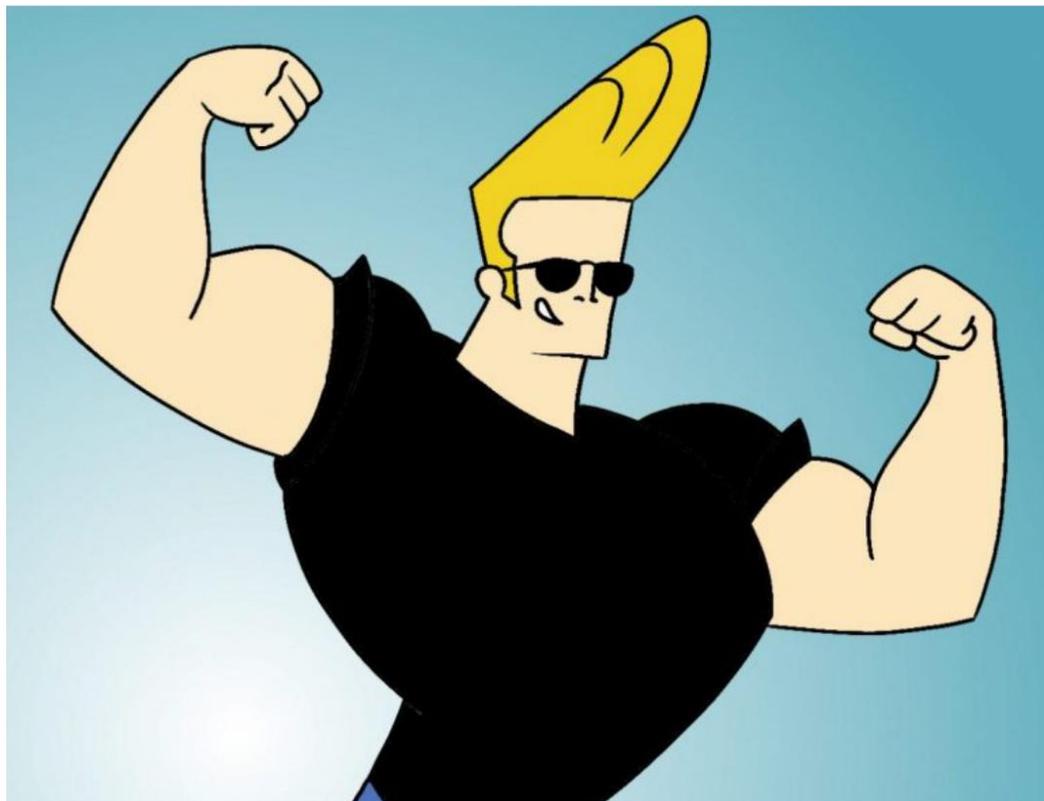
ANEXO K - “Não é minha culpa. fui criado assim”, de Furiosa

25/11/2021 16:40

“Não é minha culpa. fui criado assim” - QG Feminista

“Não é minha culpa. fui criado assim”

Por **Furiosa**



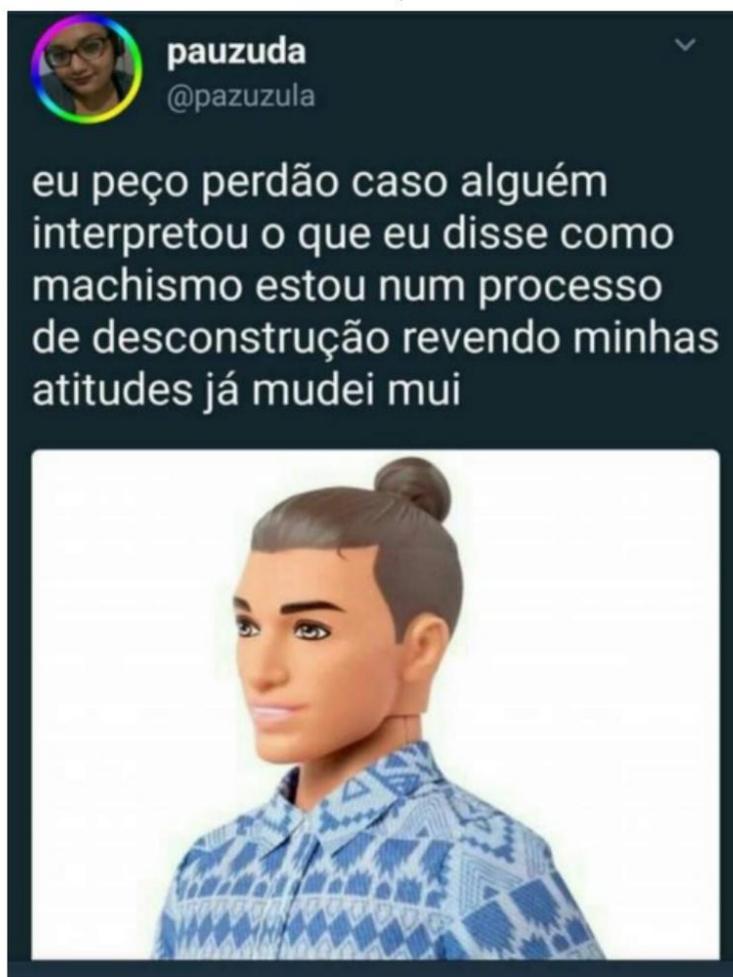
Quando confrontados ou expostos, os homens apresentam em três padrões de reação:

1. **A completa negação.** Este é o homem que não enxerga ou não aceita que fez caca. A negação é geralmente acompanhada por "era em outro contexto" ou, principalmente, "foi só uma brincadeira, não é pra tanto". Ou seja, ele ou não acha que houve caca ou não se julga responsável por ela.

2. **A divisão de responsabilidades.** Este é o homem que admite que fez caca, mas em reação a uma suposta caca anterior feita pela mulher. Assim, este homem busca eufemizar sua responsabilidade e minimizar a gravidade da caca — o que deixa bem claro que, não, ele não se acha responsável pela caca feita em primeiro lugar.

3. **A criação machista.** Este é famoso entre os desconstruídos, esquerdomachos de flores na barba. O homem faz sua parcela de *mea culpa*, admite que pisou na bola; mas dá um jeito de inserir sua criação em uma sociedade machista pra tentar trazer pra si o benefício da dúvida — pô, o cara foi *criado* pra fazer caca, né? Ele tira de si a responsabilidade de forma tão completamente descarada que só não nos faz vomitar porque pode passar batido; afinal, é tanto pedido de desculpa e afirmação de que ele "aprendeu" e "cresceu espiritualmente" e outras verborragias do tipo que fica difícil manter a atenção.

Você, leitora, já deve ter entendido que a intenção deste texto é descrever (e destruir, desmascarar, jogar na parede e ver escorrer) a **Reação Número Três**.



O perigo dessa reação é que ela parte de uma premissa verdadeira: **sim, brother, nossa sociedade é machista e tu provavelmente teve uma criação machista** (não vale botar a culpa na mãe, hein?!). Da mesma forma como todas e todos nós crescemos em uma sociedade racista, capacitista, capitalista, individualista, etc. etc. etc.... Mas isso não nos dá titularidade para sairmos falando e fazendo caca por aí, porque — **saca só essa ideia batuta, mano, tu vai pirar** — somos seres pensantes.

Somos seres pensantes e somos capazes de observar e de raciocinar antes de imitar. Somos capazes de *refletir* sobre nossas próprias ações. Temos *consciência* de quem somos, do que fazemos, de como o que fazemos afeta as outras pessoas — ou nem tanto (mas, pelo menos em teoria, sim).

Mais do que isso, eu e você temos a capacidade de *aprender*. Se o orgulho permitir, podemos *ouvir*, dialogar, debater, questionar, perguntar, ouvir de novo, refletir de novo.

Mais do que nossa criação (ou, em outras palavras, aquilo que nos foi transmitido, ou aquilo que fizeram de nós), nossa identidade é composta por *nossas escolhas*: o que *escolhemos* fazer com nossa criação. O que *escolhemos* fazer com o que fizeram de nós.

Tu, por exemplo. Tu, branquelão de classe média ou classe média alta. Fizeram de ti um baita de um machista. Talvez você tenha ouvido que lugar de mulher é dentro de casa lavando roupa. Talvez você tenha visto teu pai bater na tua mãe. Talvez você tenha ido a um puteiro com 13 anos de idade pra ter tua iniciação sexual com prostitutas, porque mulher é pra isso, sexo é isso, é um direito, algo que se compra. Não só talvez, como provavelmente tudo isso.

Mas, né? Hoje tu já tá bem grandinho. E tu é bastante privilegiado: tu tem acesso a internet. Tu tá nessa plataforma que se chama *facebook* que tá pipocando de página nova de feminismo todo santo dia. Tu já teve bastantes amantes (não vou chamar de companheira porque tu não merece esse título). Tu deve ter feito escola particular até pelo menos o terceiro colegial. Tu tem dinheiro suficiente pra ir ao cinema, ir ao teatro, comprar uns livros, ir a umas palestras, fazer uns cursos, quiçá viajar pro exterior e entrar em contato com gente de fora.

Então, cara, sinto muito te informar — não adianta saber e admitir que tu teve uma criação machista porque isso muda nossa vida (e nossa sociedade) em exatamente zero peidos. (PLUS: Isso também não te torna menos escroto.)



male tears

TU TEM A OBRIGAÇÃO DE SER DIFERENTE DO QUE TE CRIARAM.

Tu tem a obrigação porque tu **com certeza** tem contato com pessoas que tomaram consciência de si, de suas opressões, de suas correntes, de seu contexto, de seus privilégios, enfim — e conseguiram compreender o lugar que ocupam no mundo e o que isso significa.

Se isso não fosse possível — se o que somos, pensamos ou como agimos fosse 100% reflexo dos valores da sociedade em que vivemos — o feminismo não teria sido possível. O movimento operário não teria sido possível. A abolição da escravidão não teria sido possível. A despatologização da homossexualidade não teria sido possível.

Onde existe opressão, existe possibilidade de revolução, porque nós temos essa capacidade.

Nós somos potência.

Só que pra isso acontecer, e pra essa potência se concretizar, tu tem que querer. Né? E aí que reside o problema. Eu tenho a *sensação* de que tu não quer, não.

Porque é **bem** mais fácil botar a culpa nessa nossa sociedade tão horrível e misógina, não é mesmo? ͡(˘)͡

E até a última vez em que verifiquei, a sociedade era composta por **pessoas**. Por mulheres e por *homens* — aí ó! tu entrou na história — ; e não por entidades transdimensionais ubíquas e incorpóreas. Eu faço parte da sociedade. **Tu** faz parte da sociedade. Então se tu continuar reproduzindo e fazendo caca, dá pra te responsabilizar *pessoalmente*, viu?

Sociedade, meus ovários.

Salve.

P.S. De resto, vai comprar um verniz pra lustrar essa tua cara de pau.

Furiosa

feminismo radical e materialista de forma didática. textos autorais e traduções. fúria, cultura do estupro, política, prostituição e teoria feminista.

ANEXO L - “Radicalizando seu cotidiano: abandonando a feminilidade”, de Furiosa

25/11/2021 16:54

Radicalizando seu cotidiano: abandonando a feminilidade - QG Feminista

Radicalizando seu cotidiano: abandonando a feminilidade

Por Furiosa



Abandonando a feminilidade: radicalizando seu cotidiano

Teoria feminista posta em prática

A teoria radical é muito rica e possui extensas contribuições e propostas de intervenção social, econômica e política, mas, justamente por possui conteúdo bastante abrangente e mais voltado para soluções coletivizadas, frequentemente nossas leitoras nos perguntam: como eu posso aplicar a teoria radical no meu dia-a-dia?

Uma das críticas feitas ao feminismo radical é de que, justamente, ele ignoraria as subjetividades e as particularidades das vidas de cada pessoa. Outra crítica é de que ele é pouco palpável e que suas propostas são muito políticas, genéricas, e não ajudam na libertação individual de cada mulher.

Pois bem.

Eu entendo de onde essas críticas vêm. Mas elas só existem justamente porque as pessoas enxergam o “coletivo” e o “individual” como duas entidades/esferas separadas, quando, na

verdade, elas não são. É essa a base de o pessoal ser político: a recíproca também é verdadeira— o político também é pessoal, no sentido de repercutir em nossas vidas individuais e poder (no caso de quem se considera feminista ativista, dever) ser levado pra lá. Assim, literalmente tudo que apontamos como soluções para a coletividade de mulheres também pode ser aplicado por você, mulher, na sua vida individual.

Eu poderia encerrar o texto aqui, mas eu gosto de listar e de explicar coisas, então:

Abandonando a feminilidade

Feminilidade não é só sobre como nós nos vestimos. Na verdade, a parte estética é só a ponta do iceberg. Feminilidade é muito mais sobre comportamento e sobre autoimagem do que sobre as cores que você usa.

A feminilidade é um conjunto atributos e de características que são ensinados a nós no processo de nossa socialização. Está intrinsecamente ligada, portanto, como vocês já sabem, aos papéis sociais de sexo. Uma mulher “feminina” (ou “feminilizada”) é aquela que se adequa aos papéis sociais desempenhados pelo sexo feminino.

A feminilidade é, portanto, um lugar de submissão, sujeição e exploração. A mulher feminina é aquela que existe para ser vista e desejada pelos homens (por isso temos de estar sempre bonitas, e temos que, acima de tudo, **desejar** que os homens nos achem bonitas); é aquela que é submissa, fala baixo, é doce e delicada; ser direta e decidida não é algo “feminino”. Ser feminina é estar o tempo todo no lugar de “coisa”, de “outro”, e não de sujeito. É ver-se a si mesma não através de seus próprios olhos e da sua própria narrativa, mas através das lentes do patriarcado.

Feminilidade é uma construção masculina que sustenta sua própria supremacia.

Como, então, me livro dela?

1. Encontre—e defenda—sua voz.

Não é feminino dizer o que pensa. Mulheres que dizem o que pensam são mandonas, duronas, grosseiras e “masculinas”. Mulheres que defendem suas ideias são inconvenientes—e, historicamente, loucas e histéricas, precisando ser internadas, quando não mortas (a solução permanente). Mulheres seguras de si e do que dizem sempre foram uma ameaça ao sistema. Para nos conter, vão nos chamar de arrogantes, porque mulheres “femininas” são modestas, humildes e não querem chamar a atenção. Só que modéstia é meus ovários. Este é um mundo de homens e o mais medíocre deles sempre estará à frente da mais capacitada das mulheres. Se você não reivindicar suas ideias, se você não reivindicar sua voz, elas lhe serão roubadas.

Então, pratique: não se deixe interromper. Fale mais alto. Defenda o que você pensa. Não permita que te ridicularizem. Bata o pé. Diga "é isso mesmo". Não deixe que tomem crédito pelas suas ações e ideias. Não tenha medo de fazer autopropaganda. Confie em si mesma e nas suas capacidades.



Ilustração de @sophiandrezza.

2. Liberte-se da aprovação masculina.

Pare pra pensar em todas as coisas que você já fez ou faz só por medo ou receio do que os homens pensariam. Pense nas coisas que você **só** fez justamente pra que os homens pensassem isso ou aquilo de você. Pense nas suas roupas, na maquiagem, no cabelo, no corpo, nas fotos do instagram, nas poses, nos "joguinhos" de interesse e desinteresse de início de relacionamento, na bio do tinder. Pense em todas as vezes que você deixou de fazer o que você queria só pra se enquadrar nas expectativas de homens, para agradar homens. Pense em tudo que você só fez para se sentir desejada por homens, porque é isso que impulsiona sua autoestima.

Pense em tudo que você já escondeu que gostava, ou em tudo que você já escondeu sobre você mesma, só pra ser a “garota descolada”, a garota que não é chata e implicante. Pense em todas as angústias e sofrimentos que você já engoliu em relacionamentos, por exemplo, só pra não pagar de possessiva ou controladora. Ou, ainda, pense no quanto você deixou de perseguir interesses seus por medo do que os homens diriam sobre você: fútil. esquisita. radical. **sapatão. sapatão.** (porque não tem xingamento maior do que ser acusada de não desejar homens!)

Eu sei. Você vai dizer que não é assim e que você sempre—ou quase sempre—fez o que queria. E que, se você queria se sentir desejada por homens, é realmente só porque você queria, porque você gosta de se sentir desejada, você gosta de se sentir sexy, você gosta de saber que os caras querem te foder. Você gosta de saber que os caras olham pra você e só enxergam seu corpo, seu sexo. Você adora pensar que os caras veem suas fotos empoderadas no instagram e querem muito te pegar. Sua sexualidade, seu senso de sensualidade, é isso: é desejo masculino.

Pois é.

E ok, sabe. Nós somos socializadas para isso, como eu disse. Nós desejamos o desejo masculino. Não à toa, o ápice da vida feminina era o casamento; depois da captura liberal das pautas feministas, o ápice da libertação sexual é você *querer* ser sexualizada, por escolha própria! Mas onde está a libertação se você ainda usa a régua patriarcal pra medir seu nível de autoamor? Sua autoestima?

Aprender a desvincular sua autoimagem e seu senso de valor de si mesma dos padrões masculinos e do patriarcado—basicamente, do que os homens vão pensar de você—é muito difícil. O patriarcado não nos quer independentes. E é por isso que precisamos constantemente lembrar os homens (e lembrar a nós mesmas) que nós somos, sim, independentes. E quem não admira isso não vale sua companhia. (se você sente que você precisa esconder qualquer coisa, ou que precisa suavizar qualquer coisa sobre você, então repense se vale a pena gastar seu tempo e sua energia com quem está do seu lado, seja sexual, seja afetiva, seja intelectualmente)

Então, pratique: não esconda quem você é. Não faça nem entre em jogos. Seja verdadeira. Persiga seus interesses. Defenestre aquela ideia de que você tem que estar o tempo todo sexy e desejável e fodível. Pare de medir seu valor de acordo com a quantidade de caras que você já pegou, com a quantidade de matches no tinder, com a quantidade de assovios e de olhares no carnaval. Pare de associar seu sucesso ou seu valor com o quanto de atenção você recebe do mundo—porque, inevitavelmente, sua vida vai mudar quando você começar a fazer as coisas por você mesma.

3. Questione suas escolhas estéticas.

Entramos, aqui, na parte de maquiagem, depilação e roupas. E estou aqui partindo do pressuposto de que não existe—e não existe—nenhuma defesa material razoável para rituais de

feminilidade, principalmente aqueles que envolvem dor.

Não, você provavelmente não se depilaria se você não tivesse crescido em uma sociedade que odeia pêlos em mulheres (porque, na verdade, meio que odeia mulheres por si só). Não, querer tirar os pêlos do corpo não é um instinto natural. Falando aqui de nossa sociedade ocidental, a depilação só virou uma realidade massificada há pouco mais de 100 anos, e a associação de depilação a higiene foi mera jogada de marketing, já que não tem fundamento científico nenhum. É claro que deveria ser suficiente apontar o fato de que a depilação só é mandatória para mulheres, e não para homens, mas nossa socialização nos torna especialistas em duplipensar (aceitar contradições sem questioná-las). Mas a verdade, de novo, é que você provavelmente não depilaria sua virilha com cera quente se não fosse por medo de como os homens vão te olhar na praia. Se não fosse o medo de te acharem suja ou esquisita. Se não fosse o medo de as pessoas —homens e mulheres—te olharem torto e te rejeitarem.

Não, você provavelmente não usaria maquiagem diária se não fosse pelo fato de que mulheres são obrigadas a estarem “apresentáveis”—plásticas, industriais praticamente—o tempo todo, o que, em última instância, nos desumaniza, porque todas os sinais de expressão, de passagem do tempo (desde espinhas a rugas e olheiras e cabelo branco) são considerados “imperfeições” que devem ser “corrigidas”. Não, a maquiagem como é usada hoje não é artística nem nunca teve a finalidade de ser “artística”. Nós somos impelidas a usá-la para estarmos “bonitas”, e, de novo, bonitas aos olhos de homens. E bonita é a menina jovem, sem poros, sem rugas, sem olheiras; com sinais de excitação sexual (ou vocês acham que o aumento dos lábios, a cor nas maçãs do rosto e o destaque aos olhos—tudo isso vem de onde? são simulações dos sinais de excitação sexual); com cabelos perfeitos. E nós internalizamos tanto isso que nos odiamos sem maquiagem. Não suportamos olhar pra nós mesmas sem, no mínimo, uma base, um primer, pó, blush, rímel. Nos sentimos feias. Nos sentimos... indesejáveis.

Não, você provavelmente não usaria roupas apertadas, desconfortáveis, sem nenhuma praticidade (sem bolsos!), que limitam seus movimentos, se não fosse pela necessidade constante de estar “fodível”. Note como o que diferencia adereços e roupas “masculinas” de “femininas” é justamente os fatores de praticidade e conforto: tudo que é “feminino” tem enfeites e características que não servem pra nada, a não ser para a estética e para demarcar que aquilo deve ser usado pela casta feminina. Pense nos uniformes esportivos. Pense nos sapatos. Pense nas FANTASIAS. O masculino é sempre a opção mais óbvia e básica; o feminino é sempre sexy, desejável, apertado (para marcar seu corpo), limitante. Tanto que mulheres que usam roupas apenas pelo conforto muitas vezes não encontram opções nas seções “femininas”, ou então só as encontram nas seções de esporte.

Nós não somos naturalmente masoquistas, do tipo que almeja a dor que os processos de beleza nos fazem sentir. Se algo deveria ser natural, esse algo é justamente FUGIR da dor. Evitá-la. Mas não. Beleza é dor.

Então eu vou propor o seguinte. Não se depile, não use maquiagem e não use roupas “femininas” por uma semana. Só pela experiência. Veja como você se sente com seu próprio corpo. Veja como você se relaciona com ele. Olhe pra ele. Observe-se, nua, peluda, sem maquiagem, no espelho. Repare no que você sente. É repulsa? É nojo? Você fica triste de se ver daquele jeito? Você fica com a mão tremendo, desejando tirar aqueles pêlos, desejando esticar aqui ou ali, desejando não ter aquelas estrias, desejando ter peitos empinados e do mesmo tamanho? Questione-se: por que você se odeia tanto? Por que você trata com tanta brutalidade seu corpo—que é você?

Eu sei que abandonar os processos estéticos da feminilidade simplesmente não é uma opção para diversas mulheres—principalmente para mulheres negras—porque, afinal, trabalhamos, lidamos com pessoas, e isso efetivamente poderia nos prejudicar. E isso é real, não é uma vergonha e não te torna “menos feminista”. É justamente por isso que eu proponho que você realize essa autocrítica. Vai doer, mas vai compensar.

Em resumo

Abandonar a feminilidade é sinônimo de abandonar as expectativas masculinas sobre como e o que você deve ser. Sabe tudo aquilo que vem à sua cabeça quando você pensa em “o que é ser uma mulher num patriarcado? O que é uma mulher ‘feminina’ e o que é uma mulher ‘masculina’?” ? Então: abandone.

É extremamente difícil e você vai vacilar no começo. Talvez vacile pra sempre, porque, afinal, a socialização é quase uma lavagem cerebral. Digo quase porque, se fosse *total*, nós não estaríamos aqui discutindo nossa emancipação; portanto, existem alternativas à forma patriarcal masculinista de existir e de se colocar no mundo. E, uma vez que você sente que consegue, você nunca mais vai voltar atrás e vai ser a melhor sensação do mundo.

Ilustração da capa de @julianalossioart que por acaso me define.

Furiosa

feminismo radical e materialista de forma didática. textos autorais e traduções. fúria, cultura do estupro, política, prostituição e teoria feminista.

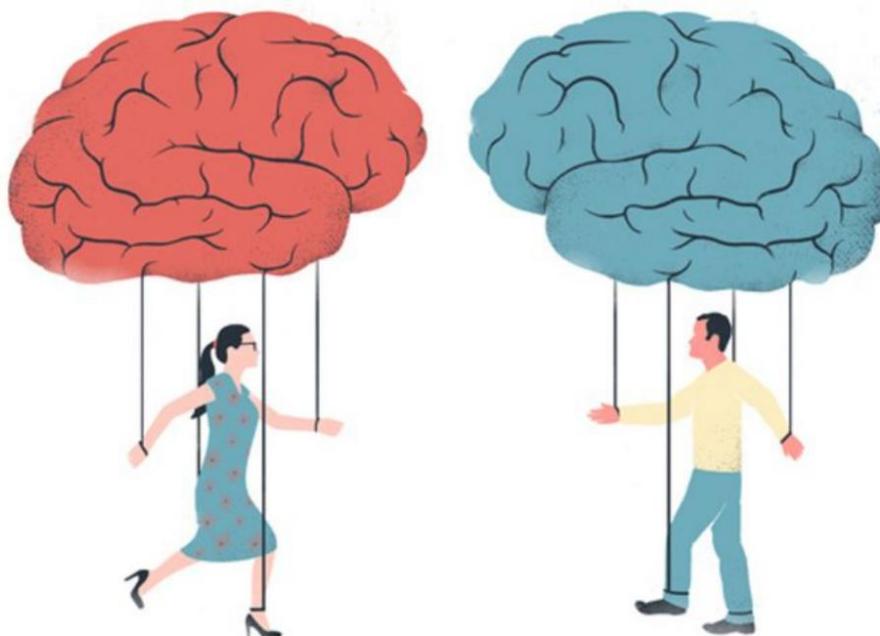
ANEXO M - “Afimal: como abolir o gênero?”, de Furiosa

25/11/2021 16:46

Afimal: como abolir o gênero? - QG Feminista

Afimal: como abolir o gênero?

Por **Furiosa**



como abolir o gênero

Se existe uma pergunta em comum que é feita para as feministas radicais tanto por pessoas críticas à teoria quanto por simpatizantes, é essa. Afimal, quem conhece—pelo menos um pouco— a teoria sabe que, depois de quase **meio século** de nascimento, essa pergunta permanece sem resposta *pronta*.

Pra quem está chegando agora, um pequeno resumo sem vergonha: o feminismo radical concebe o gênero como um **sistema de opressão** que estabelece uma **hierarquia**—portanto, uma relação vertical—entre pessoas que nascem com vagina e pessoas que nascem com pênis. O gênero é esse **sistema** que considera homens como naturalmente racionais, agressivos, lógicos; e mulheres, como maternais, carinhosas, passivas e santas. O gênero é a principal **ferramenta** do **patriarcado**, que é a forma como é estruturada a sociedade. O patriarcado, por sua vez, fez uma simbiose brilhante com o **capitalismo**, fazendo com que mulheres não sejam só naturalmente inferiores aos homens, como sequer humanas: são *coisas*. Posses. E os homens nos tratam assim, *dispondo* de nós e nos solicitando quando querem.

SÓ QUE TUDO ISSO ACONTECE PELO MÍSERO FATO DE QUE NOSSA SOCIEDADE ESTABELECE DEVERES, DIREITOS, PRERROGATIVAS E EXPECTATIVAS PRO SER-HUMANINHO QUE ACABOU DE NASCER (OU NEM ISSO) SÓ COM BASE NO QUE ELE TEM ENTRE AS PERNAS.

Isso é gênero. É alguém ter escrito sua história antes de você, sem te dar direito à revisão.

Ok, o gênero oprime (todas as pessoas, mas principalmente) mulheres. Ponto pacífico até aqui? Então vem o problema:

Como abolir gênero, se ele atualmente está presente em todas as células da nossa sociedade, impregnado na nossa cultura, na nossa linguagem, na nossa formação, na nossa educação, no nosso Direito, no nosso Estado... enfim! Em todas as áreas da vida em sociedade?

Justamente assim: nesse trabalho de formiguinha, identificando tudo que o gênero afeta, todas as desigualdades que ele acarreta, em todas as áreas, e atuar em cada uma delas com a especificidade que elas têm.

Porque a principal ideia que o sistema de gênero impõe—isso é, a superioridade do homem frente à mulher, basicamente— se manifesta das mais diversas formas! Comportamentos, ações, músicas, imagens, tratamentos, remuneração, divisão do trabalho doméstico, obrigações e direitos, educação em todos os níveis, preço pra entrar na balada, diferenças de preços masculinos e femininos, produtos e serviços especializados e diferentes pra homens e mulheres, representação na mídia, representação política, decisões judiciais, contratação, e eu poderia escrever mais e mais exemplos por um dia inteiro aqui mas acho que vocês já entenderam.

Ficou decepcionada, né? Você queria um insight brilhante.

Mas não tem. Porque é isto: *não tem resposta pronta*. Não tem uma fórmula revolucionária a ser aplicada. Também não adianta atuar em uma frente só.

MULHERES FORAM AFETADAS PELO SISTEMA DE GÊNERO ONTEM, ESTÃO SENDO AFETADAS HOJE E PODEM SER AFETADAS AMANHÃ, SE

NÃO CONSEGUIRMOS PENSAR EM FORMAS EFICIENTES DE INIBIR A REPRODUÇÃO DE PENSAMENTOS E IDEIAS MISÓGINOS.

Temos, de cara, frentes de atuação importantes e cujas ações serão essencialmente diferentes: ações que gerarão respostas e efeitos a **curto prazo, a médio prazo e a longo prazo**—e a atuação de uma frente não anula nem contraria a atuação de outra, porque voltadas para necessidades, agentes e realidades materiais diferentes.

As ações com efeitos a **longo prazo** são as mais preciosas, porque tratarão de impedir que o sistema de gênero continue se *reproduzindo*. O principal foco desse tipo de ação é, naturalmente, a educação: cuidar pra que a próxima geração já cresça pensando diferente. O foco recai não só sobre a menina e a mulher, vitimizadas pelo sistema de gênero e que enxergarão no fim desse sistema sua libertação*, mas também sobre os homens e principalmente os meninos: estes crescerão pra não ver sentido na discriminação sexual, e aqueles criarão consciência da violência que perpetuam.

Ações com efeitos **imediatos** ou a **médio prazo** são igualmente importantes, porque tratam de melhorar as condições de vida das mulheres *agora*, no presente—porque enquanto algumas de nós, notadamente as brancas e mais abastadas, são afetadas pelo machismo apenas na área intelectual ou doméstica, outras **morrem** por conta dele. Não basta, por exemplo, que o menino chegue à sua casa contando pra mãe que aprendeu na escola que não existe brinquedo de menino e brinquedo de menina se essa mãe continua ganhando quase um quarto do que ganha um homem branco executando sua mesma função. A ação com efeito a curto prazo não visa a uma *mudança de mentalidade*, porque sabe que isso não é tão simples. O foco não é a pessoa que produz e reproduz a violência criada pelo gênero; o foco é a mulher afetada por essa violência.

Exemplo: se queremos acabar com a dita desigualdade salarial, podemos criar nossas crianças pra tratarem todas as pessoas como iguais (respostas e efeitos a **longo** prazo), podemos tentar conscientizar o empresariado de como isso é uma atitude injusta, misógina e racista (respostas e efeitos a **médio** prazo) ou podemos estabelecer uma obrigação legal, prevendo multa pra quem a descumprir (respostas e efeitos a **curto** prazo).

Outro exemplo: se queremos parar com a representação da mulher negra na mídia como um ser exótico extremamente sexualizado, podemos (de novo) criar nossas crianças pra não discriminar ninguém nem por cor de pele nem por órgão sexual (respostas e efeitos a longo prazo), podemos tentar conscientizar as pessoas responsáveis por essas propagandas sobre como isso fere a autoestima e autoimagem da mulher preta e de como isso a prejudica ao contribuir pra construção de um imaginário social misógino e racista (respostas e efeitos a médio prazo), ou

podemos criar uma agência reguladora de publicidade que impeça propagandas machistas e racistas de serem veiculadas (respostas e efeitos a curto prazo).

*Por fim, mas não menos importante: **feminismo e capitalismo não combinam, porque enquanto existir capitalismo persistirá toda forma de exploração**, e isso inclui a exploração da mulher— em outras palavras, enquanto existir o capitalismo, vai existir gênero. Assim, em última instância, *a abolição do gênero também deve passar pela destruição do capitalismo*.

É, realmente, uma empreitada hercúlea: se não houver esforços conjuntos da sociedade civil, do movimento de mulheres e, principalmente, do Estado (que pode atuar legislando, criando políticas públicas, investindo recursos em áreas específicas, financiando pesquisas sobre o tema...— enquanto existir, rs), a taxa de feminicídios por ano vai continuar crescendo mais rápido do que a taxa anual de meninas completando o ensino superior.

Temos que *sair um pouco* da internet, dos simpósios, dos seminários e dos grupos de estudos (que também são importantes, mas, de novo—e o curto prazo?) pra ir pra rua e *cobrar o poder público*, cobrar a prefeitura, o governo do estado, o Congresso, a secretaria da mulher, as pessoas candidatas dos partidos... porque essas entidades podem—e devem— ajudar nesse processo.

Enquanto isso, façamos barulho. **Incomodemos!** E muito! E mais, que tá pouco.

Furiosa

feminismo radical e materialista de forma didática. textos autorais e traduções. fúria, cultura do estupro, política, prostituição e teoria feminista.

ANEXO N - “No dia dos namorados, lembre-se: o pessoal é político”, de Furiosa

25/11/2021 16:48

No dia dos namorados, lembre-se: o pessoal é político - QG Feminista

No dia dos namorados, lembre-se: o pessoal é político

Por **Furiosa**



No dia dos namorados, lembre-se: o pessoal é político

Às vezes parece que a mulher sujeito das análises do feminismo, enquanto indivíduo, não existe. Nós falamos muito de questões estruturais e fazemos análises materialistas que pressupõem a coletividade. Falamos de problemas e de explorações a que estão sujeitas todas — ou a maioria — das mulheres a nível macro, aos milhares, aos milhões. E dispomos disso justamente pra dar dimensão do tamanho do problema que enfrentamos.

Mas isso não significa que as análises feitas pelo feminismo não sirvam pra explicar o que acontece nas relações privadas. Na verdade, é exatamente o contrário.



O feminismo te mostra que a família — as relações domésticas e familiares — são um universo micro em que se repetem as opressões e explorações que acontecem lá fora, no universo macro. Em termos de trabalho, dentro de casa, o homem explora, além da prole, a mulher: explora sua capacidade reprodutiva, explora sua sexualidade (colocando o sexo como a obrigação da mulher casada, um direito do homem que a possui), explora sua força de trabalho (responsabilizando-a, unicamente, pelos cuidados da casa, da prole e de eventuais pessoas idosas). Mesmo nas famílias em que a mulher não pode se dar ao luxo de se dedicar exclusivamente à casa e precisa trabalhar fora, como é o caso de famílias pobres, ainda assim a mulher dedica **muito** mais horas de sua semana aos cuidados da casa.

É claro, é evidente, que por trás dessa relação de exploração de um trabalho (ainda por cima!) não remunerado existe todo um imaginário social (ou uma ideologia, chame como quiser) que dispõe de justificativas pra esse fenômeno. Os argumentos vão desde motivos “biológicos” (“mas a mulher é naturalmente mais caseira, mais ordeira”) até justificativas “pragmáticas” (“a mulher já trabalha menos, aposenta mais cedo e engravida, então cuidar da casa é uma compensação”). Mas o que existe na verdade, como sabemos, é pura exploração. Misoginia, hierarquia.

Mas o alcance do machismo e da misoginia não pára aí.

Da mesma forma como o capitalismo e a ideologia burguesa conseguem se enfiar em todos os cantos da nossa vida, até nas nossas relações pessoais e afetivas (quem aqui nunca se pegou quantificando afeto em preço de presente?), o patriarcado também o faz. A ideologia patriarcal não se restringe ao campo da economia ou do trabalho, porque isso não garantiria o controle total dos homens sobre as mulheres. Não: a dominação só é efetiva se for possível plantar sementes de sua ideologia em todas as áreas de nossa vida. E isso inclui os relacionamentos.

É por isso que o pessoal é político. Tudo o que acontece na vida das mulheres, seja dentro de casa, na universidade, no transporte público, na internet, no Senado, na ala da maternidade ou no presídio — tudo é atravessado pelo fato de que somos mulheres. Não à toa mulheres têm

25/11/2021 16:48

No dia dos namorados, lembre-se: o pessoal é político - QG Feminista

tantas experiências em comum — resguardados alguns limites de raça e de classe. O que nos acontece, o que fazem com a gente em ambientes privados é reflexo e consequência direta de discursos e ideias políticas que se expressam no espaço público.

E se a gente sabe que os perpetuadores de nossa exploração e de nossa opressão são os homens — já que são eles que se beneficiam desse sistema — , então não tem como fugir da análise de que, em um relacionamento heterossexual, eventualmente o cara *vai reproduzir essa estrutura*.



Eu gosto muito dessa imagem pra ilustrar o que é um relacionamento heterossexual, pra mim. É uma performance da famosíssima Marina Abramović, e a artista afirma se tratar de uma performance sobre confiança.

Pra mim, é sobre a nossa posição, enquanto mulheres, em um relacionamento heterossexual — em que, de fato, depositamos nossa confiança em alguém que tem o poder pra nos machucar a

qualquer segundo. Porque é ele quem segura a flecha, apontada para o coração dela. O resultado é uma constante tensão.

Vamos ver exemplos de como a exploração/opressão no nível macro se manifesta no nível micro?

Cultura do estupro

A cultura do estupro nos diz que a culpa de uma violência é da vítima e não do agressor, o que implica que o agressor não fez nada de errado e estava em seu direito masculino de acesso aos corpos femininos. A cultura do estupro nos diz que temos que gostar de assédio, pois isso significa que somos desejadas. A cultura do estupro mede nosso valor pelas investidas sexuais que recebemos. A cultura do estupro nos coloca no lugar de propriedade do homem.

E, no nível micro, também faz parte da cultura do estupro a ideia de que "sexo sem vontade" faz parte do relacionamento (sendo uma obrigação da mulher casada)... que "homens têm mesmo mais vontade de sexo, é mais fácil ceder"... que temos de dar *desculpas* (vide a piada corrente sobre dor de cabeça como motivo para negar sexo) para não fazer sexo, porque não podemos simplesmente **não querer e negar...** que se o homem não é "satisfeito" em casa, então vai "procurar na rua"... O que está por trás de tudo isso, se não a cultura do estupro? Se não a velha ideia de que homens têm **direito** de acesso aos corpos das mulheres, e de que isso se potencializa se o homem tiver algum grau de relacionamento com a mulher (seja ele de afeto ou de parentesco)?

E eu não vou nem começar a falar de namorados que acham que têm o *direito* de consumir pornografia e/ou prostituição.

Maternidade compulsória

A maternidade compulsória nos diz que é natural e instintivo querer ser mãe, que todas as mulheres nasceram pra isso, e que não querer ser mãe é uma negação de nossa própria natureza, uma aberração, uma subversão. Mas o *ser mãe* não se limita aos atos de gestar, de parir e de eventualmente amamentar: *ser mãe*, aqui, é ser total e completamente responsável por outro ser humano, que, por sua vez, é absolutamente incapaz e não pode ser responsabilizado por seus atos. *Ser mãe* é suportar as piores tempestades, pesadelos e momentos ruins por... *amor*. É resiliência, paciência; e, acima de tudo, é aguentar todo o processo de maneira abençoadamente **calada**.

No nível micro, também faz parte da maternidade compulsória a ideia de que você tem que aguentar toda e qualquer merda que seu namorado te fizer, porque homens são assim: infantis e imaturos, *infantilizados por suas mães* (sabe como é mãe de menino, né!), e você tem que ser paciente e esperar que ele amadureça, *se você realmente o ama*. Você tem que ensiná-lo como se relaciona. Você tem que ceder e "relevar" algumas besteiras que ele fizer. E não fique cobrando

demais, cada um tem seu tempo! Pensar em você mesma, respeitar seus limites, tirar satisfação, cobrar maturidade e reciprocidade? **Que egoísmo!** Assim você vai acabar ficando **sozinha!**

Falocentrismo

Como o próprio termo diz, o falocentrismo é esse dogma que coloca os homens no centro de tudo, inclusive e principalmente no centro da vida das mulheres. Nossas vidas devem girar em torno deles e nosso maior objetivo de vida é agradá-los e sermos por eles aceitas e desejadas. O maior exemplo disso é a elevação do casamento a um pedestal, como o grande e irresoluto objetivo de vida, ápice de felicidade, ponto alto da vida de uma mulher. Mas existem outras manifestações do falocentrismo: concursos de beleza; a criação da rivalidade feminina; até mesmo a pornografia — tudo serve para reforçar a ideia de que o que importa é a opinião masculina.

No nível micro, isso significa que, dentro de um relacionamento, além de somente os sentimentos e demandas do homem importarem, é responsabilidade exclusiva da mulher “fazer o relacionamento funcionar”. É a mulher que é responsável por “salvar” o casamento, por “manter seu parceiro fiel”; e também será responsável se o relacionamento “falhar” (ou seja: se não desembocar no casamento, único medidor de sucesso possível para relacionamentos, pelo jeito).

Mas não só: mulheres devem se contentar (e ficarem felizes) com o mínimo. Não devem nunca esperar mais do que o mínimo, aliás, e devem premiá-lo. Aparentemente, ser tratada com respeito, dignidade e um mínimo de decência é pedir demais.

...consequentemente: mulheres, seres de segunda classe

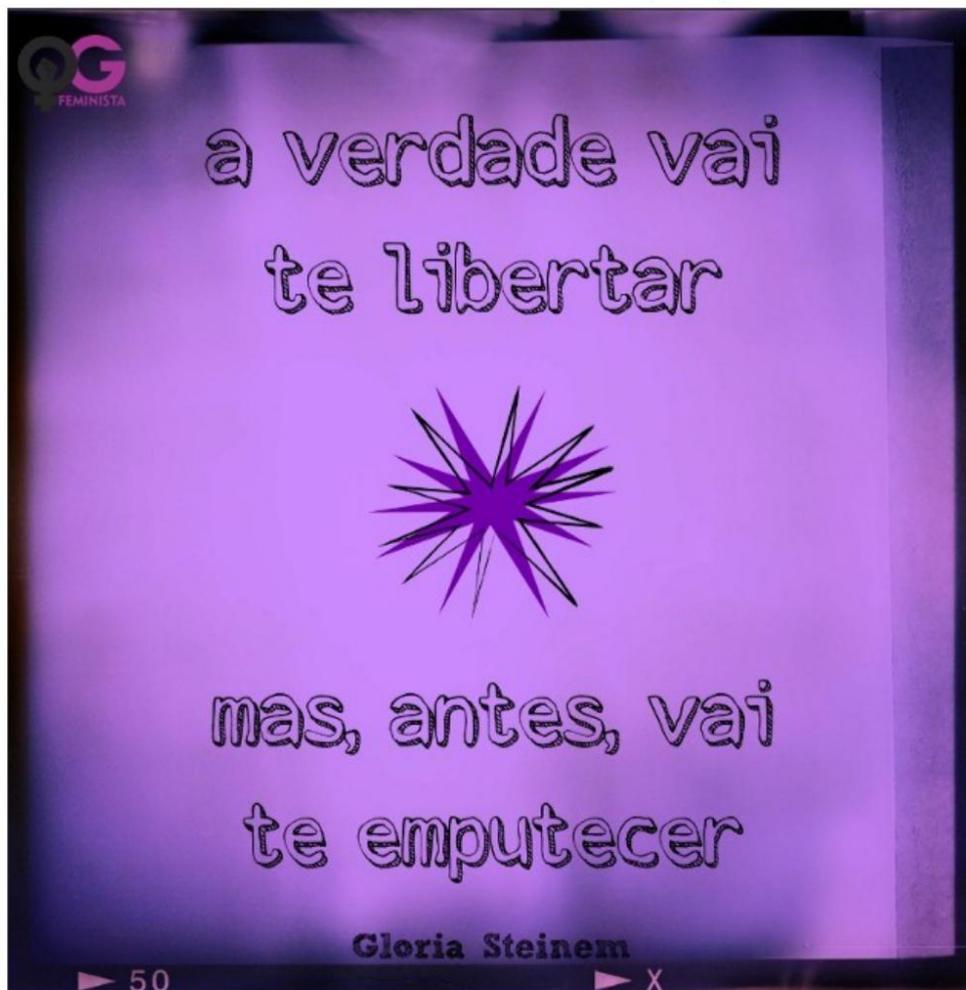
Simone de Beauvoir já nos mostrou que a mulheridade é construída em oposição à masculinidade. O conceito de “homem” só existe porque existe o conceito de “mulher”. O homem é o *Um, o ser*, aquele que *é*, enquanto que a mulher é o *Outro, o não-ser*. Daí a ideia de que o homem é quem é um ser humano; a mulher é meramente fêmea, reprodutora, mutilada, um macho imperfeito e inacabado (ideia essa repetida milhares de vezes ao longo de toda a história por diversos “filósofos” diferentes). Na prática, isso nos coloca sempre abaixo dos homens, inferiores a eles, num status muitas vezes de, literalmente, coisa, objeto. Nossos direitos (quando existem) são secundários, um “a mais” de projetos de governo. Nossa sexualidade é considerada tabu. Nosso trabalho e seus resultados sempre serão manchados pela marca de “feito por uma mulher”, e, por isso, desvalorizados. Nossas dores, angústias e pautas são fruto de nossa histeria. A biologia, a medicina e a psiquiatria por anos a fio tentaram demonstrar que somos mais fracas, menos inteligentes, menos capazes, menos potentes.

Não tem como isso não impactar o que pensamos de nós mesmas; e, mais, o que pensamos de nós dentro de uma relação com um homem. É óbvio, é praticamente esperado que nós coloquemos nossas insatisfações, medos, inseguras, angústias e demandas em segundo lugar. É óbvio que sempre se espera que seja a mulher quem ceda quando surgem brigas (até por ser de

nossa *natureza compreensiva e maternal*). É óbvio que você vai duvidar da sua sanidade mental quando começar a querer pensar mais em você do que no outro, porque não foi isso que você foi programada pra fazer. É óbvio que você vai ser acusada de estar louca, histérica, egoísta; de ser manipuladora e mentirosa (o famoso *gaslighting*). Nem é possível que um homem aja diferente se a vida toda ele esteve acostumado com todo o mundo girando ao redor de suas necessidades, a começar por sua relação com sua própria mãe.

O feminismo oferece análises e explicações pra nossa situação enquanto coletividade dentro do patriarcado e do capitalismo, sem se esquecer de que mulheres no final do dia voltam pra casa.

Nós, feministas, também temos que nos lembrar disso. É um processo muito difícil e doloroso enxergar essas contradições em nossos próprios relacionamentos, porque exige que a gente desaprenda e questione nossa própria socialização — e é também por conta da socialização que nenhuma feminista está imune de viver relacionamentos tóxicos e/ou abusivos — mas, afinal, a emancipação está justamente nesse processo de questionamento, de destruir pra depois reconstruir por cima das cinzas.



Furiosa

feminismo radical e materialista de forma didática. textos autorais e traduções. fúria, cultura do estupro, política, prostituição e teoria feminista.

ANEXO O - “Feminilidade, lesbianidade e lugar de mulher”, de Furiosa

25/11/2021 16:48

Feminilidade, lesbianidade e lugar de mulher - QG Feminista

Feminilidade, lesbianidade e lugar de mulher

Por **Furiosa**



Feminilidade, lesbianidade e lugar de mulher

Tudo bem ser mulher, mas só se for do jeito patriarcal.

Eu precisava de um par de chinelas. Saí com minha mãe pra comprar. Entrei na loja da marca famosa e um par específico temático do filme “Fantasia”, da Disney, me chamou a atenção. Eu escolhi meu número e entreguei à vendedora, e ela me disse que, infelizmente, não tinham esse tema no modelo feminino.

Eu fiquei tipo — quê?

Eu não sou assídua consumidora/compradora de chinelas, não vejo muita televisão (pra ver propagandas) e também não recebo muitas propagandas disso nas minhas redes sociais, então — por incriça que parível — eu havia me esquecido completamente de que, sim!, existem *chinelas femininas*.

E é impressionante como é *fácil* fazer um *modelo feminino* de qualquer coisa: é só você basicamente tirar sua funcionalidade ou deixá-lo desconfortável. O modelo feminino das chinelas consiste em uma modelagem reduzida e com tirinhas mais finas.

Porque até nossos pés precisam ser *femininos*.

Porque *tudo* que nós usamos precisa demarcar, de alguma forma, que somos mulheres. Essa é a função primordial da feminilidade.

Nós, feministas radicais e materialistas, dizemos que a opressão da mulher é sexual — ou seja, que somos historicamente oprimidas e exploradas por conta de nossas capacidades sexuais e reprodutivas. Mais especificamente: pela *presunção* de nossas capacidades sexuais e reprodutivas — porque o patriarcado não nos faz teste de fertilidade nem ultrassom quando temos 5, 15 ou 20 anos de idade para garantir que temos útero e ovários funcionais e uma vagina penetrável (por isso mulheres sem útero e sem canal vaginal não são “exceção” à misoginia nem são um “furo” na teoria radical; na verdade, é bem o contrário). Basta que *pareça* que nós os tenhamos.

Isso é simples de se comprovar de muitas formas — não só por a violência contra as mulheres e meninas ser um fenômeno generalizado pelo globo, com variáveis culturais e de época, quanto justamente pelo fato de que você não precisa fazer mais nada, nem falar, nem demonstrar qualquer traço de personalidade pra ser tratada diferentemente de um macho. Basta você ser fêmea.

Mas, é claro, nós não andamos nuas por aí. Se um macho e uma fêmea, em seu estado natural, fossem colocados lado a lado com seus genitais e outras características sexuais secundárias cobertas — digamos, com todo o tronco coberto — esses corpos não seriam tão absurdamente diferentes. Existem diferenças, é claro, até no nível dos ossos — tanto que é possível distinguir machos de fêmeas pelo esqueleto —, mas meu ponto é que a diferença não seria *absurda*.



Rain Dove, a modelo que usa sua androginia para posar tanto como "homem" quanto como "mulher"

É necessário, então, que o nosso sexo seja *escancarado* para a sociedade de outra forma. É necessário que sejamos marcadas para que a sociedade saiba como nos tratar, porque o tratamento reforça a situação de poder das pessoas na sociedade. É por isso que pessoas andróginas — cujo sexo não conseguimos descobrir em 5 segundos — são um incômodo; as pessoas ao redor não sabem como tratá-las e usam toda sua capacidade cognitiva e seu conhecimento de "biologia" para tentar reconhecer traços sexuais: mas tem seios? E a linha do maxilar? As mãos, de repente? Quadril? Pomo de adão?

A forma como nosso sexo é demarcado — imagino que você já tenha entendido — é a própria feminilidade.



Marta (futebol), Jaque (vôlei), Sonia Malavisi (saltadora com vara/Itália) e Natasha Hastings (velocista/EUA)

Tudo bem fazer "coisa de homem" — mas não ser feminina já é demais

A entrada das mulheres em diversos setores histórica e socialmente considerados masculinos — como o próprio ambiente de trabalho profissional (e com isso quero dizer *remunerado*), a universidade, as artes, e, como destaque aqui, os esportes — não foi concedida, pelo patriarcado, sem custo. Com a divisão sexual do trabalho sendo formalmente mitigada (ela ainda existe, é claro, mas considerem, a título de exemplo, que de 1941 até 1983 as mulheres eram proibidas por lei de jogar futebol no Brasil), torna-se necessário demarcar o lugar das mulheres e as diferenças entre mulheres e homens de alguma outra forma. Faz-se necessário lembrar às mulheres — e lembrar à sociedade como um todo — que elas estão ali, mas o lugar delas não é ali, e que elas estejam ali não significa, de forma alguma, que sejam iguais aos homens.

As mulheres que ocupam lugares tradicionalmente "masculinos" e que se recusam a ceder à feminilidade são acusadas — nenhuma novidade — de "quererem ser homens", de serem "mulher-macho", de estarem "negando sua natureza"; enfim, vocês sabem do que eu estou falando. Porque quando uma mulher decide, deliberadamente, não modificar seu corpo, não se mutilar, não ceder a vestuários e visuais desconfortáveis, disfuncionais e/ou inúteis — em outras

palavras, quando ela permanece em seu estado natural —, ela é acusada de querer ser homem porque o ser humano em seu estado natural só pode ser masculino, porque o homem é o sujeito, a mulher é “o outro”, o diferenciado, o modificado. É uma mulher que, conscientemente ou não, reivindica sua humanidade, sua agência e sua autonomia corporal, curiosamente por meio de uma não-ação (não se maquiar, não se depilar, não usar roupas desconfortáveis).

A presença de mulheres feminilizadas em espaços masculinos possui essa contradição em si (porque os sistemas de discrepância de poder, como um todo, têm sua fundação em contradições). Elas estão lá, e é *permitido* que estejam lá, mas com a condição de que lembrem a si mesmas e às outras, o tempo todo, quem elas são e de onde vieram.

Tem que usar batom e salto.



Desembargadoras e desembargadores do TRF-4 (RS).

E, vejam — isso não é uma crítica às mulheres, individualmente, que usam maquiagem ou saia ou salto. Não é uma crítica ao batom de Marta ou aos cílios de Jaque. Muitas vezes as mulheres sequer têm escolha e *precisam* se feminilizar para enfrentar o mundo, manter seu emprego, *conseguir* um emprego. Mais difícil ainda pra uma mulher negra, cuja cor já é considerada suja por si só. Mais difícil ainda pra uma sapatão, cuja sexualidade já é considerada suja por si só. Nós precisamos sobreviver — sobreviver, sendo mulher, é por si só uma resistência num mundo que nos mata a troco de nada. Eu quero aqui fazer uma análise das causas e das consequências desse sistema.

Porque todo mundo sabe o que acontece se nos recusarmos a seguir as regras do sistema deles. Além de serem acusadas das mais diversas imbecilidades, as mulheres que se recusam a reproduzir a feminilidade são marginalizadas, usadas como “mau exemplo” (de uma mulher que *não conhece seu lugar*, na maioria das vezes) e, não raro, formalmente penalizadas.



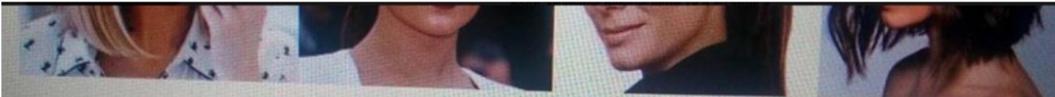
Com o advento da Copa Feminina, a história da jogadora Sissi foi relembada. Caso você não tenha lido, eu faço um resumo aqui pra você. Sissi foi uma ídola do futebol brasileiro feminino bem antes de Marta. Ela fez parte da seleção de 1988, a primeira, e ajudou a conquistar o terceiro lugar no mundial de 1999, há exatos 20 anos. Ao voltar pro Brasil, raspou sua cabeça. E o futebol brasileiro não deixou barato. O Paulistão de futebol feminino inseriu no regulamento de 2001 uma regra que falava em “enaltecer a beleza e sensualidade das jogadoras para atrair o público masculino”. Uma jogadora de cabelo raspado não é tão facilmente sexualizável assim.

Sissi foi para os Estados Unidos e lá está até hoje, como treinadora.

“Ah, mas 1999, né? As coisas já mudaram bastante.”



Meagan Hunter se demitiu da Chili porque se recusou a se vestir de maneira “mais apropriada a seu gênero” — aparentemente, ela se vestia de forma “inapropriada” em suas vestimentas *neutras*. Ela estava sendo considerada para uma promoção, quando o gerente disse que, para isso, precisaria que ela se vestisse de maneira mais “apropriada a seu gênero”. Ele, ainda, disse que não pensava que ela traria “o tipo certo” de clientela.



Maquiagem

Evite sair de casa sem a uma maquiagem mínima: estes 5 passos são essenciais e não levam mais de 5 minutos, porém fazem milagre por sua aparência e autoestima!

1. Base ou BB Cream com cor.
2. Corretivo para corrigir manchinhas de espinha, manchas e olheiras.
3. Blush para trazer um ar saudável à face.
4. Rímel para destacar o olhar (preto ou marrom).
5. Batom em tom neutro ou gloss labial.

O que você quiser complementar a mais, como um lápis esfumado discreto ou delineador fininho, sombra leve ou iluminador, são um ótimo bônus e podem ser um extra para dias com mais tempo e inspiração!

Tenha no trabalho um nécessaire com estes 5 itens para retocar a maquiagem após o almoço e sempre que precisar.

Vagas
ARROMBADAS





vagasVTNC

É recomendado que você tenha sempre um nécessaire no trabalho, que você pode deixar inclusive em seu gaveteiro do escritório para não precisar carregar ou correr o risco de esquecer.

Indico alguns itens essenciais para seus cuidados durante o dia:

- Escova e pasta de dente.
- Creme hidratante para as mãos.
- Cera hidratante para unhas.
- Lenços removedores de esmalte.
- Kit básico de maquiagem (BB cream, corretivo, blush, rímel e batom).
- Hidratante labial.
- Perfume.
- Desodorante.
- Escova ou pente de cabelo.
- Fivela ou elástico bonito para o cabelo.
- Grampos.
- Meia-calça extra (para o caso de a sua puxar fio).
- Farmacinha básica (aspirina, remédio para cólicas, antialérgico, etc.).

Vagas
ARROMBADAS





vagasVTNC

Unhas

Você não precisa estar com as unhas pintadas todos os dias, porém elas precisam estar sempre limpas e bem cuidadas.

Nunca vá ao escritório com esmalte descascado, cutículas ressecadas, por fazer ou com as unhas sujas.

Tenha em seu nécessaire lençinhos removedores de esmalte (os da Océane são encontrados em qualquer farmácia) e um hidratante para cutículas (como o da Cranado), que você pode usar em caso de acidentes em uma fugidinha rápida ao toalete.

Cores recomendadas: clarinhos (rosé, branco leitoso como o Renda, cinza claro, salmão, tons de nude, etc.), bordô fechado e preto. Evite cores coloridas ou chamativas e quaisquer detalhes que chamem demais a atenção.



Tem também esse escritório de advocacia que passou um PDF inteiro de *dresscode* para candidatas (e candidatos também, sejamos justas, rs) contendo *recomendações* bastante específicas.

Um escritório de advocacia, gente.

Inclusive, se vocês passarem meia hora que seja nessa página ótima do facebook ("Vagas Arrombadas") vão perceber o quanto é assustadoramente frequente a menção a *beleza* e feminilidade nos requisitos para vaga, além de cor de pele, cor de cabelo, idade e peso (alguns estabelecimentos são mais sutis e simplesmente pedem o envio de uma foto 3x4 junto com o currículo).

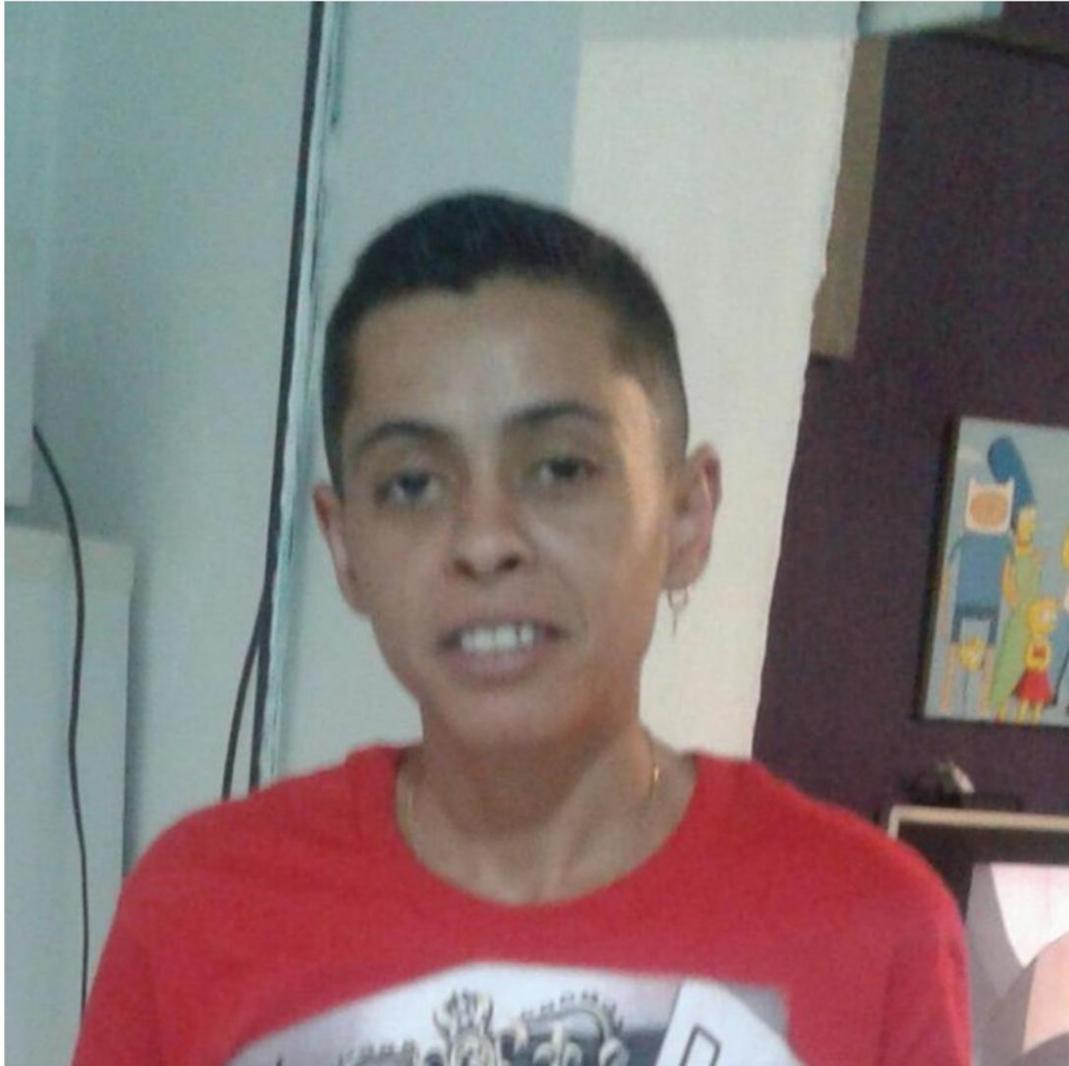
Правила участия:

1. Принять участие в марафоне может любая сотрудница, находящаяся на территории предприятия в юбке или платье (длина и фасон в соответствии с требованиями, прописанными в Корпоративном кодексе), с собранными волосами, скромным макияжем.
2. Необходимо прислать свою фотографию на номер +7 (917) [REDACTED]
3. Фотографии принимаются каждый день с 7 до 16 с 27.05.2019 по 30.06.2019
4. Каждая сотрудница, приславшая фотографию, соответствующую условиям конкурса, будет вознаграждена премией 100 рублей в день.

Também nesse ano teve o caso de uma empresa russa que ofereceu às suas empregadas o pagamento de bônus em dinheiro para aquelas que usassem saias ou vestidos para o trabalho. Quando o caso veio a público, o representante da empresa disse que apenas queriam "deixar os dias mais bonitos". Que o incentivo fazia parte de uma *gincana* e que a escolha desse bônus para as mulheres era uma ótima forma de *unir* a equipe, composta em 70% por homens. Mas, para

além de ser uma brincadeira, a empresa queria que suas empregadas *sentissem o charme e a feminilidade* de escolher usar saia ou vestido.

Na gincana houve atividades propostas para homens também, é claro. Houve uma competição de flexão de braço.



Thays Cyriaco, por sua vez, foi forçada a usar o banheiro masculino durante cinco meses em seu local de trabalho, a rede de supermercados Makro. Ela foi vista usando o banheiro feminino por uma promotora do supermercado — a qual reclamou no departamento de Recursos Humanos da loja — e, no dia seguinte, foi “orientada” a passar a usar o banheiro masculino. “*Já que você parece homem, vai usar o banheiro masculino*”. Aparentemente, para se usar a cabeça raspada é preciso ter pênis.

Existe escolha real se você é penalizada, dependendo do que escolhe? Existe escolha, se você é condicionada desde cedo a pender pra determinado lado e rechaçar o outro? Existe escolha se as mulheres que fazem escolhas diferentes sofrem punição exemplar para nos lembrar a que estamos sujeitas? Uma gaiola é menos claustrofóbica se é dourada?

Se estamos "ocupando lugares de homens" mas continua existindo um imaginário social sobre o que é "ser mulher", então esses lugares deixaram, de fato, de ser "masculinos"? Isso está servindo à nossa libertação? Me parece mais como um jogo de soma zero: entre na política, mas de saia e terno. Entre em campo, mas de batom. Seja professora universitária, mas não corte o cabelo.

Se o objetivo da feminilidade é justamente demarcar nosso sexo para garantir a manutenção da supremacia masculina, deveria ser óbvio para todas as feministas que ela é totalmente contrária aos propósitos revolucionários do feminismo. Adianta muita coisa termos conquistado "o direito" de participar da política, de jogar futebol, de trabalhar, de participar da vida pública, enfim —, se, para isso, ainda precisamos usar vestido? O objetivo das feministas, 150 anos atrás, não era precisamente acabar com a desigualdade entre os sexos? Qual a lógica de, atualmente, acharmos que vamos conseguir isso sem abrir mão de uma das principais ferramentas de manutenção e de reprodução dessa mesma desigualdade?

O lugar da lésbica — ou não-lugar

Por fim, eu gostaria de falar um pouco sobre como tudo isso se relaciona à lesbianidade.

Como dito, as mulheres que ocupam lugares tradicionalmente masculinos são acusadas de estarem emulando homens e de quererem ser homens. O mesmo acontece quando negamos a feminilidade patriarcal. Uma acusação cumulativa (e geralmente consequente) a essas é a de se ser sapatão.

Sapatão, mulher-macho: para nossa sociedade, a mulher que recusa a feminilidade só pode ser sapatão; faz parte de se ser sapatão a recusa à feminilidade (uma lésbica "feminilizada" é um contrassenso); e, é claro, sapatão quer ser homem, mas não é mulher (e, obviamente, também não é homem). É alguma coisa no meio (leiam Monique Wittig!).

A (heteros)sexualidade e a feminilidade estão interligadas no patriarcado porque feminilidade não é um conceito somente estético. Ele dita preceitos comportamentais e, obviamente, também sexuais. Feminilidade é estar a serviço dos homens — emocional e sexualmente. Tentaram nos convencer de que feminilidade é sobre se sentir bem com você mesma e sobre agradar você mesma, mas esqueceram de dizer que mulheres se sentem bem consigo mesmas quando os homens as aprovam. Tentaram nos convencer de que mulheres "se arrumam" e se feminilizam não para homens, mas para "outras mulheres", porque "homens não reparam nisso", mas esqueceram de dizer que o objetivo final é disputar pela atenção masculina. Feminilidade é sobre homens. Feminilidade constitui o gênero feminino (e uso *gênero* aqui no sentido conceitual

mesmo), porque se constrói em oposição à masculinidade. Ela não se volta para si mesma, mas para o outro (o macho). Uma mulher, para ser mulher *de verdade*, deve ser feminina; e ser feminina é servir ao macho.

A lesbianidade é a suprema negação disso. Mesmo a lésbica que não é *butch* e que se feminiliza — ela *trai* um dos preceitos básicos (senão o preceito básico) da feminilidade, que é a disposição sexual aos homens. A mulher lésbica, ao negar o acesso masculino a seu corpo, nega a imposição do poder masculino justamente na esfera historicamente utilizada para criar, manter e reproduzir a dominação e a supremacia masculinas (e, conseqüentemente, utilizada para demarcar e institucionalizar a diferenciação sexual, criando o que atualmente denominamos *gênero*): a esfera sexual.

Começam a fazer sentido, então, as acusações de *lesbianidade*, de *sapatônica* de toda mulher que ocupa esferas tradicionalmente masculinas, desde a política até a do esporte. Porque uma mulher que não ocupa o lugar tradicionalmente feminino — seja da divisão sexual do trabalho, seja da heterossexualidade — quer ser homem. É um combo. Se nega sua condição de subordinação, só pode estar negando sua própria *natureza feminina*. Essas feministas só podem ser todas sapatão.

Ceder ao processo de feminilização é, então, um grito: eu estou aqui, mas ainda sou mulher. Eu estou aqui, mas deus me livre ser sapatão. Ou, ainda; estou aqui, sou sapatão, mas deus me livre ser feia aos olhos dos homens.

Pobres dessas mulheres. Pobres de nós, aliás, por precisarmos recorrer a isso tantas vezes para conseguirmos sobreviver.

Só, por favor, não me vendam isso como uma coisa boa. Como empoderamento. Como performance. Como caso pensado. Como escolha. Porque não é. Nunca foi.

Eu não quero um número maior de saias, saltos e batons nos lugares. Eu quero que ninguém seja obrigada a usar saias, saltos e batons pra chegar a esses lugares e pra conseguir permanecer nesses lugares. E também quero que esses "lugares" sequer existam.

Furiosa

feminismo radical e materialista de forma didática. textos autorais e traduções. fúria, cultura do estupro, política, prostituição e teoria feminista.



ANEXO P - “O que é Cultura do Estupro?”, de Furiosa

25/11/2021 16:50

O que é Cultura do Estupro? - QG Feminista

O que é Cultura do Estupro?

Por **Furiosa**



O termo **cultura do estupro** ficou bastante famoso nos últimos anos, principalmente por conta do caso lastimável do estupro coletivo de uma jovem no Rio de Janeiro. Desde então, pipocaram por aí diversos textos e definições do que seria, de fato, esse fenômeno. Vamos dar uma olhada no que a teoria feminista clássica [de fora da internet] pode nos dizer a respeito.

Pra entender o que é a cultura do estupro e como ela se manifesta, precisamos nos debruçar sobre a origem da opressão feminina. Resgatemos Beauvoir:

***A MULHER DETERMINA-SE E DIFERENCIA-SE EM
RELAÇÃO AO HOMEM E NÃO ESTE EM RELAÇÃO
A ELA; A FÊMEA É O INESSENCIAL PERANTE O
ESSENCIAL. O HOMEM É O SUJEITO, O
ABSOLUTO; ELA É O OUTRO. [1]***

Em outras palavras, o que a filósofa existencialista quer nos dizer que é a mulher é constituída enquanto *negação* do homem. Este se constitui enquanto ser humano — *sujeito* — e aquela se constitui enquanto... fêmea. À mulher, resta o sexo, a animalidade, a negação da humanidade.

No entanto, eventualmente, toma-se a consciência de que "Sujeito" e "Outro" não são essenciais, mas referenciais: aquele que nós consideramos "Outro" também se considera "sujeito" e, por sua vez, *nos* considera "Outros" — isso porque não existimos sozinhas no espaço; existimos somente em relação de reciprocidade, *em relação* às outras pessoas.

A grande questão, segundo Simone, é que essa conscientização não ocorre quando se é mulher; ela nunca se reconheceu enquanto Um; ela se sujeitou ao ponto de visto alheio a ela mesma. Isto é a construção do 'ser mulher'; isto é o que significa, de fato, 'tornar-se mulher': ser impossibilitada, pelos homens, de transcender-se [2] e de se reconhecer enquanto Sujeito, enquanto indivíduo.

Se a mulher, então, não se identifica enquanto Sujeito, a ela resta a condição de... coisa.

De fato, analisando historicamente a situação da mulher, vemos que ela sempre foi mantida e tratada na condição de coisa, de *propriedade*, especialmente por conta de suas capacidades sexuais e reprodutivas: a mulher era utilizada como oferta de paz entre tribos; era usada para uni-las; era usada para 'produzir' mão de obra (crianças) para trabalhar na terra e para assegurar a manutenção da propriedade no mesmo sangue. Gerda Lerner faz uma extensa pesquisa e exposição sobre isso em sua obra *The creation of Patriarchy*, de 1986.

Ambas Beauvoir e Lerner convergem quanto à cooperação da mulher para a manutenção desse sistema de exploração — seja por doutrinação, seja pela privação de acesso à educação (e emancipação), seja pela necessidade de sustento e de segurança (e de segurança para a prole) ou seja pela necessidade de status de *respeitabilidade*; a mulher, por questão de *sobrevivência*, precisou se submeter à exploração masculina.

Podemos ressaltar, ainda, a contribuição de Monique Wittig a essa discussão, debatendo sobre como a própria categoria científica *sexo* foi criada por uma ciência masculina para legitimar o poder masculino, uma vez que fornece explicações naturais — "biológicas" — para as diferenças entre os sexos e justificar as diferentes atribuições e construções sociais extremamente limitantes às mulheres.

A categoria sexo não existe a priori, antes de toda a sociedade. E como uma categoria de dominância, não pode ser um produto da dominância natural, mas da dominância social das mulheres pelos homens, porque não existe nada além de dominância social. [3]

A categoria *sexo*, então, fornece explicações apriorísticas (a-históricas) para o desenvolvimento (histórico) dos diferentes papéis de *sexo*, e, conseqüentemente, da dominação masculina, afinal,

“é a posição social que dá ao masculino a ingerência sobre os corpos das mulheres, através do sexo como marca distintiva e da sexualidade como forma de apropriação global” [4].

Essa dominação inclui, inclusive, a dominação heterossexual:

A categoria “sexo” é o produto de uma sociedade que torna metade da população em seres sexuais, porque sexo é uma categoria da qual as mulheres não podem estar de fora. Onde quer que elas estejam, o que quer que elas façam, elas são vistas (e feitas) como sexualmente disponíveis aos homens. [5]

A superioridade de um sexo em relação ao outro é o que constitui o que chamamos de patriarcado. No patriarcado, os homens mantêm as mulheres em estado de subordinação porque detêm diversos poderes que as mulheres não têm — poderes que foram sentido adquiridos historicamente, e que começaram com a própria exploração de nossas capacidades reprodutivas. (Vemos, aqui, o quanto o patriarcado e o capitalismo se uniram numa simbiose)

Andrea Dworkin nos indica os vários *poderes* de que os homens dispõem. O primeiro deles é o próprio poder de *ser*. O homem *é*, por definição, e a mulher, por definição, *não é*. Os outros poderes são: (ii) a força física; (iii) a capacidade de aterrorizar e de inculcar medo *em* uma classe inteira de pessoas *de* uma classe inteira de pessoas; (iv) o poder de nomear, de definir e de conceituar; (v) o poder de possuir; (vi) o componente sexual do poder econômico; e (vii) o poder do sexo. [6]

Se os homens detêm os poderes de *ser*, de *terrorizar* e de *dominar o sexo*, constituindo-o enquanto direito masculino, é fácil entender a banalização da violência sexual. A violência sexual masculina não é anormal e desviante, mas esperada e entendida como comportamento previsível na cultura de ódio às mulheres em que vivemos. [7]

Uma das formas de institucionalização do poder masculino, então, foi a criação da própria categoria sexo. A outra forma, historicamente falando, foi o casamento.

No ensaio *The origin of the family* — não o de Engels, mas de Kathleen Gough — a autora também analisa as formas de dominação masculina manifestas no casamento. No casamento, o homem nega a sexualidade da mulher; força-a a ter relações com ele; controla e explora seu trabalho a fim de controlar sua produção; controla a mulher e a afasta de suas próprias crianças; confina-a fisicamente para privá-la de socialização e de movimentação; usa-a como objeto em transações econômicas essencialmente masculinas; restringe sua criatividade; e retira suas possibilidades de participar e de acessar amplas áreas de conhecimento e de cultura (que possibilitariam, naturalmente, sua emancipação). [8]

Assim, esses poderes masculinos não só reprimiram e limitaram a mulher, impossibilitando-a de se desenvolver, de transcender e de se realizar enquanto ser humano, mas a subjugou de tal

forma que ela **internalizou** essa violência (e, conseqüentemente, tornou-a natural, parte de sua existência).

Adrienne Rich revisita a teoria desenvolvida por Kathleen Gough (*The origin of the family*) e afirma que todas aquelas manifestações de poder apontadas por ela também visam a direcionar a mulher (e mantê-la presa) à heterossexualidade. Rich introduz a ideia, portanto, de que a própria heterossexualidade tornada compulsória, como uma forma de manter as mulheres subordinadas aos homens e alienadas da própria violência que essa compulsoriedade representa.

A heterossexualidade compulsória não é só um regime sexual, mas também, e acima de tudo, subjetivo, emocional. Implica não só que as mulheres são criadas para desejar os homens (sexual e romanticamente) acima de tudo, mas pra *precisar* deles pra se sentirem realmente mulheres e terem uma vida “completa” (por exemplo, casando-se e sendo mães). É a heterossexualidade compulsória, também, que nos ensina que mulheres não são confiáveis, que são seres traidores e não conseguem fazer amizades verdadeiras — ao contrário dos homens, que são leais. É a heterossexualidade compulsória que obriga a mulher a aceitar as iniciativas sexuais dos homens mesmo sem as querer, porque é função dela, enquanto mulher, ceder. É a heterossexualidade compulsória que, por um lado, demoniza as relações entre mulheres — não só as sexuais, mas as afetivas, íntimas, de ternura, de carinho e de confiança — e, por outro, as fetichiza (para disseminar a ideia de que entre lésbicas não existe relacionamento verdadeiro; apenas sexo, porque mulheres são só isso, afinal — sexo). [9]

Não podemos também deixar de mencionar como o *contrato sexual* foi importante para a institucionalização de uma cultura do estupro.

Conceito desenvolvido por Carole Pateman em seu livro homônimo, o **contrato sexual** é parte do pacto original que abarca também o contrato social (aquele de que os antigos teóricos contratualistas iluministas nos falavam tanto), e a própria existência do contrato social só pôde ser possível por conta do contrato sexual: a gênese dos direitos civis e políticos reside na distinção anterior sobre quem pode ser **sujeito** desses mesmos direitos.

O contrato original é um pacto sócio-sexual, mas a história do contrato sexual tem sido reprimida. [...] A história do contrato sexual também é sobre a gênese dos direitos políticos, e explica por que o exercício do direito é legítimo — mas essa história é sobre o direito político como um direito patriarcal ou sexual, o poder que homens exercem sobre mulheres. A metade faltante da história consta como uma forma especificamente moderna de patriarcado foi estabelecida. A nova sociedade civil criada por meio do contrato original é uma ordem social patriarcal. (tradução livre) [10]

Até agora, temos que as mulheres, historicamente, foram e são socializadas para se submeterem à violência masculina por serem consideradas suas propriedades, sendo que suas humanidade e

subjetividade lhe são negadas nesse processo, impedindo-as inclusive de se reconhecerem enquanto seres humanos, dignos de direitos e de uma vida livre de violência. Para manter o *status quo* da superioridade masculina, os homens dispõem de diversos poderes, e um deles é o próprio poder da violência sexual.

MULHERES SÃO TREINADAS PARA SEREM VÍTIMAS DE ESTUPRO. [11]

Susan Brownmiller já disse, em 1975, que *todo estupro é um exercício de poder* [12], no sentido de que o homem sente que possui *direito* de estuprar uma mulher por conta do poder que a sociedade lhe confere sobre ela [13] — poder conferido e **legitimado** historicamente, uma vez que, como Lerner já nos havia dito, a mulher sempre foi vista como sua propriedade. Um homem que estuprasse uma mulher que não fosse de sua família não cometia um crime contra a dignidade sexual da mesma, mas contra a propriedade do patriarca ao qual a vítima se submetia. [14] Por outro lado, um homem que estuprasse sua companheira ou familiar apenas exercia um direito seu sobre sua propriedade.

Além da legitimação conferida pelo status de *proprietário*, o homem também tem passe livre para violência sexuais porque a nossa subordinação — e nossa violação — , especialmente sexual, é erotizada. Na verdade, a própria **hierarquia** entre os gêneros é erotizada — e acima disso, **capitalizadas**. A sexualidade do homem é moldada por essa erotização; moldada, principalmente, pela indústria do sexo: a prostituição e a pornografia.

A sexualidade másculo-dominante é importante para a pornografia, e pornografia é importante para a supremacia masculina. Pornografia institucionaliza a sexualidade que ambas incorpora e decreta a supremacia masculina. Pornografia diz sobre a sexualidade, "Eis como": eis como performar a supremacia masculina no sexo. Eis como a ação deve ser. Eis os atos que impõem poder sobre e contra outro corpo. E pornografia diz sobre a sexualidade, "eis quem": eis com quem você deve fazer e eis o que ela é: sua vadia, seu pedaço de bunda, sua. Seu pênis é uma arma, o corpo dela é seu alvo. E pornografia diz sobre a sexualidade, "eis por quê": porque homens são mestres, mulheres são escravas; homens são superiores, mulheres são subordinadas; homens são reais, mulheres são objetos; homens são máquinas de sexo, mulheres são vadias. [15]

A pornografia e a prostituição são atividades exploratórias por essência, e são mantenedoras da cultura do estupro por excelência, uma vez que ambas colocam a mulher como objeto sexual a ser consumido, usado e descartado. No sistema capitalista, então, a prostituição passa a ser instrumento de manutenção não só da violência sexual e do sexismo, mas do racismo.

A supremacia masculina branca intensifica condições opressivas que tornam as mulheres negras particularmente vulneráveis ao recrutamento ou à coerção à prostituição. Limitando oportunidades educacionais e profissionais e alimentando a dependência a um sistema de assistência social inadequado e punitivo, o racismo cria vulnerabilidade econômica. [16]

Principalmente no mundo ocidental, que abraçou as ideias iluministas de igualdade e de liberdade, seria muito feio manter institucionalizadas — leia-se: **legalizadas** — discriminações óbvias contra as mulheres. Unindo-se isso à necessidade crescente do mercado por novos nichos de consumidoras a serem explorados, e temos as mulheres saindo de casa para trabalhar (e alcançando, assim, alguma agência, alguma autonomia), conquistando o direito ao voto, sendo equiparadas aos homens pra todos os efeitos legais... Por isso é tão comum ouvirmos — principalmente de homens — que o feminismo *já não é mais necessário*, porque, afinal, *o que mais poderíamos querer?*

Apesar de tantas conquistas, a supremacia masculina continua. Porque a violência sexual continua.

Porque grande **quê** da violência sexual está em sua perenidade. Mudam-se leis, mudam-se governos, vem declaração universal, vai ONU, nascem e morrem movimentos e coletivos, e ainda temos taxas absurdas de estupro e de violência sexual. Apesar de leis. Apesar de declarações. Apesar de.

É por meio da violência sexual e do processo de intimidação constante por meio de sua ameaça que os homens mantêm as mulheres em estado de medo, para lembrá-las de sua subordinação, para manter a supremacia masculina e patriarcal.

É nesse sentido — de manutenção da subordinação feminina por meio da violência sexual — que podemos falar em uma **cultura do estupro**.

Se chegamos à conclusão de que a violência sexual é usada como ferramenta de manutenção da subordinação feminina [e da supremacia masculina], agora podemos conceituar o que é, de fato, uma *cultura do estupro*.

Porque vejam bem: toda forma de violência sexual, como o próprio nome diz, é uma violência, e toda pessoa sabe que foi violentada quando é violentada... ou deveria saber. É justamente nesse ponto que entra a dominação simbólica, no campo *cultural*, ideológico, realizada pelo patriarcado: são criadas diversas justificativas, crenças, instituições e teorias que **legitimam** a violência dos homens contra as mulheres, pra que a mulher **não se dê conta** da violência a que está sendo submetida!

E é por isso que tantas feministas se debruçam e se debruçaram sobre a história: para localizar pontos-chave em que essa cultura se fortaleceu. Comentamos que Gerda Lerner identifica a gênese da dominação feminina na exploração de suas capacidades (potenciais) reprodutivas,

juntamente à necessidade de força produtiva (mão-de-obra), de manutenção da propriedade e de se fomentar alianças entre tribos por meio de casamentos e “troca” de mulheres: o estupro era legitimado com a justificativa de manutenção da paz social e da produtividade da tribo. Depois, o estupro seria justificado como direito do patriarca ou do marido sobre sua propriedade — e inúmeras de teorias filosóficas, sociológicas, religiosas e até biológicas surgiam para dar substrato a esse “direito”, além de surgirem instituições que o garantem (como o casamento e as próprias leis).

A mulher sempre foi um ser inferior, com o limite cognitivo de uma criança, alguns diziam (ex. Lombroso). A mulher é um homem incompleto, outros diziam (ex. Aristóteles). A mulher tem inveja do homem (Freud), a mulher é um ser egoísta e escroto por natureza (Schopenhauer), a mulher é mera incubadora enquanto que o homem fornece a verdadeira semente da essência da vida (todos os cientistas até descobrirem, a nível celular, como se dava o processo de reprodução humana), enfim... o que não faltam são justificativas teóricas que se prestam a explicar a gênese de uma realidade com a intenção de manter tal realidade, sem questionar seus próprios pontos de partida.

São, então, milhares de anos de fortalecimento desse complexo de ideias, de teorias e de crenças que naturalizam a violência contra a mulher, tornando-a, sinteticamente, um direito do homem e um fato da vida e do cotidiano de uma mulher, algo ao qual ela simplesmente está sujeita, um destino do qual não se pode escapar.

Isso é a cultura do estupro.

A cultura do estupro só é possível porque existe a hierarquia entre os sexos e porque atrelada a essa hierarquia estão papéis sociais. E ambos — a hierarquia e os papéis sociais — se prestam a manter, a reproduzir e a alimentar a estrutura em que estão inseridos: o patriarcado.

Da mesma forma como o capitalismo cria o antagonismo de classes e cria mecanismos para manter a dominação de uma classe sobre a outra; da mesma forma como a branquitude ao longo da história criou mecanismos para justificar sua “supremacia” sobre as outras etnias, em especial sobre a população preta; o patriarcado cria mecanismos para manter fêmeas subordinadas a machos.

A violência sexual foi e é o cerne da nossa opressão; não por acaso, como vimos. Qualquer feminismo que não se preste a discutir toda forma de violência sexual — não só estupro e assédio, como pornografia, prostituição, restrição de direitos sexuais e reprodutivos e exploração de nossas capacidades reprodutivas, como “barrigas de aluguel” — não estará tocando nas *bases*, nas *estruturas*, no *esqueleto* da nossa opressão; e, portanto, não será um feminismo verdadeiramente emancipatório.

Portanto: vamos ler, investigar, analisar, pesquisar, e, principalmente, vamos nos **organizar** para agregar mais mulheres à luta e para nos **conscientizarmos** das violências que sofremos. Essa série de textos sobre a origem da cultura do estupro é a minha humilde tentativa de disseminar conhecimento sobre as origens da nossa opressão, porque só assim conseguimos combatê-la desde suas **raízes**. 🙄

Referências bibliográficas:

[1] O segundo sexo, vol. I, 1949.

[2] “ Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência, sente-a como uma necessidade indefinida de se transcender”. Segundo Sexo, vol. I

[3] A Categoria Sexo, Monique Wittig, 1996.

[4] Diferença sexual: uma questão de poder, de Tania Navarro-Swain.

[5] Wittig.

[6] Pornography: men possessing women, de Andrea Dworkin, 1989.

[7] Unmasking the pornography industry: from fantasy to reality, de Gail Dines, no livro Transforming a Rape Culture, de Martha Roth e Pamela Fletcher (org.), 1993.

[8] The origin of the family, de Kathleen Gough, no livro Toward an Anthropology of Women, de Rayna Reiter (org.), 1975.

[9] *Heterossexualidade compulsória e existência lesbiana*, de Adrienne Rich. Você também pode ler mais sobre isso aqui.

[10] *O contrato sexual*, de Carole Pateman.

[11] *Against our will: men, women and rape*, de Susan Brownmiller.

[12] Idem, ibidem.

[13] *O poder do macho*, de Heleieth Saffioti.

[14] Era assim em inúmeras legislações penais até pouco tempo atrás. A título de exemplo, pegue-se a legislação penal brasileira: apenas em 1940 (90 anos depois do primeiro Código Criminal) o estupro (e outras violência sexuais) deixou de ser um crime “**contra os costumes**” e passou a ser um crime “**contra a dignidade sexual**”.

[15] *Pornography: men possessing women*, de Andrea Dworkin.

[16] *Confronting the liberal lies about prostitution*, de Evelina Giobbe, no livro *The sexual liberals and the attack on feminism*, de Janice Raymond e Dorchen Leidholdt, 1990.

Furiosa

feminismo radical e materialista de forma didática. textos autorais e traduções. fúria, cultura do estupro, política, prostituição e teoria feminista.

Apêndices

APÊNDICE A - Tabela principal dos textos do QG Feminista

Autoras e descrição	Textos	Data	Visualizações até 30/11/2020	Tópico definido no site	Tags	Gênero
Andreia Nobre: "Jornalista, blogueira, poetisa, feminista, amante de antropologia e professora primária que pratica desescolarização"	Revista feminista denunciada pelo Ministério da Mulher por "apologia ao aborto"	17/12/2019	173	Gênero	Aborto; Política pública	Reportagem
	Por que as atletas são sempre hipersexualizadas?	18/12/2019	146	Gênero	Machismo; Objetificação	Artigo de opinião
	Conceitos feministas que todos deveriam conhecer	27/01/2020	727	Conceitos básicos	Conceitos	Divulgação científica
	As nossas jovens mulheres foram aliciadas pela pornografia	02/02/2020	253	Sexo	Adolescência; Pornografia; Violência sexual	Artigo de opinião
	Primeiras feministas brasileiras e o seu legado	02/02/2020	291	Movimento feminista	História do feminismo	Divulgação científica
	Mitos da feminilidade	15/04/2020	224	Gênero	Feminilidade; Socialização feminina	Divulgação científica
	A tragédia do mercado de barriga de aluguel durante a pandemia	11/06/2020	570	Maternidade	Barriga de aluguel; Coronavírus; Direitos das mulheres; Direitos humanos	Artigo de opinião
	"Como podemos ser melhores do que as"	27/07/2020	114	Raça	-	Tradução

	mulheres brancas, se não estamos no mesmo nível?"					
	Criar filhos no sistema patriarcal é doloroso	17/09/2020	93	Maternidade	Estereótipos de gênero; Maternidade compulsória	Artigo de opinião
	As Mulheres São Culpabilizadas Por Tudo, de Jessica Taylor	17/09/2020	107	Resenhas	Livros	Resenha
	Prostituição e tráfico de pessoas se normalizaram	18/09/2020	110	Sexo	Prostituição	Tradução
	Por que é impossível para mulheres encontrar um meio-termo com o movimento trans?	20/09/2020	300	Gênero	Identidade de gênero; Transativismo; Transição	Tradução
Anna Beatriz Saraiva	Nossa cultura desumaniza mulheres reduzindo-as a reprodutoras e não reprodutoras.	03/05/2020	194	Maternidade	Crianças; Maternidade compulsória	Tradução
Annie: "Annie tem 30 anos, é natural de São Paulo e mora em Vancouver, no Canadá"	Equalizando conceitos para discutir sobre questões trans/de gênero	19/12/2019	451	Gênero	Autoginefilia; Contágio social; Disforia; Identidade de gênero; Teoria Queer; Transativismo; Transgeneridade; Transição	Tradução
Ariana Amara: "feminismo e raiva"	Feminismo que não desafia a supremacia masculina não é feminismo	14/09/2019	793	Movimento feminista	Feminismo radical; Objetificação; Pornografia; Prostituição	Tradução

Regras da Misoginia	15/09/2019	266	Teoria feminista	Misoginia	Tradução
Não. Feminismo não é sobre escolha	15/09/2019	436	Movimento feminista	Feminismo liberal	Tradução
A maioria das “Profissionais do Sexo” são escravas modernas	15/09/2019	224	Sexo	Prostituição	Tradução
“The Handmaid’s Tale” oferece um aviso aterrorizante, mas o sequestro do feminismo é tão perigoso quanto	15/09/2019	233	Sexo	Pornografia; Prostituição	Tradução
É impossível criar boas políticas para transgeneridade se não podemos debater as questões	15/09/2019	998	Gênero	Identidade de gênero	Tradução
Se os direitos das mulheres são direitos humanos, por que tantas organizações pressionam pela descriminalização da prostituição?	23/10/2019	147	Sexo	Esquerda; Prostituição	Tradução
Por que a esquerda não aceita que a base da prostituição é um racismo brutal?	24/10/2019	965	Sexo	Esquerda; Prostituição; Racismo	Tradução
Feminismo Radical é a única solução para a constante ‘má conduta sexual’ dos homens	19/11/2019	300	Teoria feminista	Feminismo radical; Violência sexual	Tradução
Então, por que estamos nos submetendo à	25/11/2019	247	Gênero	-	Tradução

	Indústria da Beleza de novo?					
	Não é nada progressista acabar com os banheiros femininos	06/01/2020	448	Gênero	Banheiro; Banheiro unissex; Direito das mulheres; Identidade de gênero	Tradução
	A prostituição é empoderadora se optarmos por ela?	30/01/2020	309	Sexo	Prostituição	Tradução
	A Política Sexual	29/02/2020	913	Resenhas	Consentimento; Sexo	Tradução
	'Precisamos ser mais corajosas	01/04/2020	507	Gênero	Feminismo liberal; Identidade de gênero	Tradução
	Lezbehonest: Sobre o apagamento das lésbicas na política queer	07/08/2020	287	Lesbianidade	Cotton ceiling; Lesbianidade; Lesbianismo; Lesbofobia	Tradução
	Binário ou Espectro. Gênero É uma Hierarquia	15/09/2020	227	Gênero	Essencialismo; Patriarcado; Teoria Queer	Tradução
	A tolerância tomou conta do feminismo e ameaça destruir o movimento	29/09/2020	165	Gênero	#2S; Socialização feminina	Artigo de opinião
	Relatos de sobreviventes da indústria do sexo coletados pelo site Nordic Model Now	30/09/2020	374	Sexo	Indústria do sexo; Prostituição; Sobreviventes; Violência masculina	Relato
Bianca Chella: "Apenas gosto de estudar e disponibilizar materiais sobre	Discurso proibido: o silenciamento da crítica feminista sobre "gênero"	16/09/2019	306	Movimento feminista	Abolição de gênero; Identidade de gênero	Tradução
	Mulheres Transicionam	14/04/2020	289	Gênero	Apagamento lésbico;	Tradução

temas variados. Não me usem como referência a movimentos políticos. Não sou ativista e nem nada.					Identidade de gênero; Lésbicas; Transgeneridade; Transição	
	O Caso para a Sanidade das Mulheres	20/05/2020	290	Gênero	Luta antimanicomial; Saúde mental; Socialização feminina	Tradução
	Crianças Autistas Não Precisam de Mastectomia	11/06/2020	380	Gênero	Autismo; Crianças; Queer; Saúde	Tradução
	O que é Cotton Ceiling?	22/06/2020	1368	Conceitos básicos	Cotton ceiling	Divulgação científica
	Lésbicas estão sendo excluídas da Marcha Sapatão de Vancouver em nome da “inclusão”	22/06/2020	440	Movimento feminista	Lesbofobia; Transativismo	Tradução
	A negação da existência do Sexo Biológico	19/09/2020	185	Sexo	Corpo; Identidade de gênero; Sexo biológico	Tradução
	O que define uma fêmea?	19/09/2020	171	Sexo	Corpo; Sexo biológico	Tradução
	Existem mais de dois sexos humanos?	19/09/2020	174	Sexo	Corpo; Intersexo; Sexo biológico	Tradução
	Intersexuais são um terceiro sexo?	19/09/2020	178	Sexo	Identidade de gênero; Intersexo; Não-binário	Tradução
Caba	Rebecca Sugar e o transativismo	19/12/2019	349	Gênero	Animação; Apagamento lésbico; Estereótipos de gênero; Feminilidade; Feminismo interseccional;	Artigo de opinião

					Identidade de gênero; Machismo; Mídia; Não-binário; Transativismo	
	Como as mulheres na animação têm escrito sobre si	01/02/2020	325	Gênero	Animação	Artigo de opinião
	Noelle Stevenson (criadora de She-ra) me bloqueou no twitter	11/06/2020	1401	Lesbianidade	Gênero; Noelle Stevenson; Queer; She-ra	Artigo de opinião
	O amor de Catra	18/08/2020	243	Resenhas	Animação; Lesbianidade; LGBTQ	Resenha
	Mas vocês notaram que a JK Rowling "inventou" as questões identitárias?	19/09/2020	130	Gênero	Identidade de gênero; JK Rowling	Artigo de opinião
Carol Correia: "uma coleção de traduções e textos sobre feminismo, cultura do estupro e racismo (em maior parte). email: carolcorreia21@yahoo.com.br"	Estupro, cultura de estupro e o problema do patriarcado	19/11/2019	693	Gênero	Cultura do estupro; Estupro	Tradução
	Seu silêncio não te protegerá	24/11/2019	180	Raça	Branquitude; Interseccionalidade; Racismo	Tradução
	O intruso dentro de casa	24/11/2019	162	Raça	Branquitude; Interseccionalidade; Racismo	Tradução
	Não sou eu uma mulher?	24/11/2019	275	Raça	Branquitude; Interseccionalidade; Racismo	Tradução
	Racismo no feminismo e a necessidade de se racializar o discurso e a prática feminista	18/01/2020	345	Raça	Racismo	Divulgação científica
	Temos que ensinar meninas sobre mais do que apenas o	20/04/2020	260	Gênero	Adolescentes; Meninas; Sexualidade; Socialização	Tradução

	consentimento — vamos ensinar-lhes recusa.				feminina; Socialização masculina	
	Você já escutou sobre cultura do estupro, mas você já escutou sobre cultura da pedofilia?	23/05/2020	891	Sexo	Abuso infantil; Abuso sexual; Cultura da pedofilia; Cultura do estupro; Pedofilia	Divulgação científica
Cila Santos: "live and let die"	Feminismo em tons de cinza	21/10/2019	124	Raça	Branquitude; Racismo	Artigo de opinião
	O que é estereótipo de gênero?	21/10/2019	823	Conceitos básicos	Estereótipos de gênero; Socialização feminina; Socialização masculina	Divulgação científica
	Mulheres: o que nos coletiviza é mais forte do que o que nos separa	27/01/2020	167	Movimento feminista	História das mulheres; História do feminismo	Divulgação científica
	O que é maternidade compulsória?	30/01/2020	388	Conceitos básicos	Socialização feminina	Divulgação científica
	O feminismo dói	02/03/2020	378	Movimento feminista	Raiva	Relato
	Toda mulher é uma presa fácil	15/03/2020	223	Gênero	Relacionamento abusivo; Relacionamentos; Socialização feminina	Ensaio
	Do profundo desamparo da maternidade	16/03/2020	327	Maternidade	Socialização feminina	Ensaio

Hora de colocar o feminismo para dentro de casa	31/03/2020	176	Movimento feminista	Coronavírus; Organização feminista	Carta aberta
Como tornar-se uma mulher	15/04/2020	424	Gênero	Feminilidade; Socialização feminina	Divulgação científica
Ninguém te ensinou como se ama uma mulher	15/04/2020	395	Gênero	Feminilidade; Relacionamentos; Socialização feminina	Ensaio
10 coisas que realmente ninguém diz sobre a maternidade	06/05/2020	388	Maternidade	Maternidade compulsória; Maternidade real	Conselho
Eu amo meu filho e amo ser mãe, mas odeio o patriarcado	09/05/2020	355	Maternidade	Maternidade compulsória	Artigo de opinião
Das tetas subversivas	10/05/2020	292	Maternidade	Amamentação; Corpo; Erotização	Artigo de opinião
Ser mãe, ser filha, ser mulher	11/05/2020	393	Maternidade	Filhas; Mães; Maternidade compulsória; Socialização feminina	Ensaio
De um corpo que é só seu	12/05/2020	343	Maternidade	Corpo; Filhos; Indústria da beleza; Relacionamentos	Ensaio
Como proteger nossos filhos da cultura do estupro?	23/05/2020	323	Maternidade	Abuso infantil; Abuso sexual; Criação de crianças; Cultura da pedofilia; Cultura do estupro	Ensaio

	Não existe liberdade sexual em uma cultura do estupro.	02/06/2020	1286	Sexo	Cultura do estupro; Estupro; Indústria do sexo; Pornografia; Prostituição; Relacionamentos	Artigo de opinião
	Coisas que meninas devem saber para sobreviver em um mundo de predadores sexuais	10/06/2020	1431	Gênero	Assédio sexual; Educação sexual; Infância	Conselho
	20 coisas que meninas devem aprender para sobreviver em um mundo machista	11/06/2020	1455	Gênero	Auto-estima; Educação; Meninas; Socialização feminina	Conselho
	Sequelas da socialização	04/09/2020	669	Gênero	Saúde mental; Socialização feminina	Ensaio
Clara Dantas: "Na dúvida, alego licença poética."	Sobre militantes egocêntricos e autoritários	15/09/2019	106	Movimento feminista	Feminismo	Artigo de opinião
	Fora do armário.	15/09/2019	206	Lesbianidade	Lésbicas	Artigo de opinião
	E as lésbicas?	22/10/2019	800	Lesbianidade	Apagamento lésbico; Cotton ceiling; Lesbianismo; LGBTQ; Teoria Queer	Artigo de opinião
	Reflexões sobre estupro	22/10/2019	164	Sexo	Cultura do estupro; Estupro; Violência masculina	Artigo de opinião
	Crianças trans	22/10/2019	292	Gênero	Criança trans; LGBTQ	Artigo de opinião

	Minha dor.	29/02/2020	211	Lesbianidade	Lésbica; Poesia	Poema
	Lésbicas e estupro corretivo.	04/06/2020	474	Lesbianidade	Cotton ceiling; Cultura do estupro; Estupro corretivo	Divulgação científica
	Chamar lésbicas de transfóbicas é fácil.	22/06/2020	625	Lesbianidade	Identidade de gênero; Sexualidade; Transativismo; Transgeneridade	Artigo de opinião
	Agosto: mês de quem?	17/08/2020	172	Lesbianidade	#Principal; Invisibilidade lésbica; Lesbianismo	Artigo de opinião
	Mais um texto sobre J. K. Rowling	19/09/2020	177	Gênero	Identidade de gênero	Artigo de opinião
Diotima	Para ser miss	16/09/2019	353	Gênero	Cultura da pedofilia; Feminilidade; Indústria da beleza	Artigo de opinião
	O esquerdomacho também é homem	19/12/2019	985	Gênero	Esquerda; Machismo; Relacionamento abusivo; Socialização masculina; Violência masculina	Artigo de opinião
	Eu já fui uma mulher que acreditava em amor livre	03/02/2020	1428	Gênero	Amor livre; Poliamor; Relacionamentos	Artigo de opinião
	O fenômeno Girl Power tomou conta do feminismo	03/02/2020	605	Movimento feminista	Girl power	Ensaio

	Sexualizar o corpo de meninas é uma das intenções do patriarcado	03/02/2020	939	Gênero	Cultura da pedofilia; Objetificação	Artigo de opinião
	Como se organizar para participar do 8M?	02/03/2020	253	Movimento feminista	8M; Marcha das mulheres; Organização feminista	Texto de instrução
	O complexo da mulher perfeita	24/04/2020	404	Gênero	Indústria da beleza; Relacionamento abusivo; Socialização feminina	Conselho
Expressão com Razão: Estudando Teoria Feminista e Teorias Materialistas	Da beleza ao sexo: mulheres e meninas condicionadas a aceitar a dor	19/12/2019	1093	Sexo	BDSM; Breath play; Pornografia	Tradução
	Quando Feministas abandonam Garotas	03/02/2020	429	Gênero	Banheiro; Identidade de gênero; Transativismo; Transgeneridade	Tradução
	A criança generizada	03/02/2020	391	Gênero	Criança trans; Estereótipos de gênero	Tradução
	Três mentiras que o Feminismo Mainstream conta às mulheres	02/03/2020	3069	Movimento feminista	Feminismo liberal; Feminismo mainstream	Tradução
	Mulheres estão se cansando de ignorar a misoginia da Esquerda	02/03/2020	471	Movimento feminista	Esquerda; Organização feminista; Socialismo	Tradução
	Não-Binário é o novo “Não é como as outras Garotas”. e isso está	29/04/2020	1686	Gênero	Identidade de gênero; Não-binário; Socialização	Tradução

	profundamente enraizado em misoginia				feminina; Transgeneridade	
	Pare de dizer "amor próprio" quando você realmente quer dizer "preste atenção em mim"	29/04/2020	5301	Gênero	Aceitação; Auto-estima; Empoderamento; Socialização feminina	Tradução
	Por 7 dias online me passei por uma garota de 11 anos. E foi assustador	22/05/2020	31509	Gênero	Abuso infantil; Abuso sexual; Aliciamento; Crianças; Indústria do sexo; Pedofilia	Tradução
	Por que feministas não apoiam o sucesso de mulheres da direita na política?	17/09/2020	148	Movimento feminista	Direita; Partidos políticos; Política	Tradução
	Cafetinagem Online: a Nova Distopia	17/09/2020	215	Sexo	#Principal; Prostituição	Tradução
	Sobre ser contra o pornô	17/09/2020	164	Sexo	Pornografia	Tradução
Gi del Fuoco: "Talvez para sempre uma forasteira."	Olhar Masculino: como a mídia monta uma mulher para o público	16/10/2019	356	Gênero	Machismo; Mídia	Divulgação científica
	Os filmes de terror: construindo a mulher louca e mantendo seu medo como loucura	17/12/2019	447	Gênero	Cinema; Mídia	Artigo de opinião
	Teoria do Feminismo Radical e Teoria Queer	20/12/2019	1472	Conceitos básicos	Feminismo radical; Teoria Queer	Divulgação científica
	O útero não é uma nave	02/02/2020	232	Maternidade	Gestação; Parto	Artigo de opinião
	Sabemos o que estamos consentindo?	02/03/2020	203	Gênero	Consentimento	Artigo de opinião

	A vida de trabalhadoras domésticas diante do covid-19	31/03/2020	132	Gênero	Coronavírus; Exploração do trabalho doméstico; Feminização da pobreza	Carta aberta
	Corpos: sobre automutilação compulsória	11/06/2020	283	Gênero	Adele; Automutilação; Indústria da beleza; Manicomial; Mito da beleza	Artigo de opinião
	É uma fúria que sufoca	28/09/2020	168	Gênero	#Principal; Raiva; Saúde mental	Ensaio
fêmea brava: rebelda. feminista em luta, quebrando correntes, pela libertação de todas as mulheres. todas.	ajuda memória: uma breve análise feminista do discurso	16/09/2019	195	Teoria feminista	Feminismo; Identidade de gênero	Tradução
	violência contra mulheres como gozo midiático	17/12/2019	170	Gênero	Violência masculina	Artigo de opinião
	enquanto dependermos dos homens	17/12/2019	213	Movimento feminista	Abolicionismo penal; Feminismo da diferença	Artigo de opinião
	Amando outra mulher: uma entrevista	30/01/2020	312	Lesbianidade	Relacionamentos; Sexualidade	Tradução
	o "mau caráter" não existe	01/02/2020	267	Lesbianidade	Lesbofobia; Mídia; Punitivismo; Violência masculina	Artigo de opinião
	A abstinência não irá nos salvar	01/02/2020	368	Gênero	Educação sexual; Esquerda; Governo; Política pública	Artigo de opinião

	efeito batom	07/04/2020	458	Gênero	Feminilidade; Indústria da beleza; Mulher	Divulgação científica
	não é fantasia	15/04/2020	193	Gênero	Feminilidade; Meninas; Socialização feminina	Artigo de opinião
	um cara	15/04/2020	556	Gênero	Relacionamento abusivo; Relacionamentos; Socialização feminina; Violência masculina	Ensaio
	A socialização para os papéis sexuais é violência; e a violência é uma linguagem a ser abolida	11/06/2020	268	Teoria feminista	Gênero; Linguagem; Punitivismo; Violência	Artigo de opinião
	Lutando contra o machismo na América Latina	11/06/2020	257	Gênero	Feminicídio; Machismo; Violência masculina	Reportagem
	a amnésia é do Patriarcado; mas como estamos usando nossa memória?	11/06/2020	426	Gênero	Hostilidade horizontal; Punitivismo; Socialização feminina	Artigo de opinião
	O estupro lesbofóbico “corretivo”	06/07/2020	897	Lesbianidade	Lesbofobia	Divulgação científica
	A feminilidade como sujeição à masculinidade	17/09/2020	147	Gênero	Feminilidade; Heterossexualidade compulsória	Divulgação científica
	Feminismo com Classe: Por um feminismo	Barriga de aluguel: carta à comunidade LGBT	16/09/2019	255	Gênero	Barriga de aluguel; Lésbicas; LGBTQ

classista e revolucionário!	Organizando o Movimento de Mulheres	17/10/2019	136	Movimento feminista	8M; Greve das mulheres	Artigo de opinião
	Ativismo Feminista Radical no séc XXI	17/10/2019	267	Movimento feminista	Feminismo radical; Militância	Tradução
	A tomada liberal do Movimento de Libertação das Mulheres	17/10/2019	181	Movimento feminista	Feminismo liberal; História do feminismo; Militância	Tradução
	Organização política do Movimento Feminista	17/10/2019	292	Movimento feminista	História do feminismo; Militância	Tradução
	O pessoal é político	17/10/2019	319	Movimento feminista	Violência masculina	Tradução
	Jinwar, a vila das mulheres livres	10/11/2019	106	Movimento feminista	Internacionalismo feminista; Jineologia; Movimento das mulheres curdas; Mulheres curdas	Tradução
	Podemos ver o Gênero como causa e consequência na militarização e na guerra?	11/11/2019	188	Gênero	Feminilidade; Guerra; Masculinidade; Violência	Tradução
	A chama do feminismo está viva no Irã	11/11/2019	101	Movimento feminista	Hijab; Muçulmanas; Mulheres iranianas	Tradução
	Sobre aquelas escolhas que não temos	13/12/2019	296	Movimento	Escolha; Prostituição	Ensaio

				feminista		
Gênero e Materialismo	14/12/2019	504	Gênero	Direito das mulheres; Essencialismo; Identidade de gênero; Materialismo	Divulgação científica	
O #MeToo fez o que a lei não fez	14/12/2019	191	Movimento feminista	Assédio; Direito das mulheres; Estupro; MeToo	Tradução	
Mulher entre classes: que alianças?	17/12/2019	190	Classe	Capitalismo; Feminismo radical; História do feminismo; Marxismo; Materialismo; Segunda onda do feminismo	Divulgação científica	
Da Prática para a Teoria (ou o que é uma Mulher Branca, de qualquer forma?)	19/12/2019	214	Raça	Branquitude; Direitos das mulheres; Feminismo negro; Racismo	Divulgação científica	
A história não-contada da Segunda Onda Feminista	03/02/2020	619	Movimento feminista	Feminismo radical; História do feminismo; Segunda onda do feminismo	Tradução	
Mulheres e o movimento radical	02/03/2020	290	Movimento feminista	Feminismo radical; Organização feminista	Tradução	
Nosso cinismo não vai construir um movimento. Colaboração vai.	02/03/2020	141	Movimento feminista	Interseccionalidade; Organização feminista	Tradução	

	Um momento revolucionário	02/03/2020	198	Movimento feminista	Feminismo radical; Organização feminista	Tradução
	Libertem Cláudia Aparecida	16/03/2020	175	Gênero	Encarceramento; Feminicídio; Mulheres encarceradas; Violência masculina	Artigo de opinião
	Coronavírus e habitação	31/03/2020	150	Gênero	Coronavírus; Divisão sexual do trabalho; Exploração do trabalho doméstico; Mulher em situação de rua	Artigo de opinião
	Coronavírus, Mulheres e o neoliberalismo de Bolsonaro	31/03/2020	221	Classe	Coronavírus; Divisão sexual do trabalho; Exploração do trabalho doméstico; Violência doméstica; Violência masculina	Artigo de opinião
	Somos todas pornográficas	14/04/2020	546	Sexo	Assédio sexual; Feminilidade; Pornografia; Sexualização	Artigo de opinião
	O trabalho de cuidados é a próxima fronteira feminista	24/04/2020	223	Gênero	Divisão sexual do trabalho; Essência feminina; Exploração do trabalho	Tradução

				doméstico; Trabalho de cuidados	
Visível ou Invisível: crescer fêmea numa cultura pornificada	24/04/2 020	833	Sexo	Cultura da pedofilia; Pornografia; Sexualidade	Tradução
15 anos sem Andrea Dworkin	30/04/2 020	602	Feminist as	Andrea Dworkin	Divulgação científica
Salários Contra o Trabalho Doméstico	06/05/2 020	197	Classe	Exploração do trabalho doméstico; Salários	Tradução
A reprodução da força de trabalho na economia global, teoria marxista e a revolução feminista inacabada	11/05/2 020	292	Classe	Capitalismo; Revolução feminista; Teoria marxista; Trabalho	Ensaio
10 formas que a barriga de aluguel é como a prostituição	12/05/2 020	421	Maternid ade	Barriga de aluguel; Prostituição	Tradução
Poder para as irmãs e, portanto, para a classe	17/05/2 020	224	Classe	Capitalismo; Comunidade; Família; Luta de classes; Teoria marxista	Tradução
Graças ao pornô, crianças abusam de outras crianças em níveis alarmantes	22/05/2 020	833	Gênero	Abuso infantil; Adolescência; Indústria do sexo; Infância; Pedofilia	Reportagem
O que teria ajudado a lidar com a experiência de abuso/assédio?	23/05/2 020	288	Maternid ade	Abuso infantil; Abuso sexual; Criação de crianças; Cultura da pedofilia; Cultura do estupro; Pedofilia	Artigo de opinião

Mulheres refugiadas: a crise dentro da crise	11/06/2020	288	Gênero	Direitos humanos; LT; Mulheres migrantes; Refugiadas	Tradução
De defensora do “trabalho sexual” a líder sobrevivente.	11/07/2020	530	Sexo	Exploração sexual; Indústria do sexo; Prostituição	Tradução
Escravidão Sexual & Escravidão Racial	11/07/2020	612	Sexo	Abolição da prostituição; Racismo; Regulacionismo; Tráfico sexual	Tradução
Entrevista: Kimberle Crenshaw fala sobre Interseccionalidade	11/07/2020	207	Teoria feminista	Entrevista; Interseccionalidade	Tradução
Feminismo e Nacionalismo Negro	27/07/2020	150	Raça	-	Tradução
O que significa chamar o feminismo de ‘branco e classe média’?	28/07/2020	235	Movimento feminista	Feminismo negro; Racismo	Tradução
Sexo, Raça e Classe	28/07/2020	179	Teoria feminista	-	Tradução
O Duradouro Legado de Florynce Kennedy, Guerrilha Feminista Negra	28/07/2020	176	Movimento feminista	Feminismo radical; História do feminismo	Tradução
Você é lésbica? Parece	17/08/2020	191	Gênero	#2S; Desfeminização; Feminilidade; Socialização feminina	Divulgação científica
Fui uma sapatão que pôde ser mulher; receio	17/08/2020	239	Gênero	#Principal; Socialização feminina;	Tradução

	que as mais novas não possam...				Transexualidade; Transgeneridade; Transição	
	Entrevista com Linda Bellos - Feminismo, Lésbicas e Políticas Trans	17/08/2020	202	Lesbianidade	#2S; Entrevista; Feminismo lésbico; Lesbofobia; Transativismo	Tradução
	Entrevista com Julie Bindel: Lesbianismo Político, Gênero e Desplataforma	17/08/2020	140	Gênero	#2S; Desplataforma; Entrevista; Lesbianidade; Lesbianismo político	Tradução
	Meu amor é uma mulher	17/08/2020	171	Lesbianidade	#Capa; Poesia	Tradução
	A necessidade de abolir o casamento	18/08/2020	276	Gênero	#2S; Casamento; Lesbianismo político; LGBTQ	Tradução
	O conceito de Síndrome Cultural ou Síndrome Ligada à Cultura	29/09/2020	92	Gênero	#2S; Disforia; Identidade de gênero	Tradução
	A Alemanha reconheceu que a legalização da prostituição falhou	30/09/2020	862	Sexo	Indústria do sexo; Prostituição; Sobreviventes	Tradução
	Entrevista: Rae Story e a “classe-medização” da prostituição	30/09/2020	209	Sexo	Indústria do sexo; Liberalismo; Prostituição; Sobreviventes	Tradução
	Entrevista com Sonia Sánchez, ex-prostituta e abolicionista	01/10/2020	333	Sexo	AIDS; Indústria do sexo; Prostituição; Sobreviventes; Violência	Tradução
	Da “Mulher como Objeto” ao “Objeto como Mulher”	05/10/2020	415	Sexo	Indústria do sexo; Objetificação; Prostituição	Tradução

A indústria pornô é abusiva, e essas mulheres estão contando como é	06/10/2020	435	Sexo	Exploração sexual; Indústria do sexo; Violência masculina	Artigo de opinião
Pornografia, juventude e prostituição	10/10/2020	307	Sexo	#Principal; Aliciamento; Indústria do sexo; Pobreza feminina	Artigo de opinião
Por que devemos nos opor à total descriminalização da prostituição	17/10/2020	258	Sexo	#Bloco14; Direito das mulheres; Direitos humanos; Indústria do sexo; Tráfico sexual	Tradução
A brutal normalidade do Comércio Sexual na Suíça	17/10/2020	297	Sexo	#Bloco14; Cultura do estupro; Indústria do sexo; Tráfico sexual	Tradução
Por que o feminismo radical exclui trabalhadoras do sexo?	19/10/2020	485	Sexo	#Relatos; Feminismo radical; Indústria do sexo; Modelo nórdico	Tradução
Descriminalizar clientes e cafetões não melhorou nossa segurança e nossas vidas	19/10/2020	169	Sexo	#Relatos; Indústria do sexo; Terrorismo sexual; Violência sexual	Tradução
Os 4 modelos legais sobre prostituição	19/10/2020	326	Sexo	#Bloco14; Abolição da prostituição; Indústria do sexo; Violência masculina	Divulgação científica
Robôs sexuais aumentam potencial de violência baseada no sexo.	24/10/2020	298	Sexo	#Bloco15; Objetificação; Robôs sexuais; Violência masculina	Tradução

	Cafetinagem com açúcar.	25/10/2020	138	Sexo	#Bloco15; Aliciamento; Indústria do sexo; Violência masculina	Tradução
	70 anos depois, um novo sistema de “mulheres de conforto”	28/10/2020	201	Sexo	#Bloco15; Mulheres de conforto; Prostituição	Tradução
	Visível ou Invisível: crescer fêmea numa cultura pornificada	28/10/2020	834	Sexo	#Principal; Cultura da pedofilia; Pornografia; Sexualidade	Tradução
	Diversidade funcional e o direito masculino ao sexo.	28/10/2020	170	Sexo	#Bloco15; Exploração sexual; Indústria do sexo; Violência sexual	Tradução
	Casamento é uma forma de prostituição.	29/10/2020	122	Sexo	#Bloco15; Casamento; Prostituição	Tradução
	Eu seria escritora	29/10/2020	62	Sexo	#Relatos; Pornografia; Sobreviventes	Relato
Fúria Raiz: Escritos pessoais e políticos de uma feminista radical lésbica.	O que é consentimento?	27/01/2020	478	Conceitos básicos	Consentimento; Estupro; Sexo	Divulgação científica
	Você está num relacionamento abusivo?	01/06/2020	332	Gênero	Auto-estima; Heterossexualidade compulsória; Relacionamento abusivo; Relacionamentos	Conselho
	Monogamia e não-monogamia em relacionamentos lésbicos	02/06/2020	839	Lesbianidade	Amor livre; Heteronormatividade; Monogamia;	Divulgação científica

					Relacionamentos lésbicos	
Heterossexualidade compulsória, lesbofobia e resistência	04/06/2020	338	Lesbianidade	Lesbianismo; Patriarcado; Regime político; Relacionamentos lésbicos	Divulgação científica	
Mulheres, sexualidade e relações de poder	09/06/2020	934	Gênero	Bissexualidade; Heterossexualidade de compulsória; Sexualidade	Divulgação científica	
Mulheres, abandonem o movimento LGBT	22/06/2020	2743	Lesbianidade	Cotton ceiling; Lesbofobia; LGBTQ	Artigo de opinião	
Estupro, sexo e consentimento	22/06/2020	693	Sexo	Consentimento; Cultura do estupro; Estupro; Sexualidade	Divulgação científica	
Lesbianismo político – definições e aplicações	07/08/2020	405	Lesbianidade	Heterossexualidade de compulsória; Lesbianidade; Lesbianismo; Lesbianismo político	Divulgação científica	
Uma Separatista Negra	07/08/2020	167	Lesbianidade	Lesbianidade; Lesbianismo; Lesbianismo político; Negritude; Racismo; Separatismo	Tradução	
Feminismo lésbico-O compilado	07/08/2020	413	Conceitos básicos	Heterossexualidade de compulsória; Lesbianidade; Lesbianismo; Lesbianismo político	Texto de instrução	

Furiosa: "feminismo radical e materialista de forma didática. textos autorais e traduções. fúria, cultura do estupro, política, prostituição e teoria feminista"	Mark Zuckerberg odeia pessoas pretas	15/09/2019	161	Raça	Racismo	Tradução
	Feministas radicais pregam discursos violentos contra prostitutas?	15/09/2019	331	Sexo	Prostituição	Artigo de opinião
	"Não é minha culpa. fui criado assim"	15/09/2019	274	Gênero	Homem; Machismo; Socialização masculina	Artigo de opinião
	O movimento de libertação das mulheres	17/10/2019	264	Movimento feminista	História do feminismo; Militância; Sexismo	Tradução
	Prezadas mulheres, uma carta sobre como conduzir seu movimento.	21/10/2019	254	Movimento feminista	Militância; Punitivismo; Socialização feminina	Texto de instrução
	Sobre sexo "de verdade"	22/10/2019	532	Gênero	Heterossexualidade de compulsória; Sexualidade; Socialização feminina	Artigo de opinião
	Afiml: como abolir o gênero?	22/10/2019	334	Gênero	Abolição de gênero	Divulgação científica
	A heterossexualidade compulsória para uma mulher heterossexual	24/10/2019	336	Gênero	Heteronormatividade; Heterossexualidade de compulsória	Divulgação científica
	O que são as "ondas" do feminismo?	27/01/2020	714	Conceitos básicos	Conceitos; História das mulheres; História do feminismo; Ondas feministas	Divulgação científica
	Como o mito do "gênio artístico" perdoa o abuso de mulheres	30/01/2020	216	Gênero	Cinema; Machismo; Violência	Tradução

				masculina; Violência sexual	
O que é empoderamento?	29/02/2020	453	Conceitos básicos	Empoderamento; Feminismo liberal	Divulgação científica
Radicalizando o seu cotidiano: organizando-se politicamente	01/03/2020	250	Conceitos básicos	Organização feminista	Texto de instrução
Radicalizando o cotidiano: repensando os seus relacionamentos	02/03/2020	327	Conceitos básicos	Heteronormatividade; Heterossexualidade de compulsória; Relacionamentos; Sororidade	Texto de instrução
Radicalizando seu cotidiano: abandonando a feminilidade	02/03/2020	690	Conceitos básicos	Feminilidade; Feminismo radical	Texto de instrução
O que é socialização e o que é educação?	07/04/2020	431	Conceitos básicos	Educação; Socialização	Divulgação científica
Feminilidade, lesbianidade e lugar de mulher	08/04/2020	178	Lesbianidade	Feminilidade; Socialização feminina	Artigo de opinião
Como a cultura da pedofilia afeta como entendemos a beleza	10/04/2020	3244	Gênero	Cultura da pedofilia; Feminilidade; Indústria da beleza; Socialização feminina	Tradução
Mulheres indígenas no Brasil: Dificuldade de efetivação de direitos	15/04/2020	325	Movimento feminista	Direitos das mulheres; Mulheres indígenas	Artigo de opinião

A falsa transgressão da feminilidade: outro privilégio masculino	15/04/2020	394	Gênero	Feminilidade; Hipersexualização; Masculinidade	Tradução
Não tenha pressa de crescer	15/04/2020	709	Gênero	Cultura da pedofilia; Feminilidade; Meninas; Relacionamento abusivo; Socialização feminina	Conselho
Feminilidade	15/04/2020	304	Teoria feminista	Feminilidade	Tradução
A armadilha da feminilidade e as novas masculinidades	15/04/2020	459	Teoria feminista	Feminilidade; Identidade de gênero; Masculinidade	Tradução
“Você é diferente, não é como as outras da sua idade”	20/04/2020	270	Gênero	Abuso sexual; Adolescentes; Meninas; Relacionamento abusivo	Conselho
Nós mulheres nos defendemos!	29/04/2020	177	Movimento feminista	Coronavírus	Tradução
O mercado global da barriga de aluguel: Uma visão feminista	04/05/2020	409	Maternidade	Barriga de aluguel; Tráfico de mulheres; Tráfico sexual	Tradução
Seu feminismo chega à sua mãe?	05/05/2020	353	Maternidade	Filhas; Mães; Misoginia	Carta
No dia dos namorados, lembre-se: o pessoal é político	04/06/2020	609	Gênero	Cultura do estupro; Maternidade compulsória; O	Divulgação científica

					peçoal é político; Relacionamentos	
Guia de estudos sobre questões raciais	11/06/2020	247	Raça	Antirracismo; Feminismo negro; Lesbianismo; Mulheres racializadas	Texto de instrução	
Encarceramento em massa de mulheres no Brasil	11/06/2020	440	Gênero	Encarceramento; Mulheres encarceradas; Punitivismo	Ensaio	
Criminologia, Feminismo e Direito Penal	11/06/2020	1350	Teoria feminista	Criminologia; Direito penal; Feminismo; Punitivismo	Divulgação científica	
JK Rowling nas questões de sexo e gênero	13/06/2020	968	Gênero	Identidade de gênero; JK Rowling; Transativismo	Tradução	
O que é Cultura do Estupro?	05/07/2020	832	Sexo	Cultura do estupro; Estupro	Divulgação científica	
Cultura do estupro e a legislação de crimes sexuais	05/07/2020	670	Sexo	Direito penal; Estupro	Divulgação científica	
Desleal à Civilização: Feminismo, Racismo, Ginfobia	27/07/2020	183	Raça	Racismo	Tradução	
(Sobre) a raiva feminina	03/09/2020	315	Gênero	Raiva; Saúde mental	Tradução	
Gênero e saúde mental das mulheres	12/09/2020	301	Gênero	Depressão; Saúde mental; Transtorno afetivo	Tradução	
Ficar inerte não é feminista	15/09/2020	124	Movimento feminista	Ativismo; Feminismo; Militância	Artigo de opinião	

	Consentimento, coerção e culpabilidade	17/09/2020	73	Sexo	Prostituição	Tradução
	O backlash Queer	17/09/2020	111	Gênero	Identidade de gênero; Queer; Teoria Queer; Transgeneridade	Tradução
	Mulheridade: sobre sexo, papéis de gênero e autoidentificação	17/09/2020	318	Gênero	Identidade de gênero; Mulher; Teoria Queer	Tradução
	Tachando mulheres de loucas: Regulando e oprimindo mulheres	29/09/2020	355	Gênero	Histeria; Loucura; Saúde mental	Tradução
Gabrielle Polary: minha luta é a luta das mulheres; sou feminista radical por necessidade.	A queima das bruxas e o incêndio feminista	11/11/2019	562	Movimento feminista	Bruxas; História das mulheres; História do feminismo	Artigo de opinião
	Mulher, este é um convite à fúria	11/11/2019	210	Movimento feminista	Militância; Raiva	Texto de instrução
	A fatídica fábula patriarcal	17/12/2019	385	Movimento feminista	Capitalismo; Empoderamento; Feminismo liberal; Patriarcado	Artigo de opinião
	Bianca Andrade no BBB 20— uma análise feminista radical	02/03/2020	617	Gênero	BBB; Machismo; Reality show	Artigo de opinião
	Ser mulher em situação de rua em meio à pandemia	30/03/2020	246	Gênero	Coronavírus; Feminização da pobreza; Mulher em situação de rua	Artigo de opinião
	Isolamento em um relacionamento tóxico	31/03/2020	321	Gênero	Coronavírus; Relacionamento abusivo	Tradução

	Ciclos menstruais não param em pandemias	31/03/2020	172	Gênero	Coronavírus; Menstruação; Pobreza menstrual	Tradução
	Um desabafo sobre feminilidade e a escolha que eu não tive	15/04/2020	432	Gênero	Feminilidade; Meninas; Socialização feminina	Relato
	Luta Antimanicomial: da história da “loucura” à necessidade da despatologização	17/05/2020	420	Gênero	Luta antimanicomial; Manicomial; Saúde mental; Socialização feminina; Violência masculina	Divulgação científica
	Psicologia, saúde mental e feminismo	14/09/2020	204	Gênero	Psiquiatria	Divulgação científica
Glitch Feminista: WWADD: What would Andrea Dworkin do?	Não. Teen Vogue. trabalho sexual não é realmente trabalho	16/09/2019	176	Sexo	Prostituição	Tradução
	Sobreviventes incomodadas com o editorial aberto da Teen Vogue	19/12/2019	196	Sexo	Adolescentes; Mídia; Objetificação; Prostituição; Revistas	Tradução
	Por que é tão fácil estuprar e não ser punido	20/12/2019	201	Gênero	Estupro; Violência masculina; Violência sexual	Tradução
	A Culpa envenena as mulheres	18/01/2020	148	Gênero	Saúde mental; Socialização feminina	Tradução
	No patriarcado ninguém pode te ouvir gritar	02/02/2020	173	Gênero	Cultura do estupro; Estupro; Violência masculina	Tradução

Você não é 'demissexual', você é um ser humano normal.	02/02/2020	3142	Gênero	Demissexualidade; Relacionamentos; Sexualidade	Tradução
O mito da “mulher menor de idade”	03/02/2020	344	Gênero	Cultura da pedofilia; Cultura do estupro; Estupro; Meninas	Tradução
Sobre Drake, aliciamento e o interesse de homens poderosos em jovens meninas impressionáveis	01/03/2020	287	Gênero	Aliciamento; Assédio; Pedofilia	Tradução
O horror da grande pornografia	02/03/2020	674	Sexo	Pornografia	Tradução
Reivindicando a Feminilidade. Minando o Feminismo	10/04/2020	242	Movimento feminista	Feminilidade; Feminismo liberal	Tradução
Toda sub-rogação de útero (“barriga de aluguel”) é exploração	08/05/2020	304	Maternidade	Barriga de aluguel	Tradução
5 maneiras que pessoas justificam adultos fazendo sexo com menores de idade — e como isso não é ok	22/05/2020	4186	Gênero	Abuso infantil; Abuso sexual; Adolescentes; Assédio; Cultura da pedofilia; Cultura do estupro; Pedofilia	Tradução
Uma mulher nunca consegue ser agradável o suficiente	02/06/2020	434	Gênero	Assédio sexual; Cultura do estupro; MeToo; Violência masculina	Tradução
O casamento deve ser abolido.	04/06/2020	347	Gênero	Casamento; Casamento gay; Relacionamentos; União estável	Tradução

	De onde vêm os bebês “de aluguel”?	11/06/2020	238	Maternidade	Barriga de aluguel; Direitos das mulheres; Direitos humanos	Tradução
	A triste verdade sobre a “barriga de aluguel”	19/09/2020	141	Maternidade	Barriga de aluguel	Tradução
	Ninguém tem o “direito” de ter um bebê.	19/09/2020	88	Maternidade	Barriga de aluguel; Corpo	Tradução
Ingrid Peixoto: Uma leitora feminista, e nas horas vagas arquiteta e urbanista.	Como o patriarcado usa a cultura para socializar mulheres para se odiarem?	16/10/2019	523	Gênero	Machismo; Socialização feminina	Artigo de opinião
	Como um “feminismo para os 99%” despolitiza a luta das mulheres?	29/04/2020	654	Resenhas	Livros; Marxismo; Organização feminista	Resenha
	Feminista também erra?	11/06/2020	328	Movimento feminista	Feminismo; Mulheres; Queer; Sororidade	Artigo de opinião
	Precisamos acabar com o mito do homem abusador injustiçado	06/07/2020	861	Gênero	Cultura do estupro; Estupro; Violência masculina	Artigo de opinião
Jessica Miranda: Socióloga política falando de coisa séria e analisando de maneira crítica a realidade social.	Reflexões feministas e filosóficas sobre o sistema social e o Covid-19	31/03/2020	276	Gênero	Coronavírus; Divisão sexual do trabalho; Exploração do trabalho doméstico; Socialização feminina; Trabalho reprodutivo	Artigo de opinião
Katyusha: Feminista Abolicionista / Materialista /	As Exigências do Transativismo são um ataque aos direitos humanos reais.	02/03/2020	450	Gênero	Direitos das mulheres; Direitos humanos; Identidade de	Tradução

RADICAL; Estudante de Psicologia; 19 anos; Amante da arte.					gênero; Transativismo	
	O lado obscuro do Surrealismo que explorou a “Histeria” Feminina.	20/05/2020	388	Gênero	Arte; Histeria; História das mulheres; Loucura; Luta antimanicomial; Surrealismo	Tradução
	Precisamos falar sobre a infeliz circunstância atual do Vaginismo.	11/06/2020	862	Gênero	Falocentrismo; Nascer mulher; Saúde da mulher; Sexo; Vaginismo	Artigo de opinião
L. R.	Machismo na literatura brasileira: o cânone tem sexo, cor e classe social	16/10/2019	142	Gênero	Literatura; Machismo	Artigo de opinião
	Ninguém é binário	29/04/2020	1331	Gênero	Identidade de gênero; Não-binário	Tradução
	Teoria queer: a destruição das sujeitas revolucionárias	11/06/2020	759	Teoria feminista	História do feminismo; Pós-modernidade; Queer; Revolução feminista; Teoria Queer	Tradução
	Não é não! — mas só até a página dois	22/06/2020	570	Lesbianidade	Cotton ceiling; Lesbofobia; Transativismo	Artigo de opinião
	O sexo como eixo de opressão. Sim, o sexo	18/09/2020	206	Gênero	Corpo; Identidade de gênero	Tradução
Marcelle Fonseca: São demais os perigos dessa vida pra quem tem paixão.	Todo poder às lésbicas	19/12/2019	646	Lesbianidade	Estupro corretivo; Falocentrismo; Heteronormatividade; Heterossexualidade compulsória; Invisibilidade	Artigo de opinião

					lésbica; Lesbofobia	
Consentir é dar permissão	02/03/2020	136	Lesbianidade		Consentimento; Cotton ceiling	Artigo de opinião
Gorda	15/04/2020	892	Gênero		Auto-estima; Corpo; Feminilidade; Gordofobia; Socialização feminina	Artigo de opinião
Quando Rafael se torna Suzy. travestis e transexuais no cárcere	29/04/2020	234	Gênero		Abolicionismo penal; Cárcere; Transexualidade; Travestis	Artigo de opinião
A Cultura do Estupro em tempos de pandemia	29/04/2020	682	Sexo		Coronavírus; Cultura do estupro; Pandemia; Pornografia	Artigo de opinião
O crime de homotransfobia	11/06/2020	557	Gênero		Homofobia; Identidade de gênero; Lesbofobia; STF	Artigo de opinião
Lésbicas não devem nada a ninguém	22/06/2020	501	Lesbianidade		Cotton ceiling; Lesbofobia; LGBTQ	Artigo de opinião
A história de luta do movimento das lésbicas no Brasil	07/08/2020	758	Lesbianidade		História das mulheres; Lesbianidade; Lesbianismo político	Divulgação científica
Violência entre mulheres	17/08/2020	197	Lesbianidade		Relacionamento abusivo; Violência	Ensaio
A bandeira lésbica não é em tons de rosa	17/08/2020	1850	Lesbianidade		História das mulheres; Labrys	Artigo de opinião
O descaso com a saúde mental	29/09/2020	682	Gênero		Estresse; Manicomial;	Relato

					Saúde mental; TEPT; Terapia	
Maria Eduarda Antonino: "buceta ingovernável"	Mídia & feminismo	16/09/2019	326	Movimento feminista	Mídia	Divulgação científica
	Por que precisamos saber fazer uma análise de conjuntura feminista?	17/10/2019	144	Teoria feminista	Militância	Divulgação científica
	Ainda somos todas bruxas	11/11/2019	322	Movimento feminista	Bruxas; História das mulheres; História do feminismo	Ensaio
	Mulheres indígenas sob ataque	14/12/2019	454	Movimento feminista	Feminismo descolonial; Mulheres indígenas	Divulgação científica
	Trajetória da imprensa feminista no Brasil	19/12/2019	272	Movimento feminista	História do feminismo; Imprensa; Mídia	Divulgação científica
	Existe uma multitude colaborativa de mulheres anticapitalistas	01/02/2020	186	Movimento feminista	Anticapitalismo; Capitalismo; Neoliberalismo	Divulgação científica
	O útero é um universo	23/03/2020	226	Gênero	Corpo; Sexualidade; Socialização feminina; Útero	Ensaio
	O coronavírus é mais uma mazela para o feminismo	31/03/2020	299	Gênero	Coronavírus; Feminização da pobreza	Artigo de opinião
	Quem ama não deixa preso	11/06/2020	250	Gênero	Criminologia; Encarceramento; Justiça parcial	Artigo de opinião
	O tema do aborto no Congresso Nacional	19/09/2020	85	Maternidade	Aborto	Artigo de opinião

Mariana: lésbica furiosa	Ele é tão diferente assim?	01/06/2020	381	Gênero	Coletividade; Consciência de classe; Heterossexualidade; Relacionamentos	Artigo de opinião
	A origem da prostituição segundo Françoise Héritier.	11/06/2020	273	Sexo	História das mulheres; Indústria do sexo; Pré-história; Prostituição	Tradução
	Não use sua "identidade" para violar a minha	22/06/2020	377	Lesbianidade	Identidade de gênero; Lesbofobia	Artigo de opinião
Melina Bassoli: Professora, Socióloga e Artista - Visitem: http://estudioartemel.tumblr.com; http://cachalotepublicacoes.tumblr.com; http://leiamulheres.tumblr.com	As redes sociais fazem as meninas pensarem que serem asfixiadas durante o sexo é "normal"	02/02/2020	399	Sexo	Breath play; Pornografia; Violência masculina; Violência sexual	Tradução
	A Criação do Patriarcado	02/02/2020	1555	Resenhas	História das mulheres	Resenha
	Tráfico de Mulheres em Portugal para Fins de Exploração Sexual	02/03/2020	226	Resenhas	Violência masculina; Violência sexual	Resenha
	Fatos sobre o encarceramento de mulheres que sofreram violência doméstica nos EUA	15/03/2020	163	Gênero	Encarceramento; Mulheres encarceradas; Sistema prisional; Violência doméstica	Tradução
	Pobreza Menstrual	16/03/2020	355	Gênero	Feminização da pobreza; Menstruação; Pobreza menstrual	Divulgação científica

O Casamento Infantil	22/05/2020	330	Gênero	Abuso infantil; Casamento infantil; Pedofilia	Divulgação científica
De Baltimore a Bangladesh, vamos acabar com o casamento infantil	11/06/2020	675	Gênero	Casamento infantil; Crianças; LT; Meninas	Tradução
Refugiadas em São Paulo	11/06/2020	244	Gênero	Brasil; Direitos humanos; LT; Mulheres migrantes; Refugiadas	Ensaio
Dados sobre Crianças Refugiadas e Migrantes	11/06/2020	338	Gênero	Crianças; Direitos humanos; LT; Refugiadas	Tradução
Mulheres Migrantes Jovens Resistindo à Violência Patriarcal	11/06/2020	306	Movimento feminista	Direitos humanos; Juventude; LT; Mulheres migrantes; Refugiadas	Tradução
A Inquisição e a Tipificação de Condutas Femininas	11/06/2020	636	Gênero	Brujas; História das mulheres; Punitivismo	Divulgação científica
Assassinatos de Mulheres no Brasil sob a Ótica Racial	11/07/2020	467	Raça	Femicídio; Racismo; Violência	Artigo de opinião
Afro-alemãs	27/07/2020	170	Raça	Diáspora; Racismo	Tradução
As Mulheres e a Ciência	17/09/2020	98	Gênero	Ciência	Artigo de opinião
Os Direitos das Mulheres: Feminismo e Trabalho no Brasil (1917–1937) de Gláucia Fraccaro	17/09/2020	100	Resenhas	Direitos das mulheres	Resenha

	Feminismo e Religião	17/09/2020	179	Teoria feminista	Religião	Divulgação científica
Nathalia Gouveia: Feminista radical, vegetariana, psicóloga, pernambucana.	Pandora, Eva e a culpa feminina	19/12/2019	961	Gênero	Culpa; Estupro; Socialização feminina	Artigo de opinião
	Alternativas além da transição: um guia para lidar com a disforia de gênero sem repressão	19/12/2019	332	Gênero	Criança trans; Disforia; Estereótipos de gênero; Identidade de gênero; Socialização feminina; Socialização masculina; Transgeneridade	Tradução
	O delírio masculino: A leitura feminista da Psicanálise desmascara o Falo	30/01/2020	702	Gênero	Psicanálise; Saúde mental; Socialização feminina	Ensaio
	O tabu da rejeição às normas de beleza—um elogio às desfeminilizadas.	14/04/2020	387	Gênero	Desfeminilização; Feminilidade; Indústria da beleza; Socialização feminina	Artigo de opinião
	Nota rápida sobre a feminilidade	15/04/2020	311	Gênero	Feminilidade	Artigo de opinião
	Garota Exemplar. aprovação masculina e a feminilidade perfeita	29/04/2020	839	Gênero	Filmes; Machismo; Socialização feminina	Resenha
	Saúde mental feminina	20/05/2020	363	Gênero	Luta antimanicomial; Saúde mental; Socialização feminina	Artigo de opinião

	Pornografia, cultura do estupro e a violência nas relações	11/06/2020	1792	Sexo	BDSM; Cultura do estupro; Fetiche; Indústria do sexo; Pornografia	Divulgação científica
Natasha Orestes: Natacha Orestes aka #ProjetoHisteria (@brasilcontrasap no Instagram).	O que o Movimento de Mulheres Curdas ensina ao feminismo ocidental?	11/11/2019	161	Movimento feminista	Feminismo liberal; Jinealogia; Mulheres curdas	Tradução
Pollyana Meira: <3	Feminismo Islâmico: a história/origem do véu	11/11/2019	312	Movimento feminista	Feminismo islâmico; Jihab	Tradução
Priscila Galvão: Indiretas grandes demais, análises que ninguém nunca pediu e uns textos que eu escrevo quando sinto por dois	Eu, preta e (ex) bulímica	29/09/2020	86	Raça	Saúde mental; Transtorno alimentar	Relato
QG Feminista: QG Feminista é Feminismo em Revista	Visibilidade lésbica e feminilidade	15/04/2020	294	Lesbianidade	Desfeminização; Feminilidade; Lesbofobia	Artigo de opinião
	#01 – O que é o feminismo	28/05/2020	655	Podcast	Capitalismo; Feminismo liberal; Feminismo radical; NE; Patriarcado; Podcast	Podcast

	#02 – Patriarcado, a força invisível	28/05/2020	324	Podcast	Capitalismo; Patriarcado; Racismo; Violência masculina	Podcast
	#03 – Feminilidade	28/05/2020	311	Podcast	Essência feminina; Feminilidade; Masculinidade; Sagrado feminino	Podcast
	#04 – Maternidade	01/06/2020	503	Podcast	Aborto; Barriga de aluguel; Contracepção; Exploração do trabalho doméstico; Maternidade compulsória; Maternidade real	Podcast
	J.K. Rowling: “Não é ódio falar a verdade.”	11/06/2020	994	Gênero	Gênero; JK Rowling; Polêmica; Queer; Sexo	Tradução
	Eu quero uma trégua de 24 horas sem estupro	07/07/2020	504	Sexo	Estupro; Violência masculina	Tradução
	#05 – Socialização não falha?	09/07/2020	549	Podcast	Socialização feminina; Socialização masculina	Podcast
	#06 – Racismo no Feminismo	05/08/2020	461	Podcast	Raça; Racismo	Podcast
	#07 – Heterossexualidade Compulsória	27/08/2020	490	Podcast	Heterossexualidade compulsória; Lesbianidade; Lesbofobia; Relacionamentos lésbicos	Podcast

	A biologia é parcialmente culpada por doença mental em mulheres — o resto é social	04/09/2020	199	Gênero	Saúde da mulher; Saúde mental; Socialização feminina	Tradução
	A Importância do Autocuidado para Militantes no Meio Virtual	29/09/2020	94	Movimento feminista	Autocuidado; Feminismo; Mulheres; Resistência	Ensaio
	Escuta Ativa entre Mulheres	29/09/2020	108	Movimento feminista	Autocuidado; Feminismo; Mulheres	Divulgação científica
	#8 – Saúde Mental das Mulheres	01/10/2020	286	Podcast	Saúde mental; Socialização feminina	Podcast
	Como a pornografia cria o cliente?	10/10/2020	419	Sexo	#Principal; Aliciamento; Indústria do sexo; Pobreza feminina	Tradução
	O que é o Modelo Nórdico?	21/10/2020	241	Sexo	#Bloco14; Indústria do sexo; Modelo nórdico; Violência sexual	Tradução
	O Modelo Germânico está produzindo o inferno na terra.	21/10/2020	617	Sexo	#Bloco14; Exploração sexual; Indústria do sexo; Modelo germânico	Tradução
rad and furious: "23 radfem"	Por que a jornada das mulheres não possui destaque?	16/10/2019	214	Gênero	Cultura; Machismo; Mídia	Artigo de opinião
	Ser feminista e se relacionar com homens — O dilema.	01/06/2020	818	Gênero	Heterossexualidade compulsória; Relacionamento abusivo; Relacionamentos	Artigo de opinião

	Ele é mais velho, mas está tudo sob controle.	11/06/2020	519	Gênero	Nascer mulher; Relacionamento abusivo; Relacionamentos; Socialização feminina	Conselho
	Desabafo sobre o “body positive” em corpos padrões.	17/09/2020	143	Gênero	Corpo; Gordofobia	Artigo de opinião
Sabrina Falcão	Foi assim que eles quebraram nossas avós	11/11/2019	160	Gênero	Bruxas; História das mulheres; História do feminismo	Tradução
	Cartas de mulheres implorando por um aborto, enviadas em 1917, são um espelho dos e-mails enviados atualmente	17/12/2019	199	Gênero	Aborto; Controle reprodutivo	Tradução
	Ao debater sobre banheiros, conte a história direito	06/01/2020	356	Gênero	Banheiro; Direitos das mulheres; Espaços exclusivos para mulheres; Identidade de gênero	Tradução
	A vida de Solanas como testemunho do que é ser mulher	01/02/2020	262	Gênero	Arte; Machismo	Tradução
	Eu sou crítica de gênero e quero que você saiba o motivo	01/02/2020	593	Gênero	Criança trans; Identidade de gênero; Transativismo; Transfobia; Transgeneridade; Transição	Tradução
	Um Pop Quiz para mulheres brancas	29/02/2020	233	Raça	Branquitude; Racismo	Tradução

	A leitura feminista realmente pode ajudar a vencer a anorexia	20/05/2020	212	Gênero	Anorexia; Luta antimanicomial; Socialização feminina	Tradução
	Em 1851, Sojourner Truth disse “Não sou uma mulher?”	28/07/2020	150	Raça	Abolição; Escravidão; Sufragismo	Tradução
	Por que a medicina trata as mulheres como homens?	18/09/2020	96	Gênero	Corpo	Tradução
tammuzs: tradução	O Significado de Nosso Amor pelas Mulheres É O Que Devemos Expandir Constantemente	19/12/2019	340	Lesbianidade	Lesbofobia	Tradução
	É a lésbica em nós	19/12/2019	451	Lesbianidade	Branquitude; Literatura; Raça	Tradução
Radio Fêmea: Na frequência das mulheres	Foi mal. Paulo Guedes: quem salvou o Brasil foi a Natura	18/09/2020	97	Gênero	Feminilidade	Artigo de opinião
	Mulheres, quarentena e o efeito batom	18/09/2020	138	Gênero	Efeito batom; Feminilidade; Pandemia	Artigo de opinião
	As mulheres são reféns: manifestações contra o cartel de estupro na Coreia do Sul	18/09/2020	100	Sexo	Prostituição	Tradução
	A construção de uma estrela pornô pré-adolescente	08/10/2020	787	Sexo	#Principal; Aliciamento; Cultura do estupro; Indústria pornográfica	Tradução
Tamillys Lirio: Mulher Negra, Psicóloga. Aqui consigo	O peso do silêncio	30/01/2020	296	Raça	Racismo; Saúde mental; Socialização feminina	Ensaio

escrever o que por muitos anos foi silêncio.	Afinal, eu sou uma fraude?	04/09/2020	351	Gênero	Saúde da mulher; Saúde mental; Síndrome de impostora	Ensaio
Winnie Lo: traduzir pra sobreviver	Mais bruxas. E todos os dias, mais bruxas.	11/11/2019	195	Movimento feminista	Bruxas; Militância	Tradução
	Sexo sem desejo	30/01/2020	434	Sexo	Consentimento; Estupro; Prostituição; Socialização feminina	Tradução
	O coronavírus é um desastre para o feminismo	31/03/2020	216	Gênero	Coronavírus; Divisão sexual do trabalho; Exploração do trabalho doméstico	Tradução
	Não é possível ser ao mesmo tempo feminista e sionista	01/04/2020	178	Movimento feminista	Mulheres palestinas; Sionismo	Tradução
	Pelo fim da apropriação das pessoas indígenas “dois-espíritos” pela política trans	14/04/2020	235	Gênero	Identidade de gênero; Mulheres indígenas; Transativismo; Transgêneridade	Tradução
	Mecanismos de sobrevivência e laço traumático na prostituição	19/05/2020	166	Gênero	Prostituição; Saúde da mulher; Saúde mental	Tradução
	Allison Bailey: “Estou processando a ONG Stonewall, basta de policiar a liberdade de expressão”	18/09/2020	81	Gênero	Identidade de gênero; LGBT	Tradução

	Uma resposta contextualizada à apropriação da Mulheridade Negra	20/09/2020	645	Raça	Feminilidade; Transativismo	Tradução
Yasmin Morais: Escritora, fundadora do projeto Vulva Negra e discente em Jornalismo. Acompanhe o meu trabalho no link a seguir: https://linktr.ee/YasminMorais	Ser uma adolescente negra pode matar-te por dentro	18/01/2020	439	Raça	Saúde mental; Socialização feminina	Divulgação científica
	A Indústria Musical: Beyoncé e o Colorismo	01/03/2020	250	Raça	Colorismo; Indústria musical; Machismo; Racismo	Divulgação científica
	Como o Amor está Matando as Mulheres	02/06/2020	430	Gênero	Cultura; Mídia machista; Relacionamentos; Violência masculina	Divulgação científica
	O que é Sororidade?	11/06/2020	553	Conceitos básicos	História das mulheres; Hostilidade horizontal; Socialização feminina; Sororidade	Divulgação científica
	O que é Afromisoginia?	19/07/2020	674	Raça	Afromisoginia; Racismo	Divulgação científica
	A opressão a qual não sentes, a opressão a qual não vês.	19/07/2020	377	Raça	Afromisoginia; Interseccionalidade; Mulheres negras	Divulgação científica
	O que é o Feminismo Negro?	28/07/2020	646	Conceitos básicos	Movimento negro; Mulheres negras; Sufrágio feminino	Divulgação científica